UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Cíntia Carvalho

Práticas de cuidado na interação de crianças em contexto de acolhimento institucional

Ribeirão Preto
2019

CÍNTIA CARVALHO

Práticas de cuidado na interação de crianças em contexto de acolhimento institucional.

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof[a]. Dra. Kátia de Souza Amorim

Ribeirão Preto

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Universidade de São Paulo

Carvalho, Cíntia
Práticas de cuidado na interação de crianças em contexto de acolhimento institucional. Ribeirão Preto, 2019.
181 f.: il. ; 30cm.

Tese de Doutorado, apresentada no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.
Orientador: Amorim, Katia de Souza

1. Acolhimento institucional. 2. Interação de crianças. 3. Bebês.
4. Práticas de cuidado

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cíntia Carvalho

Práticas de cuidado na interação de crianças em contexto de acolhimento institucional

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências. Área: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento.

Aprovado em: 31/05/2019

Banca Examinadora

Profa Dra. Kátia de Souza Amorim (Orientadora)
Instituição: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

Profa. Dra. Maria Clotilde Therezinha Rossetti Ferreira
Instituição: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP
Julgamento: Aprovada

Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos
Instituição: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP
Julgamento: Aprovada

Prof. Dr. Reinaldo Furlan
Instituição: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP
Julgamento: Aprovada

Profa Dra. Lília Iêda Chaves Cavalcante
Instituição: Universidade Federal do Pará
Julgamento: Aprovada

Dra. Fernanda Neisa Mariano
Instituição: Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo
Julgamento: Aprovada

“Dedico essa pesquisa a todas as pessoas que tiveram vivências de abrigo e que, mesmo diante das multifacetadas dificuldades impostas à vida, puderam encontrar no contato com o outro, o amparo, o afago e outros cuidados essenciais para a continuidade de suas trajetórias”.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Reservei um agradecimento especial à minha Professora e orientadora **Dra. Kátia de Souza Amorim.** Eu sempre tive vontade de fazer uma pesquisa de doutorado com um(a) orientador(a) que me seduzisse pela pesquisa engajada por este, mas fundamentalmente que me seduzisse pela forma de Ser no mundo e Com os outros. A Kátia tem minha admiração e gratidão por todos esses elementos. Ela me recebeu, ensinando. Nosso primeiro contato, com o intuito de conversarmos acerca do andamento do projeto, depois de longa viagem feita por mim, foi num restaurante que ela sugeriu, pois havia imaginado que eu chegaria com fome... Jamais esquecerei como ela conversou com um homem que nos abordou ao chegar no restaurante. Um homem visivelmente sob condições de vivências de rua. O tratou com dignidade, olhou em seus olhos e estabeleceu um diálogo com ele, ali mesmo, antes de entrarmos. Naquele instante, vendo sua postura tão respeitosa com aquele homem maltrapilho, eu pensei: "Eu fiz a escolha certa!" E fiz mesmo. Eu, felizmente posso dizer que fui feliz em ter a professora Kátia de Souza Amorim como orientadora de doutorado, se fosse outro(a) professor(a), talvez não estivesse aqui hoje, fazendo os agradecimentos dessa tese. Uma professora com formação em Medicina, amante e estudiosa da Psicologia, Pesquisadora engajada nas potencialidades de desenvolvimento e aprendizagem de bebês, eu reconheci nela uma profissional ímpar, além de pessoa extremamente humana e empática com todos do nosso grupo de estudos e pesquisas por ela liderado: o CINDEDI (Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação). A Kátia é uma professora que sabe lidar com as linhas tênues da sanidade e loucura pelas quais, vestigiados pela vida, por vezes, nos afundamos na Pós-Graduação. Eu não consegui produzir muito nesses anos, mas fui agraciada por alguém que valorizou cada vírgula que minha concentração deu conta de exprimir; fui encorajada, elogiada e não sofri com expressões de descrédito. A Kátia é detalhista, exigente, ela lê tudo que entregamos a ela, ela questiona, orienta, ensina... Ela é atenciosa, respeita os limites do outro, te incentiva, te aconselha, te acolhe, te cuida... ela nunca exigiu nada que não pudéssemos conseguir em dado instante, nem tão pouco deixou de nos desafiar de maneira motivadora. Queria te agradecer, Kátia, por ter sido você a minha professora e orientadora. Por estar sempre apoiando seus alunos a lidarem com a Ciência de maneira prazerosa, a fazer viagens, partilhas de experiências, vivências ricas com parceiros de pesquisa, sempre tentando tornar a pesquisa um universo de possibilidades para todas nós, carregadas de sentidos! Essa aprendizagem, apesar de eu não ter vivido todas essas experiências, vou carregar para o futuro, a fim de conservar a possibilidade de viver cada uma delas. Queria, sobretudo, agradecer por sua humanidade, essa que você carrega em sua prática docente e como pesquisadora. A pesquisa seria menos dolorosa se todos tivessem um pouco de sua bagagem, sua densidade psíquica, sua amorosidade, seu Cuidado e acolhimento! Gratidão imensa!

AGRADECIMENTOS QUE SE ESTENDEM...

À professora **Maria Clotilde Rossetti-Ferreira**, primeiramente por ser essa pessoa tão ativa, envolvida com as causas das crianças, cheia de sabedoria e conhecimento para partilhar... Sempre com uma história interessante para somar às nossas vidas e formação. Gratidão pelas sugestões, conselhos, apontamentos, amizade, amorosidade e por ser parte essencial e estar sempre conosco no CINDEDI (Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação);

Às companheiras de trabalho junto ao CINDEDI, pelas infinitas trocas. Esse é um grupo coeso, que te possibilita infinitas partilhas acerca do conhecimento científico, mas também é um grupo gerido e mobilizado pelo afeto: Lúcia Tinos, Gabriella Moura, Stella Villar, Marisa von Dentz, Ludmilla Dell'Isola Ferreira, Natália Santos Costa, Kaira Neder, Andreia Tame.

À minha terapeuta, Paula Curti, por se manter firme ao meu lado durante essa trajetória.

Ao excelentíssimo Juiz, Cássio Roberto dos Santos, pela receptividade, pela preocupação em melhor atender as crianças inseridas em uma instituição de acolhimento e presteza na avaliação, aprovação e consentimento do projeto, imprescindível para a realização desta pesquisa.

À Secretaria de Assistência Social e ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente pelas reuniões e aceitação da proposta em campo.

Às cuidadoras e equipe técnica da instituição de acolhimento, pela acolhida e contribuições durante todo o processo de coleta desta pesquisa.

Às crianças e aos adolescentes da instituição de acolhimento que estiveram comigo nesse período. Mesmo com histórias tão adversas trazidas de suas relações primordiais, estas que as marcam profundamente, não as fizeram sucumbir na não entrega aos laços afetivos, nem as impediram de viver infinitas maneiras de buscarem umas nas outras, a afetividade, a reciprocidade, o cuidado...a vida! Ainda ouço suas vozes e vejo seus sorrisos! Gratidão pelo carinho e receptividade!

À minha família, por terem sido pacientes com minha ausência nesse período.

Em especial, à minha mãe, Vera Lúcia e meu padrasto, Neubes, por terem me ofertado ajuda quando precisei.

Ao querido amigo e primo, Clarindo Carvalho Barros, que não mediu esforços em tornar meus dias alegres e me incentivar em momentos difíceis (in memoriam)

Aos amigos queridos, pela compreensão aos períodos impostos de espera, com gestos, palavras importantes nessa caminhada, bem como, por terem me oferecido abrigo em Ribeirão Preto ou força e paz em horas difíceis: Stella Vilar, Ramuce Pereira Marques, Gabriella Moura, Geraldino Araújo, Ana Luiza Bossolani, Ludmilla Dell'Isola Ferreira, Marisa von Dentz, Raquel Cardozo Paiva, Soraia Estevão Russo, Bruno Carvalho, Priscila Kanamota, Renata Bellenzani; e, aos que me deram algum importante suporte na realização do trabalho, sugerindo ideias, modificações textuais, dando dicas de programas de edições de vídeos, de imagens, conversores, orientações para a utilização de algum gráfico, traduções, entre outros: Gabriella Moura, Geraldino Araújo, Silvio Moreira, Juliano Setsuo Violin Kanamota, Peter Endemann, Ronie Charles de Andrade, Marisa von Dentz e Natália Santos Costa.

Às pessoas queridas que ajudaram a cuidar carinhosamente de meus gatos e da minha casa quando precisei estar fora de casa: Rosemeire, Nany Maciel e Ivani. Gratidão!

"A dor nem sempre é bem sucedida, tão poderosos são os vínculos com os significados que dão à vida um propósito" (Bruner, 1997, p.29).

RESUMO

Carvalho, C (2019) *Práticas de cuidado na interação de crianças em contexto de acolhimento institucional* (Tese de Doutorado). Programa de Pós Graduação em Psicologia, na Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Os conhecimentos produzidos acerca das interações de bebês em contextos coletivos têm priorizado suas interações com os adultos. Em contextos de acolhimento institucional de crianças em situação de vulnerabilidade, isso se repete, o estudo de bebês nesse contexto estando imerso em invisibilidade. Entendendo que o ser humano é relação, tal característica estando presente mesmo no bebê, hipótese do trabalho é de que suas interações ali poderiam ser mais efetivadas com outras crianças acolhidas já que, nesse contexto, funcionárias são orientadas a não se apegar aos bebês e/ou dispensam pouca presença pela sobrecarga de trabalho. Assim, o objetivo foi investigar as ocorrências de práticas de cuidado na interação de crianças e bebês em situação de acolhimento institucional. A pesquisa teve fundamentação na perspectiva da Rede de Significações*,* de referencial histórico-cultural. O estudo foi realizado em instituição de acolhimento do interior do Mato Grosso do Sul, de onde se selecionou dois bebês focais – Caio e Ana (de sete e dez meses) -, sem parentesco entre eles. Além deles, foram participantes as crianças também acolhidas naquele período e a própria pesquisadora. Foram realizadas 47 videogravações, de trinta minutos cada, por seis meses, sendo três meses com cada bebê focal. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com funcionários da instituição e, ainda, construiu-se diário de campo. A noção de cuidado foi baseada nos conceitos de Heidegger - Cuidado por Ocupação (baseado em tarefas) e Cuidado por Preocupação (baseado no Ser Com). O cuidado por preocupação teve tonalidades diversas: Atenção, como ir em direção ao bebê, quando o percebia sozinho; Solicitude, como ir em direção ao bebê, em decorrência de expressividades diversas; e, Preocupação/tensão, ir em direção ao bebê, para protegê-lo/ socorrê-lo em situações de perigo. À análise, verificou-se muitas interações das crianças, a maioria concentrada em brincadeiras. Com relação às práticas de cuidado, verificou-se grande ocorrência nas interações das crianças com os bebês e mesmo na interação de bebês, envolvendo as três tonalidades acima. Os cuidados eram, em grande parte, de interações recíprocas, diádicas e comumente viabilizadas por crianças mais velhas (multietárias). Os parceiros que ofertaram cuidados diferenciados eram os mais afetivos e buscados pelos bebês. Embora os cuidados fossem mais ofertados por meninas, este estudo demonstrou que meninos também cuidaram dos bebês. No caso de Ana, as interações não envolviam crianças com grau de parentesco, diferentemente do caso de Caio, que foi bastante cuidado pela irmã. Discute-se a importância do estabelecimento de relações naquele contexto, particularmente nos grupos de irmãos, de forma que possam preservar identidade familiar e manutenção dos vínculos afetivos. As interações permeadas por trocas afetivas foram vistas, como tendo indícios de empatia pelas crianças, mesmo as bem novas, sendo uma questão conceitual a ser explorada em futuros estudos. Pontua-se que tais interações e práticas de cuidados não devem substituir os cuidados dos adultos. A mediação pelo adulto é fundamental e deve ser implementada, inclusive considerando a questão da organização das crianças e sua localização dentro do ambiente de acolhimento.

Palavras-chave: Acolhimento institucional. Interação de crianças. Bebês. Práticas de cuidado.

ABSTRACT

Carvalho, C (2019) *Care Practices in babies' interactions in institutional care environment* (Doctoral thesis). Psychology Graduate Program, Department of Science and letter of University of São Paulo, Ribeirão Preto.

Interactions of babies with adults in collective contexts have been prioritized by most research literature. In institutional care of vulnerable babies, researches are immersed in invisibility. The relationship that features the human being is present even in the baby. Our work hypothesis is that babies' interactions could be great effective when occur with children. In that context, employees are oriented not to attach to the babies and pay little attention due to work overload. The objective was to investigate the occurrences of care actions within the interaction of children and babies in an institutional host situation. The research was based on the Network of Meanings, historical, and cultural perspectives. The study was carried out in a care institution in the interior of Mato Grosso do Sul, from which two focal babies - Caio and Ana (seven and ten months old) - were selected, without any relationship between them. In addition, children who were also welcomed in the care institution and the researcher herself participated. For six months, thirty minutes of each 47 video were recorded, three months with each of two focal babies. Also, semi-structured interviews were conducted with employees of the institution, and a kind of logbook was also written to better understanding institutional dynamics. The notion of care was based on the Heidegger concepts - Care for Occupation (based on tasks) and Care for Concern (based on Being With). Care for worry had several tones: Attention, Solicitude, Worry, that is how heading towards the baby, when it was alone or crying, and protect or help it in dangerous situations. At the analysis, many interactions of the children were verified, most concentrated in jokes. With regard to the care practices, there was a great occurrence in the interactions of the children with the babies and even in the babies' interaction involving the three shades above. Care was largely of reciprocal interactions, dyadic and commonly made feasible by older children (multistage). Partners who offered differentiated care were the most affectionate and sought after by baby. Although the care was more offered by girls, this study showed that boys also care. In Ana's case, interactions did not involve children with a degree of kinship, unlike the case of Caio, who was taken care of by her sister. It is discussed the importance of establishing relationships in that context, particularly in sibling groups, so that they can preserve family identity and maintain affective bonds. Interactions permeated by affective exchanges were seen as having signs of empathy for children, even the new ones, being a conceptual issue to be explored in future studies. It is pointed out that such interactions and caring practices should not replace the care of adults. Mediation by the adult is fundamental and should be implemented, including considering the issue of the organization of children and their location within the care environment.

Key-words: Institutional care. Babies interactions. Babies. Care actions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Esquema da estrutura física da Casa de Acolhimento. 61

Figura 2: Bebê focal 1 (Ana, 10 meses). 64

Figura 3: Bebê focal 2 (Caio, 07 meses). 64

Figura 4: Bebê focal 1 (Ana, 10 meses). 78

Figura 5: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Ana (10 meses), no primeiro mês. 87

Figura 6: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Ana (11 meses), no segundo mês. 90

Figura 7: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Ana (12 meses), no terceiro mês. 93

Figura 8: Parceiros que cuidaram de Ana (10 meses), no primeiro mês. 95

Figura 9: Parceiros que cuidaram de Ana (11 meses), no segundo mês. 97

Figura 10: Parceiros que cuidaram de Ana (12 meses), no terceiro mês. 99

Figura 11: Tipos de cuidado com Ana (10 meses), no primeiro mês. 103

Figura 12: Tipos de cuidado com Ana (11 meses), no segundo mês. 106

Figura 13: Tipos de cuidado com Ana (12 meses), no terceiro mês. 108

Figura 14: Cenas do episódio "*Alguém me tira daqui?"* 110

Figura 15: Cenas do episódio *"Não, meu bebê!"* 112

Figura 16: Cenas do episódio "*Vem, vamos lá!"* 114

Figura 17: Bebê focal 2 (Caio, 07 meses). 115

Figura 18: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Caio (07 meses), no primeiro mês. 123

Figura 19: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Caio (08 meses), no segundo mês. 125

Figura 20: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Caio (09 meses), no terceiro mês. 127

Figura 21: Parceiros que cuidaram de Caio (07 meses), no primeiro mês. 129

Figura 22: Parceiros que cuidaram de Caio (08 meses), no segundo mês. 130

Figura 23: Parceiros que cuidaram de Caio (09 meses), no terceiro mês. 132

Figura 24: Tipos de cuidado com Caio (07 meses), no primeiro mês. 134

Figura 25: Tipos de cuidado com Caio (08 meses), no segundo mês. 135

Figura 26: Tipos de cuidado com Caio (09 meses), no terceiro mês. 137

Figura 27: Cenas do episódio *"Que delícia! Que delícia!"* 138

Figura 28: Cenas do episódio *"Ele caiu, gente!"* 140

Figura 29: Cenas do episódio *"Tá com fome?"* 142

Figura 30: Cenas do episódio *"O que foi?"* 144

Figura 31: Cenas do episódio *"Quer a bolacha?"* 146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Crianças em acolhimento institucional durante o processo de investigação..... 65

Quadro 2 – Dados das Cuidadoras entrevistadas. 67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Mapeamento Geral das interações de Ana (10 meses) e as demais crianças, no primeiro mês. 86

Tabela 2: Mapeamento geral das interações de Ana (11 meses) e as demais crianças, no segundo mês. 88

Tabela 3: Mapeamento geral das interações de Ana (12 meses) e as demais crianças, no terceiro mês..... 91

Tabela 4: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no primeiro mês. 94

Tabela 5: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no segundo mês. 96

Tabela 6: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no terceiro mês. 99

Tabela 7: Mapeamento geral das interações de Caio (07 meses) e as demais crianças, no primeiro mês. 122

Tabela 8: Mapeamento geral das interações de Caio (08 meses) e as demais crianças, no segundo mês. 124

Tabela 9: Mapeamento geral das interações de Caio (09 meses) e as demais crianças, no terceiro mês..... 126

Tabela 10: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no primeiro mês. 128

Tabela 11: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no segundo mês. 130

Tabela 12: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no terceiro mês. 132

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - UM OLHAR CONTEXTUAL AOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NO BRASIL 27
1.1 O que é o acolhimento institucional? 27
1.2 O que se estuda sobre acolhimento institucional? 29
1.3 Metodologia dos estudos e resultados encontrados, na revisão da literatura 34

CAPÍTULO 2 - INTERAÇÃO DE CRIANÇAS 39
2.1 De onde se parte? 39
2.2 A comunicação emocional do bebê em processo de interação. 40

CAPÍTULO 3 - O CUIDADO NAS INTERAÇÕES DE CRIANÇAS 43
3.1 O que é o cuidado? 43
3.2 O cuidado sob enfoque filosófico de Martin Heidegger 45

4 HIPÓTESES E OBJETIVOS 51
4.1 Hipóteses 51
4.2 Objetivos 52

5 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO 53
5.1 A Rede de Significações (RedSig) 53
5.2 Estudo de Casos 53
5.3 Aspectos éticos 54
5.4 Contexto Institucional 55
5.5 Estrutura e Funcionamento da Instituição 56
5.6 Sobre a estrutura física da instituição de acolhimento 60
5.7 Participantes do Estudo 64
5.8 Registro da situação 67
5.9 Construção do corpus e análise de dados 69

6 RESULTADOS 73
6.1 O cotidiano institucional na perspectiva das cuidadoras 73
6.2 O Cotidiano institucional a partir das observações da rotina das crianças 76
6.3 Estudo de Caso 1: Ana (10 meses) 78

6.3.1 Interações de Ana com outras crianças: aspectos gerais 79
6.3.2 Mapeamento geral das interações e dos parceiros de interações com Ana (10 meses) ... 85
6.3.3 Interações envolvendo práticas de cuidado com Ana: parceiros e local onde as interações ocorreram 93
6.3.4 Práticas e tipos de cuidado na interação com Ana 100
6.3.5 Descrição e ilustração de episódios de Ana, envolvendo cuidados 109
6.4 Estudo de Caso 2: Caio (07 meses) 115
6.4.1 Interações de Caio com outras crianças: aspectos gerais 116
6.4.2 Mapeamento geral das interações e dos parceiros de interações com Caio (07 meses) 121
6.4.3 Interações envolvendo práticas de cuidado com Caio, parceiros e local onde as interações ocorreram 128
6.4.4 Práticas e tipos de cuidado, na interação com Caio 133
6.4.5 Descrição e ilustração de episódios de Caio, envolvendo cuidados 138
6.5 Interações bebê-bebê: os encontros de Ana e Caio 143

7 DISCUSSÕES 147

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 161

9 REFERÊNCIAS 163

APÊNDICE 177

ANEXOS 179
ANEXO A - Autorização Judicial 179
ANEXO B - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa 181

CAPÍTULO 1 - UM OLHAR CONTEXTUAL AOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NO BRASIL

1.1 O que é o acolhimento institucional?

Acolhimento institucional é o termo atualmente utilizado à prática de acolhimento provisório de crianças e adolescentes, os quais se encontram em situação de risco pessoal ou social, acolhimento aquele que visa garantir a proteção integral dos mesmos. Esse termo foi utilizado no Estatuto da Criança e do Adolescente, alterado pela Lei 12.010, em substituição a "abrigo", antes utilizado nos documentos oficiais.

Acolher, segundo alguns dicionários significa “hospedar”, “agasalhar”, “aceitar”, “receber”, “abrigar” (Ferreira, 2010); ou, “dar acolhida”, “escutar”, “atender”, “ter em consideração”, “refugiar-se” (Rios, 2010, p.46). Dessa forma, acolhimento seria um lugar concreto e/ou subjetivo de proteção, de refúgio.

No Brasil, portanto, o acolhimento institucional teria como função acolher temporariamente crianças e adolescentes de 0 a 18 anos, que por diferentes motivos, foram afastados do convívio com a família ou de seus responsáveis. Usualmente, tais afastamentos se dão pelo fato de essas pessoas terem tido seus direitos violados, seja por terem sido abandonadas ou porque a família não conseguiu ofertar o cuidado e a proteção necessária à saúde física e psicológica dos mesmos, como previsto em lei (Lei, 12.010/09).

O serviço de acolhimento geralmente é oferecido em uma residência, sem indicações expostas na parte externa da mesma, para que se possa preservar a identidade das crianças e dos adolescentes ali presentes. O espaço e as condições devem ser adequados para a quantidade de crianças e adolescentes atendidos; e, a instituição deve ser composta por equipe profissional, a saber: coordenador, equipe técnica (psicólogo, assistente social, entre outros), educador/cuidador e auxiliar de educador/cuidador (Coordenadoria da Infância e Juventude, 2009).

As instituições de acolhimento podem ser de caráter governamental ou não governamental, ambos os tipos devem ter seus programas inscritos no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, programas que serão avaliados pelo Conselho Tutelar, Ministério Público e Justiça da Infância e Juventude. Se o serviço de acolhimento fizer parte do âmbito municipal, ele deverá estar vinculado à Secretaria de Assistência Social,

bem como toda a equipe que se destinará à prestação desse atendimento (Coordenadoria da Infância e Juventude, 2009).

De acordo com o artigo 19, do parágrafo 1°, do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a criança e o adolescente que tiverem sido inseridos no programa de acolhimento institucional precisam ter suas situações avaliadas judicialmente a cada seis meses. Ainda, a permanência da criança e do adolescente no serviço não poderá ultrapassar o prazo de dois anos, salvaguardados casos excepcionais que, por decisões judiciais, serão mantidos na instituição sob a prerrogativa de que seja a melhor medida protetiva.

A instituição de acolhimento ainda carrega em sua essência certas concepções historicamente construídas da antiga lógica dos orfanatos e internatos. Em muitos dos casos, preserva-se uma estrutura fortemente hierárquica e rotinas que encerram uma rigidez disciplinar no trato com as crianças já que elas, na maior parte das vezes, não são vistas em suas particularidades. A institucionalização traz, assim, uma lógica que tende a não priorizar as necessidades e demandas individuais das crianças, nitidamente priorizando normas e regulações feitas pelos adultos com o intuito de garantir certa ordenação no ambiente e disciplinarização dos comportamentos das crianças. Altoé (2008) faz uma menção a esse contexto como tendo "características importantes que se repetem em quase todo atendimento institucional: a criança é tratada como um objeto, sua individualidade não é respeitada, não é dada importância ao estabelecimento de relações afetivas" (p.27).

No cuidado específico aos bebês acolhidos, não raras vezes, estes são separados abruptamente dos seus familiares e mesmo de seus irmãos dentro das instituições. No novo espaço, aqueles precisam de alguma maneira se adaptar aos cuidados de novas pessoas, apesar de que usualmente não há a preparação dessa fase de transição (Almeida, 2014).

Outros fatores também relevantes a serem considerados na tentativa de compreender a baixa atenção dada às necessidades e demandas dos bebês (Altoé, 2008) estão relacionados ao número insuficiente de funcionários, em relação à grande quantidade de crianças que são acolhidas, bem como as frequentes trocas de turnos dos mesmos, rodízios estes que podem colaborar com a impossibilidade de construção de referências dentro daquele ambiente e mesmo de construção de vínculos (Moura, 2012).

Altoé (2008) afirma nesse sentido que há um "consenso geral de que não se devem estabelecer relações afetivas entre funcionários e crianças" (p.28). Essa posição também foi observada em contexto institucional e criticado por Vectore e Carvalho (2008). Esses autores compreenderam esta noção como algo incoerente, não sendo razoável a concepção de que o vínculo e apego podem comprometer procedimentos inerentes ao abrigamento e à adoção, já

que se estima pelo retorno à família de origem, entre outros (p.446). Moura (2012) também apresenta críticas com relação a esse senso comum presente em instituições de acolhimento. Como esta autora afirma:

> (...) Busca-se acalmar a criança de longe, falando com ela, sem pegá-la; ou fazendo com que o bebê se distraia perto das demais crianças ou em frente à televisão. Essa prática está alicerçada em justificativas que, por um lado, temem promover um cuidado de que as funcionárias não disponibilizam (pelo excesso de trabalho e precária estrutura). Por outro lado, para não criar vínculo afetivo e evitar dor da ruptura da relação, já que a expectativa é de que o bebê saia em breve da instituição. Busca-se neutralizar ao máximo a afetividade entre funcionária e criança (Moura, 2012, p.322)

Dessa forma, Moura (2012), Altoé (2008), além de Carvalho e Vectore (2008), preocupam-se com os (não) afetos dirigidos às crianças que vivem o processo de acolhimento institucional. Em função disso, Altoé (2008) afirma que o bebê está submetido a uma condição desfavorável ao desenvolvimento caso não haja, nestes espaços, uma interação que permita essa construção. Dessa maneira, mostra-se importante pensar possibilidades de interações possíveis que possam viabilizar trocas no contexto de acolhimento. Assim sendo, se faz importante saber, afinal, o que há de estudos sobre o campo de acolhimento institucional. Há estudos que envolvem bebês em situação de acolhimento?

Para saber o que está sendo investigado sobre o acolhimento institucional de bebês, foi conduzida uma revisão bibliográfica, em portais de pesquisas que permitam acesso a artigos científicos publicados sobre o tema.

1.2 O que se estuda sobre acolhimento institucional?

Foram realizadas buscas em bases bibliográficas, tanto nacionais (Portal BVS, Portal Capes) como internacionais (Ebsco host e PsycInfo), com o intuito de se obter maior compreensão sobre este tema. As palavras-chaves utilizadas nas bases nacionais foram: ‘asilo AND bebê’, ‘abrigo AND bebê’ e ‘instituição de acolhimento’. Nas bases internacionais foram utilizadas: ‘baby AND asylum’ e ‘baby AND shelter home’. Definiu-se como critérios de inclusão, artigos científicos, sem limites de datas, com idiomas em inglês, português e espanhol, que tratassem do bebê em situação de acolhimento institucional. Como critérios de exclusão, definiram-se os trabalhos que tratassem de outros assuntos ou tivessem formato de relatórios, livros eletrônicos e resumos de congresso.

Em algumas bases de dados foram utilizados filtros como: “população humana”, para excluir artigos que falassem de animais ou plantas; ‘criança’, para que não aparecessem

estudos de outras faixas etárias; e, também foram excluídos outros idiomas que não estivessem nas três línguas definidas. Mesmo fazendo esses filtros apareceram muitos artigos que foram excluídos porque se reportavam a situações outras, como: demência em idosos, escleroses, instituições de acolhimento cuja população investigada envolvia crianças acima de dois anos de idade, temas como o de adoção, abrigo para animais, catástrofes, imigrações e asilos políticos.

Foram lidos 454 títulos e resumos de artigos, dentre os quais foram resgatados apenas 15 para a análise em questão. Foi possível pensar que, talvez em função das bases acessadas, os resultados indicaram certa escassez de estudos com relação a essa faixa etária, nesse contexto, em específico.

Vale destacar que nenhum dos estudos analisados tratava de interações de bebês com outras crianças em instituições de acolhimento. O que apareceu indicando interações de bebês, estava voltado para o contexto da creche (Amorim, 2012; Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012; Anjos, Amorim, Franchi e Vasconcelos & Rossetti-Ferreira, 2004). Foi identificado uma revisão sistemática de literatura que tratava de bebês em situação de acolhimento institucional, em que as autoras identificaram uma invisibilidade, no contexto brasileiro, de estudos relacionados aos bebês (Moura & Amorim, 2013). Diante dos achados iniciais, verificou-se a necessidade de ampliar o olhar desse campo de investigação, com o intuito de melhor compreendê-lo, já que até o momento, a perspectiva de uma pergunta tão alijada ao objetivo de pesquisa pareceu demonstrar resultados reduzidos daquilo que se pretendia. Assim, novas questões foram reformuladas com a intenção de buscar ter maior visibilidade do campo de investigação. A saber: O que tem sido publicado sobre as instituições de acolhimento? Tem estudos sobre bebês nesses contextos? Esses estudos compreendem as interações destes com outras crianças daquele ambiente? Sobre a construção de relações afetivas, o que tem sido dito?

Os critérios de inclusão e exclusão foram quase os mesmos anteriormente explicitados, com exceção de não se restringir o público-alvo a bebês. Ou seja, incluíram-se os artigos científicos, sem limites de datas, com idiomas em inglês, português e espanhol e temas relativos ao acolhimento institucional, ampliando o público para crianças e adolescentes, a fim de se obter mais informações do que tem sido investigado nesse campo. Foram excluídos todos os artigos duplicados, estudos que tratavam de assuntos não relacionados ao campo aqui definido, além de relatórios, livros eletrônicos e resumos de congresso.

As bases pesquisadas foram: BVS, Periódico Capes, Sibi EBESCO e PsycInfo. As palavras chaves utilizadas foram: 'Asilo', 'Abrigo', 'Orfanato', 'Orphanages' e 'Abrigo OR Instituição de Acolhimento'.

Buscando pelo Portal BVS, pela palavra-chave 'Asilo', obteve-se um resultado de 12.761 itens, o que foi necessário filtrar por assunto: 'crianças e adolescentes' e 'criança pré-escolar'. Feita essa filtragem, foram descartados textos que se referiam a cuidados e institucionalização para idosos (Lea, et al, 2014; Chen, et al, 2012), comportamentos agressivos em idosos (Zeller, et al, 2014), entre outros temas relativos aos critérios de exclusão, obtendo-se um total de 175 artigos. Ao adentrar o mesmo portal, buscando pela palavra 'abrigo' foram encontrados 10.168 itens, também sendo necessário filtrar por assunto, tais como: 'criança institucionalizada', 'institucionalização', 'adolescente institucionalizado', 'abrigo', 'desenvolvimento infantil' e 'cuidado da criança'. Foi limitada a busca para estudos feitos com 'humanos' e o tipo de documento focado em artigos científicos. Dessa maneira, 184 artigos foram encontrados com a palavra 'abrigo', sendo excluídos aqueles cujos temas não se relacionavam às perguntas relativas desta revisão.

As palavras-chaves 'Asilo', 'Orfanato' e 'Abrigo OR Instituição de Acolhimento' foram investigadas no Portal Capes. Buscando nesta base, por 'Asilo' foram encontrados 358 itens, sendo importante a filtragem por assunto, excluindo os temas que falassem sobre 'refugiados', 'velhice', 'migração' e outras coisas relativas, bem como, os idiomas como o italiano e o francês. Assim sendo, obteve-se um total de 205 artigos. Com a palavra 'Orfanato', ainda neste portal foram encontrados 31 artigos, não havendo necessidade de fazer nenhuma filtragem, o que não foi possível, por sua vez, com a palavra 'Abrigo OR Instituição de Acolhimento', que precisou passar por filtro após os resultados de busca apresentarem 1.067 textos. Dessa maneira, foram deixadas inclusas nas opções desse portal, as palavras: 'Shelter', 'Shelters', 'Abrigo', Abrigos', 'Violência doméstica', Adolescentes', 'Children' bem como, os artigos nacionais. Foi feita então a exclusão dos itens destoantes dessa revisão, cujas palavras foram identificadas como: 'Marine', 'Cenozoic', Aquaculture', 'Stroke', 'Volcanic rocks', 'Violence', entre outros que, pela especificidade ou generalidade, não se enquadravam. Dessa maneira, obteve-se um total de 101 artigos, sendo que só 14 destes estavam diretamente relacionados ao objeto de estudo. Nas bases multidisciplinar (Sibi EBESCO) e a PsycInfo, foi feita a busca pela palavra 'Asilo' e 'Orphanages'. Na Sibi EBESCO, os resultados foram de 219 artigos e na PsycInfo, 117. Assim, se chegou a uma soma de 945 itens, entre artigos nacionais e internacionais.

Todos os títulos e resumos foram lidos, mas muitos foram ainda excluídos por se tratarem de teses, artigos remetendo a assuntos fora do tema ou com população diferenciada do que se busca, como a de idosos, além de referências dirigidas a animais ou doenças. Dessa forma, chegou-se a 126 artigos considerados relevantes para a ampliação do campo de pesquisa, mas uma vez lidos e analisados, reduziram-se a 75 artigos nacionais realmente considerados nessa revisão.

O fichamento foi organizado em planilha de Excel, cuja organização permitiu delinear um esboço prévio do que tem sido estudado sobre o acolhimento institucional, particularmente no Brasil.

Destacaram-se nessa revisão, estudos que buscavam compreender de maneira geral, o contexto de acolhimento institucional e suas implicações subjetivas (Cruz; Dias; Pedroso, 2014; Malfitano & Silva, 2014; Trivellato; Carvalho & Vectore, 2013; Moura & Amorim, 2013; Rosa, Nascimento; Matos & Santos, 2012; Magalhães; Morais & Castro, 2011; Luvizaro & Galheigo, 2011; Siqueira; Tubino; Schwarz; Dell'Aglio, 2009; Prada, Williams & Weber, 2007; Cavalcante; Magalhães & Pontes, 2007; Orionte & Souza, 2007; Siqueira & Dell'Aglio, 2006; Siqueira; Kraemer & Dell'aglio, 2006; Santana; Doninelli; Frosi & Koller, 2004; Arpini, 2003).

Desse conjunto, 35% dos artigos esmiuçaram como eram feitos os encaminhamentos, os cuidados nas vias de acolhimento (Cavalcante; Magalhães & Pontes, 2007), os fatores de risco e proteção às crianças e adolescentes acolhidos (Guedes & Scarcelli, 2014; Tinoco & Franco, 2011; Altoé; Silva & Pinheiro, 2011), a própria condição social em que o contexto de acolhimento está histórica e culturalmente imerso. A lógica da exclusão social (Cintra & Souza, 2010; Ayres; Coutinho; Sá & Albernaz, 2010) - tão entranhada aos modos de funcionamento e construção da subjetividade no abrigo (Ayres; Cardoso & Pereira, 2009; Castro; Czermak, 2008) - é discutida como muitas vezes funcionando de modo a ocorrer uma revitimização das crianças e adolescentes, por meio de vivências carregadas de preconceitos, estereotipias, disparadoras de sentimentos de rejeição e abandono (Orionte & Sousa, 2005).

Também foi possível identificar que 19% do material analisado envolveu avaliações institucionais, formação e avaliação das práticas de educadores. Sobre as avaliações institucionais, os estudos averiguavam tanto sobre as estruturas físicas das instituições de acolhimento, quanto os tipos de projetos de intervenções realizadas dentro das mesmas (Salina-Brandão & Williams, 2009; Oliveira & Clary Milnitsky-Sapiro, 2007; Rotondaro, 2002; Anaf & Paiva, 2000; Bazon & Alves, 2000). Pôde-se observar a preocupação com as capacitações usando programas de treinamento para o cuidado (Prada; Williams, 2007); e,

nesses processos formativos, também se preocupavam em analisar as representações ou mesmo, as percepções que os educadores tinham do próprio processo de capacitação e de seus trabalhos realizados com as crianças e os adolescentes (Barros & Naiff, 2015; Magalhães, Costa & Cavalcante, 2011; Nogueira & Costa, 2005). Conhecimentos dos educadores também foram avaliados nesses processos, como por exemplo, conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, conhecimentos esses tão importantes para lidar com esse público em específico (Cruz; Dias & Pedroso, 2014). Houve estudos demonstrando as dificuldades e os sofrimentos dos educadores na realização dos seus trabalhos, muitas vezes carregados de estratégias defensivas na lida com as crianças (Lima, 2012). Também discutiam práticas envolvendo o processo de desligamento de crianças e adolescentes da instituição e o papel da rede de apoio e proteção na preparação e orientação dessa importante tarefa (Figueiró & Campos, 2013; Galheigo, 2003). A avaliação da qualidade de vida dos educadores trabalhadores de instituições de acolhimento também teve lugar nos achados dessa revisão (Brito & Souza, 2011).

Cerca de 12 % desse material mencionava as práticas psicológicas no abrigo (Pagliuso & Bairrão, 2011; Anaf; Patricio; Magalhães; Policelli; Ferreira & Camargo, 1998; Coutinho & Sani, 2010) e, nessas práticas discutidas, enfatizavam ações consideradas relevantes junto às crianças e aos adolescentes, como por exemplo, o uso da modalidade de atendimento intitulada Acompanhamento Terapêutico (Disconsi; Cavedon; Greff; Chassot; Galvão; Leães & Carvalho, 2013), a Terapia Ocupacional (Galheigo,2003), o uso de intervenções sóciodramáticas (Pinto; Lima & Costa, 2009), bem como, o uso específico de psicodiagnósticos para identificar questões relacionadas ao desenvolvimento (Fiamenghi; Melani & Carvalho, 2012; Rotondaro, 2002; Pinto Júnior & Koehler, 2000).

Acerca de estudos teóricos e de revisão bibliográfica, 8 % desse material retratou os aspectos históricos, filosóficos e psicológicos inerentes às instituições de proteção à infância no decorrer da história, em especial, nos séculos XIX e XX. O intuito era de compreender as especificidades das instituições asilares nesse período (Duarte, 2014; Fonseca, 2012; Nascimento; Coutinho & Sá, 2010; Nascimento; Lacaz & Travassos, 2010; Júnior & Rocha, 2006; Borrione & Chaves, 2004).

As famílias de crianças e adolescentes acolhidos também se fizeram presentes em 4% dos achados. Nestes trabalhos, foi possível perceber a preocupação dos pesquisadores em compreender o papel desempenhado da família na vida dos filhos acolhidos (Azôr & Vectore, 2008), tentativas de dar explicações que pudessem elucidar as possíveis origens dos maus tratos cometidos pela família, antes do processo de acolhimento (Oliva, 2004), bem como, de

compreensão das condições e vulnerabilidade ou outros motivos que tiveram como disparadores o acolhimento institucional (Prada; Weber, 2006).

Observou-se também que 4% das discussões estavam relacionadas às questões de gênero (Magalhães; Morais & Castro, 2011), especialmente abarcando instituições de acolhimento para meninas, em que se buscava dar visibilidade a como elas experimentavam a maternidade, sendo mães tão jovens (Santos & Motta, 2014); ou mesmo, tentando explorar conhecimentos e práticas possíveis e relativas ao cuidado (Cruz; Cavalcante; Pedroso, 2014).

Outros estudos (Siqueira; Massignan & Dell'Aglio, 2011; Cavalcante; Costa Silva & Magalhães, 2010; Siqueira; Zoltowski; Giordani; Otero & Dell'Aglio, 2010), representaram 4% das reflexões e práticas relacionadas ao sucesso e fracasso nos trabalhos de reinserção familiar.

Em menor proporção foi possível verificar que 1% dos estudos foram sobre questões relacionadas à pobreza, negligência e judicialização nos processos de acolhimento (Nascimento, 2012) e 1% era relativo a estudo comparativo com intuito de caracterizar que tipo de população ocupa os espaços de acolhimento (Cavalcante; Magalhães; Reis, 2014).

Foi possível perceber nos estudos analisados uma preocupação com temas específicos ligados ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, 5% deles tendo enfoque na vida afetiva e sexual de adolescentes (Nogueira; Bellini 2006); ainda, as vivências emocionais e o desenvolvimento de empatia em crianças (Golin; Benetti & Donelli, 2011; Motta; Falcone, Clark & Manhães, 2006; Careta & Motta, 2005).

No que tange às interações dentro da instituição de acolhimento, tema de interesse para o empreendimento dessa pesquisa, apenas 7% dos trabalhos indicaram ser estudos que buscavam investigar como elas se dão, mais especificamente, voltadas para a interação de educadores(as) com as crianças (Tomás & Vectore, 2012; Barros & Fiamenghi 2007). Na sequência, abordavam como estas ocorrem entre as famílias e as pessoas vinculadas à instituição de acolhimento (Vasconcelos; Yunes & Garcia, 2009).

E, por último, dois trabalhos abordavam a interação de crianças, mas com foco específico no cuidado e relações de apego (Cavalcante; Costa; Magalhães,2012; Alexandre; Vieira, 2004).

1.3 Metodologia dos estudos e resultados encontrados, na revisão da literatura

Foi possível observar que pelos menos 51%, dos 75 artigos não fizeram nenhuma menção à metodologia utilizada, não situaram o lugar teórico em que se embasam, geralmente

se detendo a reflexões generalizadas sobre o contexto de acolhimento. Também, foi possível encontrar artigos que não mencionaram a abordagem teórico-metodológica que fundamentaram o estudo empírico.

As pesquisas são em grande parte do tipo empírica (70%). Na sequência, tem-se estudos de tipo teórico (15%), revisão bibliográfica (8%), análise documental (7%). Cerca de 96% dos estudos usavam a metodologia qualitativa, sendo que foi possível identificar que 3% desses artigos eram de base de análise quantitativa (usando métodos e análises estatísticas) e 1% se definia como Quanti-quali.

Com relação às abordagens teóricas metodológicas utilizadas nesses estudos foi possível constatar que a teoria Psicanalítica apareceu como referência em 11% dos artigos. O mesmo índice (11%) indicou artigos fundamentados na Teoria Ecológica de Desenvolvimento, de Urie Bronfenbrenner. Com 5%, a Teoria do Apego, do psiquiatra John Bowlby, também tendo base na psicanálise, fez-se presente nos artigos pesquisados, assim como, 5% deles apareceram fazendo menção à fundamentação teórica e metodológica delineada pelo pensamento Foucaultiano. Lev S. Vigotskii também apareceu em 5% do material analisado. Ademais, os outros estudos foram representados com apenas 1% em cada uma das teorias - Psicologia Geral; Sistêmica; Psicodrama; Teoria Comportamental; Etnopsicologia; Psicopatologia do Desenvolvimento; Abordagem Conceitual; Teoria da Comunicação e Teoria do Koppitz.

Sobre os recursos utilizados para técnica de coleta de dados, as entrevistas foram as mais utilizadas, aparecendo em 39% do material analisado e a ênfase foi dada às entrevistas semi-estruturadas. As observações também se destacaram como formas de coletas de dados em 13%, sendo a maioria, a observação participante. O uso das Técnicas psicológicas, incluindo questionários (9%), escalas (3%), inventários (3%) representaram cerca de 27% , sendo que 12% do material indicavam que se tratavam de técnicas psicológicas, mas não faziam qualquer especificação. Os Diários de campo representaram (8%); Fontes documentais (8%); Os estudos de casos (4%); Os inventários (3%); Escalas (3%); e, Videogravação (1%).

Quanto aos participantes, eles são na maioria crianças entre 0 e 11 anos de idade (36%) e adolescentes entre 12 e 18 anos (28%), que possuem famílias, a maioria de origem pobre e de etnia negra. Os demais participantes são funcionários da instituição, entre 22 e 79 anos (13%) e mães de crianças acolhidas (3%) entre 16 e 35 anos. Cerca de 20% dos artigos não mencionaram as idades dos participantes.

Dos 27 estudos feitos com crianças (36%), nove mencionaram uma faixa etária equivalente a de bebês, cujo foco está relacionado a essa pesquisa.

Ao fazer a análise desses textos, percebeu-se que muitos bebês são mencionados nos estudos apenas para marcar a faixa etária que a instituição recebe para atendimento, como é o caso das publicações de Pinto, Lima e Costa (2009), ou Junior e Rocha (2006) ou, ainda, de Cavalcante, Magalhães e Pontes (2007). Apareceram também estudos que se referiram ao conhecimento de mães, cujos filhos tinham entre 0 a 06 anos, para lidar com as práticas de cuidado ou mesmo e se aquelas conheciam sobre o desenvolvimento infantil (Cavalcante, 2008; Cruz; Cavalcante & Pedroso, 2014). Não se tratavam de estudos cujo foco eram os bebês.

Barros e Fiamenghi (2007) conduziram um estudo que se refere a bebês e à interação destes com outras crianças. No entanto, quando discorrem sobre as interações das crianças, apenas relatam os processos de cooperação ou discussões no sentido de negociar brinquedos, apesar de tratarem disso de modo extremamente breve. Nota-se que os autores se atêm a discutir elementos específicos do desenvolvimento que estão, muitas vezes, prejudicados no ambiente de acolhimento, como o processo de aprender a andar e a falar, por exemplo. Sobre aspectos afetivos, os mesmos citam a necessidade de oferecer afeto às crianças de abrigo, mas não se detêm em pesquisas específicas e mais sistemáticas que abordem o campo das relações afetivas.

Duas outras pesquisas feitas com bebês se referiram às relações afetivas que estes estabelecem, não propriamente com os pares de idade, mas com suas mães (Santos & Motta, 2014), com estudos focados nas dificuldades dessa relação e com os educadores da casa de acolhimento institucional (Golin; Benetti & Donelli, 2011; Nogueira & Costa, 2005).

Sobre as interações de bebês e cuidadoras, chamou a atenção como algumas autoras perceberam essas interações cotidianamente marcadas por violências sutis associadas às necessidades apresentadas pelas crianças, como por exemplo o tratamento negativo dado ao choro, agressões verbais e limitações do movimento e da brincadeira (Nogueira & Costa, 2005). Por fim, uma das publicações mencionava bebês em ambiente de acolhimento e discutia, por meio de revisão de literatura, a invisibilidade de pesquisas sobre o bebê acolhido no Brasil (Moura & Amorim, 2013).

De maneira geral, o que foi possível perceber até aqui é que, apesar de os estudos apontarem em alguma medida para o desenvolvimento de relações vinculares dentro da instituição de acolhimento, isto por meio de sustentação teórica sobre a importância das relações afetivas e mesmo usando as cartilhas nacionais como subsídios para falar sobre a importância da preservação de vínculos, o que se percebe é que se estuda pouco ou quase nada sobre relações afetivas de bebês; e, ainda menos, estuda-se pouco ou nada os processos

interacionais dos bebês acolhidos com crianças de outras faixas etárias participantes desses espaços.

Há muitas menções sobre relações afetivas, mas de modo genérico, sem sistematização empírica sobre o assunto. Sobre as interações, também foi possível observar o quanto se prioriza a interação da criança com adultos (mães, cuidadores/educadores, professores, técnicos). Quanto à interação de bebês com outras crianças em casas de acolhimentos, verifica-se escassez em termos de foco de pesquisa, indicando ser um tema, ainda carente de aprofundamentos.

CAPÍTULO 2 - INTERAÇÃO DE CRIANÇAS

2.1 De onde se parte?

Parte-se de um lugar específico para abordar o conceito de interações nesta pesquisa, em que os estudos de Carvalho, Hamburger e Pedrosa (1996) representam alicerces nessa compreensão.

As autoras – por meio de um diálogo com conceitos da física e da química - discutem que, da mesma maneira que uma unidade mínima como o átomo, um indivíduo também deve ser considerado como interagindo com o todo e, simultaneamente, o todo com a parte. Enlevadas por esse raciocínio, as autoras afirmam que a mesma imprevisibilidade e as constâncias existentes nos estudos das leis da natureza para explicar fenômenos não-humanos, podem ser aplicadas também para explicar a movimentação similar no campo das interações humanas, em que unidades transformam a realidade e a realidade transforma as unidades, de maneira recíproca, ou num movimento de "constituição simultânea".

A noção de interação para Carvalho (1988), portanto, inclui uma perspectiva de inclusão da dimensão social, de maneira que se possa compreender a interação não a partir de uma sequência isolada de comportamentos individuais, mas de como esses comportamentos são produzidos mediante interações recíprocas. A autora acredita que a interação deva ser considerada em sua dimensão social e que ela não pode ser tratada a partir de unidades, ou seja, de comportamentos individuais, pois a interação ocorre entre indivíduos, cujos efeitos produzidos nessas interações, de um com o outro, só o são porque são regulados de maneira recíproca.

Assim sendo, para Carvalho, Pedrosa e Hamburger (1996, p.04), a interação se refere a um "potencial de trânsito de informação entre os componentes de um sistema, tal que as propriedades dos componentes definem a natureza do sistema, e os componentes são simultaneamente constituídos na atualização do processo interacional". Dessa forma, o campo de interação é definido pela interação entre as partes e da mesma maneira, estas partes se constituem num processo de simultaneidade.

Nesse sentido, de acordo com as autoras, um observador deve buscar nesses agrupamentos, indicadores sobre como ocorrem esses movimentos dentro de um campo interativo, compreender propriedades e mecanismos desse sistema, de maneira que isso possa lançar luz sobre os significados dessas interações, presentes em um campo social.

E, um campo social é definido pela sua capacidade de regular e ser regulado por seus parceiros de espécie e, segundo as autoras, isso é chamado de sociabilidade. A sociabilidade tem especificidades diferentes, a depender da espécie e é necessário desenvolver estudos nos contextos

concretos em que se dão as interações para compreender seu funcionamento. Um dos princípios básicos que pode orientar o pesquisador sobre a propriedade dessa sociabilidade é a orientação da atenção que é dada pela presença ou pelos comportamentos de parceiros. Nesse sentido, a orientação "seleciona partes do ambiente, segundo processos que variam entre os seres" (Carvalho, Pedrosa e Hamburger, 1996, p.10), mas não são recortes estritamente físicos do ambiente, mas recortes que podem indicar a ocorrência de significação entre as crianças.

Outro princípio básico, sobre a propriedade e o funcionamento dessa sociabilidade, é a capacidade de atribuir significados às informações dadas pelos indivíduos que interagem dentro do campo social em que se inserem. As expressões comunicativas operam como códigos, cada qual com suas características particulares no processo interativo e compreender esse código é compreender o significado que se compôs por meio de uma construção conjunta.

As interações sociais, sob esta ótica, poderão se dar por meio de regulação e co-regulação. Em um processo de regulação, não ocorre reciprocidade explícita de comportamentos dos indivíduos imersos num campo social. Ou seja, "Uma criança *A* pode imitar uma outra *B*, sem que esta se aperceba disto" (Carvalho, Pedrosa & Hamburger, 1996, p.08), ou seja, *A* é socialmente regulada por *B,* mas *B* não é regulada por *A*.

A regulação "é um processo social, e envolve um ajustamento dinâmico do comportamento em relação ao comportamento do parceiro" (Carvalho, Hamburger e Pedrosa, ibid, p. 25), ou seja o comportamento de um bebê só pode ser compreendido se levado em consideração o comportamento de outras pessoas ao seu redor e, nesse sentido, ele está regulado por essas pessoas. A interação cuja regulação é recíproca (co-regulada) é definida por "um processo social pelo qual os indivíduos alteram dinamicamente suas ações em relação às ações presentes ou esperadas de seus parceiros" (Carvalho, Hamburger e Pedrosa, 1996, p. 24). A co-regulação ou regulação recíproca envolve um processo que implica um acordo entre os significados, em que a relação com os parceiros traz evidências de reciprocidade. Uma vez condensados esses significados entre os parceiros há a persistência, outro princípio básico da sociabilidade, e nele está contida a possibilidade de diferenciar fenômenos especificamente humanos. Sem a persistência do significado, a comunicação não seria possível (Carvalho, Pedrosa e Hamburger, 1996). E isso nos remete à discussão de recursos comunicativos em crianças pequenas e, dentre eles, particularmente o papel da emoção.

2.2 A comunicação emocional do bebê em processo de interação.

O bebê depende dos cuidados de pessoas mais experientes para que não sucumba no desamparo físico e psíquico. Para Mendes e Seidl-Moura (2009), as interações afetivas são

entendidas então como contextos privilegiados na sobrevivência e no desenvolvimento emocional de bebês. Essas interações afetivas não ocorrem apenas com bebês e adultos, mas podem ocorrer na interação com outras crianças (Moura, 2012; Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012; Costa & Amorim, 2015; Amorim & Rossetti-Ferreira, 2008). Os bebês, em atividade social comum, relacionam-se e se comunicam com outras crianças, mesmo sem linguagem verbal, já que os bebês possuem vários recursos comunicativos (olhar, estender a mão/braço, engatinhar, sorrir, recuar, buscar colo, pegar, empurrar, entre outras) (Amorim, 2012) e alta capacidade comunicativa e interativa a partir das expressões emocionais (Ferreira, 2013).

Para compreender as interações de bebês em contextos de acolhimento institucional se pensou relevante adentrar o espaço das emoções e trocas afetivas como formas comunicativas utilizadas pelos bebês nesses espaços.

Autores como Cohn e Tronick (1987), além de Kaye e Fogel (1980), revelam que as emoções e comunicações emocionais, no caso de bebês, têm uma organização mais definida do que se imaginava e depende, em grande parte, das interações que o bebê estabelece em seu entorno. Ferreira (2013) descreve, nesse sentido, a complexidade com que o bebê pode expressar suas emoções ao longo do primeiro ano de vida, por meio de expressões faciais (como o sorriso, choro, irritação, incômodo, modos de olhar), corporais (movimentos de corpo, cabeça, pernas e braços, de forma coordenada ou não) e pelas vocalizações (grunhido, gemido, grito).

De acordo com essa autora, o bebê tem, em seu primeiro ano de vida, um predomínio de manifestações emocionais que desencadeiam nos parceiros reações que se desdobram podendo satisfazer suas necessidades primordiais. O parceiro ativo nesse cuidado, uma vez requerido pelo bebê, cumpre a função de interpretar essas manifestações emocionais. Assim, aqueles atribuem significados a estas reações e tentam satisfazer as necessidades que aparecem por meio dessas expressões (Galvão, 2008). Dessa forma, pode-se dizer que há na interação, a possibilidade de uma comunicação afetiva entre parceiro e bebê, de construção de relação afetiva e é por meio dessas interações e manifestações que a criança passará a ter acesso ao universo simbólico de sua cultura.

Galvão (2008) afirma que existem construções teóricas clássicas sobre as emoções. Segundo a autora, muitas delas trazem uma lógica mecanicista, sem condições de compreensão e apreensão da emoção na sua complexidade. Analisando esse campo, a autora destaca que a abrangência e as inúmeras fontes epistemológicas existentes que explicam que as emoções têm trazido muitas (in)definições ao longo da história, em que se destacam concepções de cunho idealista, dualista ou mesmo naturalista no bojo de suas construções conceituais.

Usualmente, as emoções têm sido estudadas a partir de um referencial de um funcionamento neurovegetativo que, concomitante a isso, agrega-se à produção de expressões na face, na postura e

execução dos gestos. A partir destes, demonstram-se expressões de bem-estar ou mal estar (Galvão, 2008); ou, como descrito em sua forma mais ampla, como "sensações agradáveis e desagradáveis que, de alguma forma marcam o corpo e manifestam-se através dele" (Magiolino, 2010, p.44). Porém, Galvão ressalta a importância de estudar as emoções para além de seus componentes biológicos, numa perspectiva relacional e contextualizada (Galvão, 2008).

Assim, dentre as várias proposições existentes, numa perspectiva histórico cultural, com ênfase nas contribuições de Henri Wallon, a emoção passa a ser discutida em sua função socialmente organizadora, que influencia e transforma a atividade, o comportamento e o desenvolvimento da pessoa, a depender dos contextos em que se dão as interações humanas (Galvão, ibid). Compreender, por certo, as emoções sob esse enfoque histórico-cultural é "compreendê-las em seu processo de mudança ao longo da história humana" (Magiolino, 2010, p.41), é fazer menção às suas possibilidades ativas e processuais de se desenvolverem (ou não), frente aos contextos de relações onde os sujeitos estão imersos.

Amorim (2012) afirma, nessa lógica, que a emoção "é a base da afetividade que se desdobra, passando a ser vinculada a processos relacionais e culturais (...), sendo base para a própria constituição do ser humano" (p. 306). Assim, estudar o desenvolvimento sob esta ótica significa estudar "o processo de constituição do sujeito, de suas características, em um movimento permanente que resulta das pautas de interação das quais ativamente participa" (Zanella et al, 2006, p.26).

Conforme citado por Amorim (2012):

> "No dialogismo das relações, no jogo de papéis/contra papéis, isso atribui ao bebê diferentes formas de lidar com aquela emoção, a mesma devendo ser evitada, exacerbada ou usada como moeda de negociação. A própria manifestação da emoção (e de outros recursos) é, portanto, construída nas práticas sociais, através de intensa negociação segundo-a-segundo entre o bebê e o outro, em que o bebê tem papel ativo, contribuindo junto com o outro para circunscrever alguns dos percursos e da própria constituição (p.171).

Assim, no caso da interação da criança com o outro que cuida, há oportunidades, em decorrência destas trocas, de a criança reconhecer expressões que sinalizam mensagens de afeto, alegria, tristeza, raiva, entre outras expressões emocionais, além de perceber e antecipar comportamentos emocionais de outras pessoas, atribuindo a estes, significados (Mendes & Seidl-Moura, 2009).

Estes trabalhos apontam para o desenvolvimento de estudos que demonstram formas do bebê interagir e se comunicar, em diferentes contextos. Dessa maneira centrar-se-á nas interações de bebês com outras crianças. Mais especificamente, o foco será dado às interações envoltas por práticas de cuidados entre as mesmas, dentro de contexto de acolhimento institucional.

CAPÍTULO 3 - O CUIDADO NAS INTERAÇÕES DE CRIANÇAS

3.1 O que é o cuidado?

O cuidado pode ser caracterizado, conforme apontou Lordelo e Carvalho (1998), como "ações complexas de acompanhamento e provisão às necessidades atribuídas ao outro" (p.7), "comportamento de oferecer e/ou dar alimentos; limpar; pentear, oferecer e/ou dar chupeta; comportamentos de oferecer e /ou dar ajuda em situações de necessidade do outro; a presença do sorriso, baby-talk" [1](p. 16), quando a estrutura da interação se caracteriza por respostas mediante solicitações diretas ou por meio de sinalizações dirigidas à pessoa que pode emitir uma resposta no sentido de satisfazer a demanda de cuidado. Ainda, pode significar dar atenção específica, prestar ajuda, contribuir para o bem estar do outro (Hesbeen, 1997)

De acordo com Lordelo e Carvalho (ibid), o cuidado entre crianças apareceu na literatura, em 1944, quando Freud e Burlingham abordavam aspectos relacionados a conforto, ajuda e consolo entre crianças institucionalizadas. Lordelo e Carvalho (1998) citando Hay e Rhungold (1983), além de Zaahn-Waxler e Radkle-Yarrow (1990), afirmam que em torno do fim da década de 1980 até fim da década de 1990, já se vinham estudando sobre a interação social de crianças, observando aspectos da interação delas, dos quais se verificavam o comportamento de cuidar, ensinar, controlar, compartilhar, cooperar, ajudar especialmente com crianças acima de dois anos.

Tal limite de investigação pode nos levar a interrogar se nas interações das crianças menores de dois anos, pode-se dizer que o cuidado acontece na relação delas? Se pode ocorrer, como se daria?

Estudos mostram que a criança mais nova, de acordo com os estudos da autora supracitada, por vezes era abordada pela criança mais velha com uma entonação peculiar (*baby – talk*), geralmente praticada pelas meninas. Abramovitch, et al (1979), citado por Lordelo e Carvalho (1998), atribuiu às meninas um maior comportamento positivo e de cuidado, em comparação com os meninos. Embora haja uma enorme contribuição de Lordelo e Carvalho (1998), no sentido de fazer compreender questões sobre o cuidado, campo ainda carece, de pesquisas nos levando a perguntar como seriam as interações infantis, relativas à questão do cuidado entre crianças acolhidas. O cuidado se relaciona com a questão da idade?

[1] Baby-Talk é "o registro peculiar de fala, encontrado entre as meninas dirigindo-se aos mais jovens, caracterização pelo uso de vocativos, tom elevado e entonação exagerada (Lordelo e Carvalho, 1999, p. 11).

Com a questão de gênero? Estudos, como de Cicirelli (1973), citada por Lordelo e Carvalho (1998), defendia, por exemplo, devendo haver uma diferença de idade entre as crianças, de pelo menos quatro anos entre a criança mais velha e a mais nova, como possível variável que pudesse favorecer a construção da habilidade de assumir a perspectiva do outro, o que poderia dar ensejo ao comportamento de cuidado entre elas. Porém, essa diferença se mostraria inerente ao processo? Faz sentido pensar as diferenças de idade nas interações de cuidado de crianças em situação de acolhimento?

Autores como Souza e Batista (2008) atribuem sentido aos modos como crianças podem se relacionar. Tais autoras levantam categorias, que levam a crer que há, na interação das crianças, modos de se relacionar que dão a ideia de cuidados ofertados semelhantes aos cuidados oferecidos pelos adultos e herdados culturalmente pelas crianças, o que na assunção destes papeis sociais, as autoras entenderam que se trata de uma *Maternagem* nas relações.

Nesse sentido, também afirmam que as crianças têm *iniciativa de ajuda* (ações e trocas verbais, em que uma criança oferece algum objeto à outra; ou, oferece apoio/ajuda na realização de atividades) e, a depender de suas experiências, também podem *compartilhar conhecimentos,* por meio de explicações ou mesmo demonstrações de como ou do quê fazer frente a uma situação. Assim, tais afirmações poderiam implicar que uma criança poderia assumir o papel do adulto e ser uma espécie de tutor em relação a outras crianças.

Desse modo, o cuidado nas interações das crianças criam um cenário caleidoscópico, envolvendo toque afetivo, ninar, brincar, mediar o cuidado das crianças mais novas no contato com o bebê, nomear situações, objetos e reações para os bebês, oferecer alimentos, água, brinquedos, ter a iniciativa de pegar o bebê e levar para o adulto fazer troca de fraldas, conversar, pegar, tirar do berço para passear ou para parar de chorar, ajudar o bebê, encorajá-lo, apoiá-lo, a olhar olho no olho, dar atenção, sorrir, entre outros.

Os diferentes modos de interagir e relacionar da criança com o bebê, que dão indícios de empatia ou sinalizam os primórdios dos cuidados ou em alguns casos, os cuidados em si, estão sendo chamados nessa pesquisa de práticas de cuidados e se relacionam mais diretamente com as interações de cuidado que ocorrem sem mediação direta do adulto, práticas aquelas diferentes do que se espera como tarefa e responsabilidade na oferta de cuidado praticado na interação e relação adulto-criança ou as inerentes de intervenções e tarefas profissionais de cuidadores de crianças.

Com o intuito de fazermos um recorte na pesquisa (que se deu com base especificamente no Cuidado na interação das crianças) e a despeito da multiplicicidade de sentidos dados a essa palavra relacionada à educação e à saúde, Meio ambiente, etc, e na

iminência disso acarretar ao pesquisador perder-se de seu objeto de análise, também optou-se por fazer uma busca na Filosofia, para melhor apreensão dos sentidos e significados dados à palavra cuidado. Foi em Martim Heidegger, filósofo alemão do século XX, que transitava entre o existencialismo e a fenomenologia, autor da obra intitulada "Ser e Tempo", que se encontrou conceituações mais definidas sobre Cuidado, as quais mostraram-se interessantes para o recorte e categorização da análise desta pesquisa.

3.2 O cuidado sob enfoque filosófico de Martin Heidegger

Martin Heidegger, pensador Alemão nascido em 1889 e falecido em 1976, foi autor de "Ser e Tempo", em 1927[2], uma obra clássica da filosofia do século XX, na qual ele abordou o conceito de Cuidado. Importante salientar, no entanto, que o conceito de cuidado não apareceu pela primeira vez na história filosófica, nesta obra, mas somada a influência desta obra, é que se tem uma compreensão mais alargada da gênese do cuidado.

O livro apresenta uma definição de cuidado inicialmente mais conhecida, na teoria de Heidegger, que define o cuidado, em uma perspectiva tripartida, em que aspectos como a "existencialidade", a "facticidade" e "queda" são elementos considerados. A partir dessas três estruturas é que se pode dizer que o conceito de cuidado no enfoque filosófico Heideggeriano é vislumbrado como um modo de ser, de existir do ser humano, na sua estrutura ontológica (ou seja, algo que lhe é próprio, inerente), e não de uma estrutura ôntica (aprendida pela socialização), sendo algo considerado central na teoria de Heidegger. Não é possível ser humano, sem a pré-existência do cuidado. O cuidado confere humanidade e significado à própria existência no mundo, e é, segundo essa perspectiva, o cuidado que constitui e estrutura o ser humano (Carrilho, 2010; Almeida, 2008; Heidegger, 2005).

A outra definição de cuidado do autor, considerada bipartida, refere-se a Besorgen (cuidado para com as coisas) e Fürsorge (solicitude ou preocupação com as pessoas). Estas noções são consideradas como secundárias e refere-se ao cuidado vivenciável na nossa cotidianeidade. Ambas as formas de cuidado não aparecem isoladamente e a compreensão nos convida a mesclar ocupação para com os utensílios e na sequência, solicitude para com os outros, sendo isso que define o cuidado em nosso cotidiano. Ele se relaciona tanto com aquilo que fazemos - esse a-se-fazer, no trato com o mundo -, quanto com o outro com quem nos preocupamos - a solicitude (Almeida, 2008). É na ruptura desse mundo de ocupações e não na

[2] Ano em que foi publicada a primeira edição de "Ser e Tempo", de Martin Heidegger.

sua negação que se funda a "preocupação ontológica na fundação do ser-com, no cuidado do outro" (Azeredo, 2017, p.05)

Ainda de acordo com Almeida (2008), conceito de solicitude (Fürsorge) é conceito que se funda no "ser-com" e isso impossibilita de "ocupar-se com", pois este não se trata de um utensílio, uma coisa, um objeto. Ocupação e solicitude - embora conceitos paralelos para a compreensão do cuidado - devem ser entendidos de maneira que fique elucidado que há várias maneiras de se praticar a solicitude e que ela pode aparecer, inclusive, na indiferença com o outro. De outro modo, "outro ser-aí[3] nunca pode ser tratado como mera coisa que faz parte da ocupação. Mesmo na indiferença total de um ser-aí perante outro, o grau ontológico que marca a solicitude nunca pode ser comparado com o da ocupação" (p.15).

O conceito de cuidado traz em sua história tensões em torno dele mesmo, que remetem à autenticidade (o homem visto como "dasein" ou aquele que pode escolher) e inautenticidade (o que renuncia à sua capacidade de escolha, pensamento, ação e que atribui a outros a capacidade de decidir por si) e isso modifica o cuidado em próprio e impróprio. Um cuidado dito autêntico, próprio, substancializa-se e se modaliza afetivamente a partir do sentimento de angústia, na teoria de Heidegger, sentimento este que potencializa atitudes frente à vida e representa o "cuidado em sentido forte" (p.02), pois possibilita maior contato consigo mesmo e com o outro, para além das coisas concretas do mundo externo. Na inautenticidade do cuidado, o homem pode escolher, mas renuncia a essa capacidade; e, no caso do cuidado, é impróprio quando não está voltado para o próprio ser, mas está inserido de maneira imersa no mundo das coisas a serem feitas, na lida e manejo delas (Almeida, 2008)

O cuidado é movimentado pelo querer e pela vontade, próprio daqueles que estão lançados no mundo. É pelo querer que o ato acontece e é pelo querer que há o movimento na ação de cuidar. Assim como descreve Almeida (2008, p.05), "no cuidado próprio, que se resume pela consciência angustiada de seu ser em débito ao ter-que-ser, o que clama e o clamado são o mesmo.

[3] "Ser-aí" é a tradução em português de Dasein (palavra alemã). Dasein ou "Ser-aí" é um dos conceitos mais relevantes do livro "Ser e Tempo" de Martin Heidegger e se pronuncia, em português Dazáin. Martin Heidegger ressignificou a expressão como "Ser-no-mundo", no sentido de existência, "Ser" no mundo e não "Estar" no mundo. Na tradução de Macia Sá Cavalcante, no livro Heidegger (2005), versão brasileira da obra, pela editora vozes, Dasein é traduzido por "presença". Nessa mesma obra, Dasein não é um conceito, mas um caminho, um horizonte experiencial, um movimento do Ser. Dasein é nosso modo dinâmico de ser e se relacionar no mundo. É a investigação da sua própria maneira de ser e existir no mundo. É uma palavra intraduzível, que deve conduzir a ideia de ser e existir e revelar o seu modo próprio de ser aquilo que se é. Daizen ou 'Ser-aí' "é o homem em intenção de se conhecer, de se chegar a essência (...) Não é uma existência pronta, e sim um fazer-se" (Azeredo, 2017,p.03).

Sob esse viés, o "cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano" (Waldow & Borges, 2011, p. 415), como um ideal ético. Apesar de Heidegger não ter objetivado a elaboração de uma ética do cuidado, o agir ético acaba por se fundamentar no cuidar, entendido como atenção, assistência e preocupação ao outro (Carrilho, 2010), o que dá não só uma conotação existencial, mas também, uma conotação relacional na forma de compreender o cuidado, pois, além de *ser com o outro* e *para o outro*, esse aspecto relacional expressa *interesse pelo outro*, o que faz com que essa movimentação acabe por se desdobrar em cuidados mútuos.

Waldow e Borges (2011) entendem que "o desenvolvimento da capacidade de cuidar é essencial para o desenvolvimento do ser. O cuidado ocorre por uma força que move a capacidade humana de cuidar, evocando esta habilidade em nós e nos outros, ao satisfazer uma resposta a algo ou alguém" (p. 415).

Por meio do cuidado, nos humanizamos. O cuidado humaniza e é humanizado. O ato de cuidar implica valores que enaltecem a dignidade humana e a *pré-ocupação* e a *solidariedade* implícita ao entendimento de humanização remete-se ao que Heidegger chama de Cuidado. Há um cuidado competente - que trata da corporeidade humana - e um cuidado pessoal - que trata do afeto, sensibilidade, compaixão (Waldow & Borges, 2011). Assim sendo, o Cuidado significa para Carrilho (2010, p.108) "preocupação e dedicação, ocupação e solicitude" ou tão somente "preocupar-se com e por", "prestar atenção a", como expressa Pintasilgo (n.d), que tentou dar um sentido mais ético que ontológico ao conceito de cuidado heideggeriano, entendendo-o como modo de ser e modo de agir. Dessa maneira, Pintasilgo (n.d) ainda salienta que:

> A vida humana é, para ela, ser-com-os-outros-no-mundo [...] Este ser-com-os-outros compele cada um ao cuidado dos outros, esses outros com quem se vive no mundo. Assim, diz, a condição de ser pessoa é ser-para-o-outro [...]. Para cumprir, na plenitude, esta condição de ser pessoa é necessário agir cuidando do outro, numa relação de reciprocidade: «os outros são, para mim, outros; mas eu sou, igualmente, um outro para eles». A interdependência é, assim, constitutiva do ser humano e fundamental para a acção conjunta que a época da técnica exige.

Assim, como Carrilho (2010, p.112) afirmou, o cuidado se relaciona com a constatação da existência do outro no mundo, com seus sentimentos, oferece condições aos diálogos nesse contato e, por isso mesmo, também constrói uma política social, que sendo efetiva vislumbrará valores que sistematizam o cuidado como algo imprescindível a essa construção. O cuidado, por si mesmo, alicerça todo relacionamento humano. A ausência do

cuidado, no entanto, se manifesta fundamentalmente por meio da "indiferença, da visão a curto prazo, da negligência" (Pintasilgo, n.d, aquivo MLP, 0208.002).

Em dicionário próprio para compreensão de Heidegger[4], indica-se que o autor utiliza três palavras para se referir ao Cuidado: a) *Sorge*, b) *Besorgen*, c) *Fürsosrge*. Sorge seria "a ansiedade, a preocupação que nasce de apreensões que concernem ao futuro" (p.26); ou seja, Sorge é também conhecido como "cura", como "cuidado". Assim, Sorge significa cuidar em basicamente dois sentidos: *Preocupar-se; estar preocupado com* (sich sorge) e *tomar conta de; cuidar de; fornecer algo para alguém ou algo* (sorge fiir) (Inwood, 2002, p.26). Para Mattar (2005), Sorge não deve ser entendido meramente como comportamento, nem apenas como uma preocupação, um gesto que zela do outro no mundo. O sentido de Sorge carrega um sentido ontológico, que designa a existência humana para a abertura de sentidos da relação do ser-no-mundo-com-o-outro.

A segunda palavra usada por Heidegger para se referir ao cuidado é *Besorgen*, do qual, para Inwood (2002, p.26/27), apresenta-se basicamente revestida de três sentidos: No sentido de "obter, adquirir, prover" algo para si ou para o outro; no sentido de "tratar de, cuidar de; tomar conta" de algo; e ainda, "estar ansioso, preocupado com algo". O cuidado modulado por Besorgen seria tido como aquele cuidado por Ocupação, no sentido de "ocupar-se de ou algo", de "tratar e cuidar de alguma coisa", relativo às atividades do mundo, uma ocupação que é guiada pelo seu informal "saber como".

A terceira palavra usada por Heidegger para se referir ao Cuidado é Fürsorge, que é o cuidado usado especialmente para com as outras pessoas, não para um instrumento. Tem o sentido de um cuidado modulado por preocupação, ou seja, envolve "cuidar ativamente de alguém que precisa de ajuda". Nessa forma de pensar o cuidado, a pessoa se coloca no lugar do outro, lança-se atentamente à frente do outro para proteger, ajudar quando ocorre de ter que transpor um obstáculo, há alguém para ser com (Inwood,2002).

Dessa forma, entende-se Sorge como (Cuidado/Cura), no sentido ontológico e é algo que pertence ao próprio ser, no seu ser-no-mundo (Dasein). Besorgen é um cuidado modulado por ocupação e envolve as atividades do mundo; e, Fürsorge, envolve um cuidado modulado pelo seu ser-com-outros. Nota-se, portanto que o outro, aqui pode ser transformado em "isso", uma vez subjugado, significado como objeto de satisfações alheias e isso é entendido como um desvio. E, esse "desviar", no dia a dia, na convivência reduz esse ser-com-o-outro ao

[4] Traduzido em português por Luísa Buarque de Holanda e revisto por Marcia de Sá Cavalcante Schuback (Inwood, 2002).

mundo das ocupações, visto que nesse sentido, impera relações de controle, descarte, dominação e dependência (Mattar, 2005).

A despeito da compreensão obtida dos conceitos de cuidado, de Heidegger, considerou-se com destaque os conceitos de Besorgen (Cuidado por Ocupação) e Fürsoge (Cuidado por preocupação), como importantes no sentido de lançar luzes nas observações feitas das interações das crianças, em contexto de acolhimento institucional. Partiu-se, assim, do pressuposto de que as relações no espaço de acolhimento, "só podem surgir como abertura à própria existência – em paralelo à preocupação com o outro, sem que isto possa reduzir a uma imersão cotidiana de afazeres em que ignora o modo de ser e agir de sua existência fundado pelo cuidado" (Azeredo, 2017, p.06)

Importa dizer que, com base na leitura de textos de Heidegger e outros, fez-se aqui uma apropriação de alguns eixos da sua proposição de cuidado, apesar de se reconhecer que o que aqui se apresenta e que guiará as análises dos processos em questão não serão heideggerianas. Reconhece-se as diferenças ideológicas e epistemológicas[5].

[5] No sentido epistemológico ao que se refere o conceito de Cuidado, Heidegger deu enfoque mais na estrutura ontológica, ou seja, focou-se mais no "Ser", em sua teoria, do que no "Agir" (estrutura ôntica). Nesse sentido, essa pesquisa faz um pequeno contraponto à teoria de Heidegger, quando se considera relevante não apenas o Ser (estrutura ontológica da teoria), mas o Ser *que aprende o cuidado pela socialização* (estrutura ôntica da teoria).

4 HIPÓTESES E OBJETIVOS

4.1 Hipóteses

Moura e Amorim (2013) apontam dados que confirmam que documentos oficiais, livros e artigos científicos pouco abordam a realidade dos bebês que se encontram em situação de acolhimento institucional no país. Mais do que isso, as autoras explicitam uma enorme lacuna com relação a essa faixa etária, a qual permanece praticamente invisível, inclusive nos principais documentos oficiais que orientam normas e técnicas para o acolhimento institucional.

Isto posto, verifica-se a importância de se ampliar estudos relacionados a bebês em situação de acolhimento. Mais ainda, como se verificou uma ênfase dada aos estudos que focam as interações de bebês e cuidadoras ou bebês e adultos, algumas questões afloraram: Em uma situação em que, no senso comum, frisa-se que não se deve favorecer a relação afetiva dos bebês com as funcionárias da instituição, como ficam esses bebês nesse contexto? As interações poderiam ser construídas e serem estabelecidas práticas de cuidado entre as crianças no contexto de acolhimento? Em caso afirmativo, de que maneira?

Estudar bebês a partir de seis meses se justifica pelo fato de que eles revelam uma experiência emocional considerada complexa. As crianças apresentam repertórios importantes que mostram ter uma perspectiva das interações já vividas, apresentando competência social, afetiva e perceptiva. Ainda, conforme apontam Mendes e Seidl-Moura (2009), além de Amorim (2012), os bebês nessa faixa etária emitem bem as expressões faciais e vocais com base no significado afetivo.

Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012) já verificaram a existência de interações e o interesse manifesto de bebês uns para com os outros em contexto de creche. Moura (2012), por outro lado, já verificou indícios de tais interações no contexto de acolhimento, discutindo inclusive como são importantes na apreensão do mundo, do outro e de si mesmo. A despeito disso, Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012) afirmam que o conhecimento sobre as interações de bebês ainda são recentes, exigindo novos estudos particularmente em contextos diversos do familiar.

Frente a essa análise e configuração, abre-se caminho para levantar algumas hipóteses: como em instituições de acolhimento as funcionárias pouco buscam se relacionar afetivamente com os bebês (Moura, 2012; Altoé, 2008; Carvalho & Vectore, 2008), assim como dispensam pouca presença, em função da sobrecarga de trabalhos e excesso do número

de crianças acolhidas (Moura, 2012), isso possibilitaria (a depender da organização da instituição e das crianças presentes nesse contexto), que as interações e práticas de cuidados mais frequentemente estabelecidas pelas crianças fossem amplamente efetivadas junto às mesmas, ou seja, por outras crianças acolhidas nesses espaços, com quem haveria um potencial de interação e, mesmo, de expressões comunicativas nesse sentido. Estabelecida a hipótese, definiu-se pelo objetivo do estudo.

4.2 Objetivos

O objetivo desta pesquisa foi investigar as ocorrências de práticas de cuidado na interação de crianças e bebês em situação de acolhimento institucional.

5 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

5.1 A Rede de Significações (RedSig)

A perspectiva teórico-metodológica de investigação utilizada nesta pesquisa foi a da Rede de Significações. Tal perspectiva embasa-se em referenciais histórico-culturais (Vygotsky, Wallon, Bakhtin), aportados no materialismo dialético, cujo enfoque são as mútuas transformações, pessoais e sociais, em seus aspectos concretos, materiais, históricos.

A Rede de significações propõe análise de processos de desenvolvimento psicológicos, dentro de uma abordagem sistêmica e considerando a complexidade, cuja proposição "implica a investigação do conjunto de um sistema de que fazem parte as pessoas em interação, considerando nesse conjunto, o contexto em que se dá o desenvolvimento" (Rossetti-Ferreira, et al., 2008, p. 151).

A RedSig propõe estudos, portanto, que deverão apreender o desenvolvimento em seu processo de transformação, considerando o caráter relacional e contextual (Rossetti-Ferreira et al., 2008). No caso, aqui, a meta foi a de verificar a ocorrência de interação (de pares de crianças, incluindo-se bebês) e práticas de cuidados de crianças em contexto de acolhimento institucional.

Entende-se que, uma vez imersa numa rede de relações desta pesquisa, as significações pregressas da pesquisadora sobre os participantes do estudo (bebês e outras crianças) e o objeto pesquisado (práticas de cuidado) emergirão em diálogo com a situação concreta de análise. Em especial, o próprio pesquisador, em função das vozes sociais, dos discursos do campo e do material empírico, será impregnado que o fará transformar e ser transformado; tais significações contribuirão com sinalizações que o levarão ao encaminhamento de recortes e interpretações (Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva & Oliveira, 2008). Ou seja, "sujeito e objeto se constituem reciprocamente de forma dialética" (p.161), o mesmo acontecendo na relação do pesquisador com os sujeitos participantes de uma pesquisa.

Considerados tais elementos, para a condução da investigação, definiu-se pela condução de estudo de casos.

5.2 Estudo de Casos

Para Yin (2001), o estudo de caso é uma das formas de se fazer pesquisa, quando se trata de aspectos complexos de fenômenos sociais a serem investigados, inseridos em

contexto concreto, compreendendo as transformações da vida, dos acontecimentos, de modo significativo e contextualizado. O estudo de caso "é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especificamente quando os limites entre fenômeno e contexto não estão claramente definidos" (Yin, 2001, p.32).

Tem sido frequente que o estudo de caso seja utilizado em pesquisas psicológicas, pois contribui para a compreensão não somente de fenômenos individuais, mas do contexto organizacional, social e político de dada realidade. Tal como aponta Moura (2012), ainda que o foco da pesquisa seja com alguns bebês em situação de acolhimento institucional, este se trata de um contexto específico; ainda, dadas as suas especificidades institucionais, reguladas por leis, não se pode desconsiderar que o modo como se configuram as relações dentro do contexto tem algo de coletivo, ou seja "o individual é atravessado pelo cultural e social, assim como os discursos e práticas sociais estão refletidas nas condutas individuais" (Moura, 2012, p.91).

Trata-se de um estudo exploratório, longitudinal que envolveu o estudo de casos múltiplos, sendo feito com mais de uma criança focal. Assim, a investigação dos processos interativos de crianças e bebês, envolvendo práticas de cuidado foi estudada na relação que se configurava com o outro social, na situação concreta, ou seja, no ambiente naturalístico em que se dava e não em laboratórios (Bruner, 1983).

5.3 Aspectos éticos

Para realização desta pesquisa foi necessário conseguir autorização judicial, além de autorização da Secretaria de Assistência Social e do Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes. O projeto foi apresentado a cada uma destas representações, com dias e horários agendados previamente. Importante destacar que conseguir autorização de tantos órgãos e gestores, parte de diferentes esferas do corpo social e político, para iniciar a pesquisa foi tarefa indócil. Enfrentou-se vários entraves como negativas pelo fato de a instituição estar enfrentando transições e questões, os quais foram por fim superados, tendo a pesquisa sido aprovada por todas as instâncias.

A pesquisa só pode ser iniciada após ter a posse de todas autorizações pertinentes ao cuidado ético, que inclui também, a aprovação do Comitê de Ética.

Nesse sentido, o presente projeto precisou do aceite do Comitê de Ética em Pesquisa, para explicitar a proposta de investigação e acertar os cuidados com os participantes, de modo a se comprometer com o fato de que não haveria risco de exposição das identidades das

pessoas envolvidas. Publicações a serem feitas a partir das informações coletadas se farão com o intuito de contribuir para a disseminação de conhecimentos científicos que possam auxiliar na melhoria dos serviços de acolhimento para bebês e, de modo algum, servirá para exposição direta dos participantes e/ou instituição. O projeto foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião ordinária e enquadrado como aprovado (CAAE n° 49131215.7.0000.5407). Uma vez consentida a sua realização, foram providenciados, dentro da instituição, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos, para documentar o aceite dos participantes interessados. No caso dos bebês e outras crianças participantes, a autorização já tinha sido dada pela justiça. Dada a idade das crianças, não foi possível obter os Termos de Assentimento das crianças. Porém, foi conversado com as crianças mais velhas no sentido de explicar o que se fazia na instituição.

A discussão ética tem grande relevância neste projeto, na medida em que, para a coleta de informações, no contexto de acolhimento, houve a necessidade de usar videogravações e, em alguma eventualidade, o uso de recursos fotográficos para explicitação dos resultados ou análises. Instrumentos como estes, usados em ambiente institucional de acolhimento, têm sido vistos por muitos profissionais da rede de proteção com certo sentimento de invasão ao sigilo das crianças institucionalizadas. Por isso, foi preciso apresentar a todos os atores sociais envolvidos, a importância de se fazer pesquisas nestes contextos, fazendo uso mesmo destes instrumentos de registro, para se ter maior precisão na análise dos resultados, salvaguardando as crianças, profissionais e instituição, ao que está definido pelas regulamentações que prevê a ética de pesquisa com seres humanos, conforme Resolução CNS 466/12. A seleção dos bebês focais para o estudo foi intermediada pelo coordenador da própria instituição.

5.4 Contexto Institucional

A pesquisa foi realizada numa instituição de acolhimento, no interior do Mato Grosso do Sul. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça, o Cadastro Nacional de Crianças Acolhidas (CNCA, 2019) informa que há cerca de 48.047 crianças e adolescentes acolhidos atualmente no Brasil. Desse total, 1034 crianças e adolescentes estão acolhidos no Mato Grosso do Sul e o estado tem em média de 140 entidades cadastradas. O cadastro Nacional de crianças acolhidas é restrito e não fornece dados detalhados desse estado, no relatório disponibilizado (sexo por faixa etária, etnia, motivos de acolhimento, dentre outros).

O nome oficializado à Casa de Acolhimento desse estudo foi dado em homenagem a uma criança que fora acolhida juntamente com mais seis irmãos, impossibilitados de ficarem

com a mãe, por questões relacionadas ao uso abusivo de drogas. Todos os irmãos desta criança foram morar com a família extensa, exceto ela, dada as suas condições frágeis de saúde, motivo pelo qual permanece acolhida até os dias atuais e fora homenageada pela instituição.

5.5 Estrutura e Funcionamento da Instituição

Os dados foram compostos a partir de conhecimento prévio da instituição pela pesquisadora, entremeadas com as observações feitas no dia a dia da pesquisa junto à instituição, além de outras informações obtidas por meio da documentação institucional, durante o período realizado da coleta de dados. O documento ofertado por uma das profissionais e consultado pela pesquisadora, para fins de leitura e nota é referente ao Regulamento do Funcionamento da Casa de Acolhimento Institucional.

A Instituição de Acolhimento tinha regulamento vigente a partir de dezembro de 2013, referente à última gestão do município. Não fora encontrado nesta secretaria, nenhum documento anterior que regulasse os parâmetros da mesma. A instituição funcionava havia pelo menos 17 anos e já esteve funcionando em outro local da cidade[6]. Anteriormente ao ano de 2013, a instituição ficava sob os cuidados da equipe do Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS), órgão do Município, responsável por dar suporte especializado às famílias em situação de vulnerabilidade e/ou risco social. Porém, na ocasião, era notória a dificuldade na execução de projetos, orientações individuais e coletivas ou mesmo dirigidas à assistência efetiva aos acolhidos, já que havia uma sobrecarga intensa de funções à equipe destinada a esse cuidado, inviabilizando um contato mais próximo com as demandas da instituição. Além disso, a instalação do CREAS funcionava em local distante da Casa de Acolhimento, o que os afastava um pouco mais das demandas diárias desta casa.

A partir de 2013, talvez pelos problemas expostos acima ou, mesmo, em função das mudanças na gestão municipal, frente a nova legislação que corroboram para a inclusão de equipes multiprofissionais em instituições de acolhimento, foi contratada (não mediante concurso público, mas por meio de contratação temporária) uma equipe multiprofissional, vinculada à Secretaria de Assistência Social. Os profissionais foram lotados com turnos

[6] A pesquisadora já tinha realizado atividades profissionais nesta instituição, entre os anos de 2009 e 2013, por isso, tem informações pregressas da mesma.

revezados dentro da própria instituição de acolhimento e a instituição foi regulamentada, passando a se chamar Casa de Acolhimento Institucional.

O Regulamento do Funcionamento da Casa de Acolhimento Institucional está fundamentado no artigo 92, da Lei Federal 8.069, de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), bem como, em normas fornecidas pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS, Lei nº 10.869, de 13 de maio de 2004), na Lei orgânica de Assistência Social (LOAS, Lei n° 8.742, de 07 de dezembro de 1993), Política Nacional de Assistência Social (PNAS, 2004), Norma Operacional Básica de Assistência Social (NOB-SUAS, 2005) e as Orientações Técnicas de Serviço de Acolhimento (2009), elaboradas pelo Conselho Nacional de Assistência Social e Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA, Lei n° 8.242, de 12 de Outubro de 1991). O regulamento foi aprovado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente em 21 de outubro de 2013.

A Casa de Acolhimento Institucional tem como objetivo de proporcionar acolhimento, em caráter temporário, caso a criança ou adolescente tenha tido seus direitos básicos violados. Nesse sentido, a meta é prestar cuidados necessários para que possam ter segurança física e psicológica, além de oportunizar ou ajudar a manter a convivência familiar e comunitária das crianças e adolescentes acolhidos, bem como oferecer atendimentos especializados relativos às necessidades educacionais e/ou de saúde. São princípios norteadores passíveis de serem encontrados no ECA (1990), no Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006), bem como nas Orientações Técnicas de Acolhimento Institucional (Brasil, 2009).

De acordo com o Regulamento da casa, o serviço era operacionalizado pela Secretaria de Assistência Social, com utilização de imóvel e recursos financiados pela Prefeitura do Município e conta com Equipe Técnica e Equipe Funcional própria.

A Equipe Técnica era composta por (01) Coordenador Social (podendo ter formação em Direito, Serviço Social, Psicologia ou Pedagogia, e sendo responsável por todas as ações da casa de acolhimento, bem como a representação da instituição em todos os demais órgãos do município), (01) Assistente Social, (01) Psicólogo, (01) Educador Social II e (01) Pedagogo.

Todos os profissionais da Equipe Técnica deveriam ter formação mínima em nível superior, na área acima mencionada, com experiência no atendimento à criança e ao adolescente e no cuidado às famílias em situação de vulnerabilidade e/ou risco social. O tempo de experiência não era especificado. Também havia atribuições de âmbito coletivo para a equipe, relativo à construção de projeto político pedagógico do serviço, discussão de planejamentos conjuntos com outros serviços de proteção aos direitos das crianças,

adolescentes e suas famílias; construção de relatórios periódicos e discussões de casos, com a autoridade Judiciária e Ministério Público envolvendo cada situação de acolhimento.

Cabe também acrescentar que são esperadas ações no sentido de ofertar capacitação e acompanhamento aos cuidadores, assim como, aos acolhidos e suas famílias, no sentido de possibilitar a reintegração familiar, colocação em família substituta, ou quando esgotadas todas as possibilidades de manutenção em família de origem, a preparação em parceria com os cuidadores, para o desligamento das crianças e adolescentes e o encaminhamento para a adoção.

No caso da reintegração da criança ou adolescente à família de origem ou mesmo, para a adoção, espera-se que os profissionais se incumbam de realizar aproximação das famílias nesse interim, com o intuito de auxiliar no fortalecimento dos vínculos entre si, antes que ocorra o desligamento da criança ou adolescente da instituição.

Entretanto, o funcionamento da instituição, no sentido concreto, apresentou nuances próprias daquele contexto. A instituição passava por importante transição, em virtude do surgimento de concurso público, o que de certa forma teve efeitos nos funcionários contratados, em função do risco de perda do emprego dos que ali estavam trabalhando. O caso é que, em março de 2016, a casa estava com equipe técnica desfalcada e não havia Coordenador Social, sendo delegada naquele instante, a responsabilidade da coordenação a uma Assistente Social, que estava de Licença por problemas de saúde. Tempos depois tinha sido enviado para a instituição uma Coordenadora temporária e, aos poucos, chegaram alguns novos profissionais da equipe técnica (02) e da equipe funcional (03). Estes foram sendo incluídos no quadro profissional, sem estar claro, entre as pessoas da equipe funcional, quem ingressava via concurso ou não, pois, era recorrente o discurso na instituição de que os concursados não queriam trabalhar na casa de acolhimento, mantendo assim, muito das antigas cuidadoras por meio de outros contratos. Os novos profissionais da Equipe técnica (Assistente Social e Educadora Social) adentraram a instituição e foram paulatinamente assumindo suas funções. Apresentavam inseguranças, confusões, dificuldades próprias advindas dessa transição. Foi possível assim notar uma clara instabilidade dos antigos e dos novos profissionais na relação com o trabalho, em função desse momento histórico do município[7]. Os concursados não sabiam ao certo se seriam chamados (ou não) para a assumirem os cargos, de alguma forma afetando as pessoas e a dinâmica de funcionamento da

[7] O município estava há muitos anos sem efetivação de concurso público, sendo a maioria dos trabalhadores, contratados como cargo de confiança durante o tempo de gestão de prefeito eleito. Em anos anteriores a 2013 havia tido concurso no município, mas o mesmo fora impugnado.

instituição, já que não se falava em outra coisa a não ser da incerteza da permanência dos já presentes em suas funções; e, para além disso, o salário de todos estavam há muito atrasados.

A casa de Acolhimento se encontrava temporariamente sem Gestor, sem Psicólogo e Pedagogo. A coordenação fora assumida por uma das técnicas e a condição das cuidadoras ainda era profundamente instável, pois podiam ser dispensadas a qualquer momento mediante nova gestão política, já que a maior parte das trabalhadoras não eram concursadas, e sim, contratadas pela antiga gestora, já exonerada. Neste contexto e em meio ao resultado das novas eleições municipais, em outubro de 2016, a coordenadora bem como a gestora em exercício da instituição foram exoneradas dos seus cargos. Da equipe técnica, restaram duas Assistentes Sociais e uma Educadora Social, das quais, apenas uma estava há mais tempo na instituição. Isso, de alguma forma, pode ser um dos fatores que afetava substancialmente o funcionamento da instituição, já que pairava sobre ela, a desorganização nas ações, confusões no exercício das funções, pouco aprofundamento no que requeria o cuidado específico as demandas das crianças, adolescentes e famílias.

Havia ainda, como já discutido na literatura (Moura, 2012), uma rotatividade inerente às Casas de Acolhimento, no que se refere às crianças e aos adolescentes - por se tratar de ambiente de acolhimento temporário -, e uma rotatividade também dos trabalhadores da instituição, dificultando a organização mais estruturada desse contexto de proteção à infância e adolescência.

Já a Equipe Funcional, de acordo com o Regulamento da instituição, deveria ser composta por (04) cuidadores, (04) Auxiliares de cuidadores, (02) profissionais de limpeza, (02) profissionais de alimentação, (01) lavadeira e (02) vigias, totalizando 15 profissionais. No entanto, no momento da coleta de dados, havia entre cuidadores e auxiliares de cuidadores oito funcionárias.

Não havia profissional específico para cuidar da alimentação, do serviço de limpeza doméstica e nem vigias. Tais atividades de limpeza, alimentação, bem como, segurança da casa e das crianças ficava a cargo das cuidadoras. Também eram esperadas desses funcionários, mediante descrição funcional, ações no sentido de auxiliar o desenvolvimento das relações afetivas, construção de atividades adequadas ao grau de desenvolvimento de cada criança, auxílio com relação às suas histórias de vida, o fortalecimento de autoestima, a construção da identidade, organização de registros individuais (como fotografias) e acompanhamento nos serviços de saúde, educacionais entre outros.

Ainda que no papel constem bem definidas as funções da Equipe Técnica e Funcional (que inclui as cuidadoras), foi possível perceber, por meio de observações empreendidas, certa

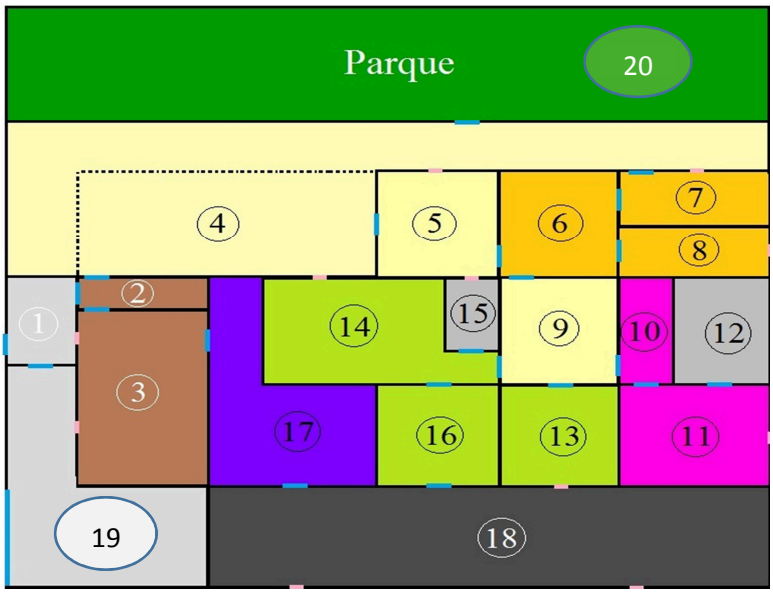
impraticabilidade de algumas destas tarefas, talvez devido à sobrecarga de trabalho atribuída aos mesmos. Os esforços de trabalho eram visivelmente mais dispendidos aos cuidados da alimentação e higienização da casa e das crianças e dos adolescentes acolhidos. Atividades mais específicas, visando o cuidado afetivo personalizado, o desenvolvimento na construção da identidade ou meios para que as crianças pudessem lidar melhor com a história de vida ou sua permanência na instituição de acolhimento foram pouco observadas.

5.6 Sobre a estrutura física da instituição de acolhimento

Os parâmetros da estrutura física de uma entidade de acolhimento precisam ser norteados pelas normativas que fundamentam as Orientações Técnicas: Serviços de acolhimento para crianças e adolescentes, uma vez que já são aprovados pelo LOAS, PNAS (2004), NOB, SUAS (2005), NOB-RH/SUAS (2007). Dessa maneira, a previsão era de que a casa tivesse espaço suficiente para acomodar o número de crianças e adolescentes ali acolhidos. A Casa de Acolhimento tinha capacidade para acolher cerca de vinte pessoas, entre crianças e adolescentes, de ambos os sexos, com faixa etária de zero a dezoito anos. De acordo com tais diretrizes, a instituição precisaria ter quartos (sendo que nestes quartos poderiam ser colocadas no mínimo quatro e no máximo seis crianças), precisaria manter uma forma de organização, de maneira que individualizasse os pertences de cada acolhido. Precisaria, ainda ter quarto de estudos, pelo menos um banheiro adaptado, cozinha, área de serviço, área externa e sala para equipe técnica com espaço suficiente para que fizessem seus relatórios e reuniões.

Para fins ilustrativos, a Figura 1 que se segue, teve como intuito expor esquematicamente, como era a estrutura física da instituição investigada. A cada parte enumerada da mesma recebeu uma breve nota explicativa correspondente. Tal figura contribui ainda para mostrar a estrutura social-espacial em que se dava a dinâmica das atividades e interações das crianças observadas nesses espaços.

Figura 1: Esquema da estrutura física da Casa de Acolhimento.



01. Entrada da Casa de Acolhimento
02. Sala de Espera - Pequeno espaço, com bancos, destinado às famílias ou outras pessoas que visitam a instituição enquanto aguardam para falar com os profissionais da equipe técnica ou funcional. Raramente a pesquisadora viu pessoas esperando nesse local, nos horários observados.
03. Sala da Equipe Técnica da Casa de Acolhimento - Sala com ar condicionado, armários para guardar arquivos, escrivaninhas, computadores. Tinha uma porta que dava acesso à sala destinada a Brinquedoteca. Sala relativamente estreita e com pouca luminosidade.
04. Varanda - Ocupada por uma mesa e cadeiras grandes e uma mesa e cadeiras pequenas, um "chiqueirinho", um "cavalinho" de brinquedo e mais algumas mesas e cadeiras pequenas, sobrepostas e amontoadas em um canto da varanda. Local aberto, arejado, iluminado, com algumas colunas, com vista para área verde da casa e entrada para outras dependências da mesma. Era comum a frequência das crianças neste espaço e também era comum observar que os visitantes (seja da família ou não), escolhiam-no para interagir com as crianças.
05. Sala de estar 01 - Sala organizada com um pequeno sofá e uma TV. Em uma das paredes foram construídas prateleiras de alvenaria, do chão até o teto, para funcionar como estante. A sala era pequena e tinha alguns brinquedos disponíveis na estante, muitas vezes, colocados em altura inalcançável às crianças menores. Algumas vezes, o berço e /ou "bebê

conforto", o carrinho de bebê ou "chiqueirinho" eram transferidos para esse cômodo, para que o (s) bebê (s), pudessem estar junto com as outras crianças, assistindo televisão ou mais ao alcance de visão das cuidadoras.

06. Cozinha - Um dos locais onde as cuidadoras ficavam a maior parte do tempo, a cozinhar, preparar lanches, mamadeiras. Representava ainda um espaço de trânsito por dar acesso aos demais cômodos da casa. Ali também parecia servir como um espaço de socialização das cuidadoras, que usavam-no espontaneamente para conversarem, acerca da rotina institucional. Local abafado, com pouca iluminação, sem janelas.
07. Área de Serviços - Uma área pequena que continha a pia de lavar louças e o tanque e máquina de lavar roupas.
08. Despensa – Local onde ficava a geladeira, grandes estantes onde eram guardados os alimentos. Este cômodo era escuro, pequeno, e sempre estava trancado para impedir a entrada das crianças.
09. Sala de estar 02 – Sala organizada com um jogo de sofá e uma TV pequena suspensa no alto da parede. Nesta sala, geralmente ficava um berço encostado numa das paredes. Local, que como a cozinha, tinha intenso movimento, por ser área que dava acesso aos quartos, banheiros, berçários e brinquedoteca. Sala com pouca passagem de ar já que não tinham janelas e, por isso, tinha pouca luminosidade, sendo sempre necessário que a lâmpada ficasse acesa.
10. Berçário 01 – Cômodo pequeno e estreito, ocupado por três berços. Local com pouca passagem de ar, sem janelas, pouca iluminação. O espaço era utilizado para deixar os bebês. Não era um local muito transitado pelas crianças com idade superior a dois anos.
11. Berçário 02 – Local onde possuía uma cama alta, adaptada para necessidades específicas de uma criança, uma cômoda e dois berços. Na cama adaptada, ficava acomodada permanentemente a criança com paralisia cerebral. Nos berços, ficavam os bebês, que passavam pela casa de acolhimento. Era um local onde havia pouca passagem de ar, pois, ainda que tivesse janela, esta se ligava quase diretamente ao muro, o que impedia, inclusive a passagem de luz para o quarto. Nesses cômodos (10,11 e 12) fora observado pouco trânsito das crianças com idade superior a dois anos.
12. Banheiro - Local conjugado ao berçário 02, usado para dar banho nos bebês. As meninas da casa também eram orientadas a usar esse banheiro.

13. Quarto das Crianças 01 - Quarto das meninas. Possuía três camas com gavetas. Lugar mais iluminado, com brinquedos, pouco visitado pelas crianças durante as videogravações.
14. Quarto das Crianças 02 - Quarto dos meninos, com três camas. Quarto pouco iluminado. Pouco visitado pelas crianças durante as videogravações.
15. Banheiro – Usado pelas cuidadoras e crianças, geralmente, os meninos. Pouco iluminado, já que sua janela era pequena. O cômodo era conjugado com a primeira sala de estar (identificada na figura pelo número 05)
16. Roupário[8] – Possuía cama, estante, cômoda e dois armários com roupas e um armário de aço, fechado, com nome das crianças
17. Brinquedoteca – Era um lugar pequeno, pouca luminosidade, com brinquedos disponíveis e uma mesa. Funcionava também como sala de fazer tarefas escolares e era usada por um dos técnicos. Durante as gravações, as crianças não utilizaram esse local.
18. Almoxarifado – Edícula, onde eram guardados todos os produtos de higiene, limpeza, medicamentos, bem como, pertences pessoais das crianças acolhidas. O lugar ficava trancado, sem acesso pelas crianças.
19. Garagem - Local onde geralmente ficava um carro, especificamente um Fiat Uno, carro da Prefeitura, vinculado à Secretaria de Assistência Social, para uso da Equipe Técnica da Casa de Acolhimento.
20. Área Verde – Local amplo, cercado por muro baixo, com um pequeno pomar, local com areia, partes de terra com e sem grama. Havia alguns brinquedos, como balanços e outros fixos ao chão para as crianças e adolescentes. Embora fosse um local atraente, notou-se que o espaço não era muito frequentado pelas crianças e isso dependia às vezes, do horário (porque às vezes, as crianças maiores estavam na escola) e das cuidadoras presentes em cada turno (pois algumas não gostavam que as crianças fossem para esta área, pois poderiam se sujar, o que dispenderia novas tarefas de limpeza com a criança e com a casa).

[8] As crianças, geralmente iam para a casa de acolhimento, com a roupa do corpo. A instituição ganhava roupas e brinquedos, por meio de doações. As roupas eram separadas por idades e ficavam guardadas em um armário de aço nesse roupário, com o nome da criança que chegava. Se algum familiar levasse um brinquedo ou roupas, para uma criança em particular, isto era ensacado e guardado para ser entregue à criança quando ela fosse desligada da instituição. Os funcionários tinham essa prática, sob alegação de evitar perdas de objetos pessoais das crianças e evitar conflitos entre as mesmas por causa desses pertences. Tentavam individualizar as roupas, mas conscientizavam as crianças de que tudo era coletivo e precisava ser repartido na casa de acolhimento. Quando a criança saía da casa de acolhimento, algumas roupas que usavam no abrigo podiam ser levadas, juntamente com o saco no qual eram guardados os seus pertences pessoais.

5.7 Participantes do Estudo

Uma vez compreendido o contexto geral em que as crianças se encontravam temporariamente acolhidas, serão apresentados os participantes do estudo de caso: os dois bebês focais[9] e as crianças que durante esse período frequentaram o contexto institucional e interagiram com os bebês focais.

Entendendo, ainda, que a efetivação das relações dos bebês com as demais crianças dependia dos arranjos espaciais, da estrutura organizacional e da rotina, definidos pelos funcionários da instituição e setores legislativo, também foram considerados como participantes deste estudo, membros da equipe de profissionais da instituição.

Para a seleção dos bebês focais, primeiramente fora contatado o coordenador da instituição para conhecer as histórias dos bebês acolhidos, com o intuito de verificar a faixa etária das crianças e ainda verificar aqueles que tenderiam a ficar maior tempo na instituição.

A tentativa de buscar bebês que ficassem maior tempo na instituição era com o intuito de garantir minimamente que as videogravações não fossem interrompidas de maneira abrupta, com o desligamento repentino da criança, embora, dada a imprevisibilidade própria da rotatividade das crianças nesse contexto, qualquer previsão ainda era algo impreciso.

Os bebês focais selecionados deveriam ter mais de seis meses ao ingresso. A escolha por essa faixa etária se deveu ao fato de que, a partir dessa fase, os bebês têm ampliado sua competência social, que permite com que estes expressem e correspondam às expressões dos parceiros (Mendes & Seidl-Moura, 2009). Abaixo, nas figuras 2 e 3, são apresentados os dois bebês: **Bebê 1** (Ana - 10 meses) e **Bebê 2** (Caio - 07 meses).

Figura 2: Bebê focal 1 (Ana, 10 meses).

Figura 3: Bebê focal 2 (Caio, 07 meses).

[9] Ambos os bebês focais, em estágios lactentes de vida. As demais crianças participantes compreendiam estágios pré-escolares, escolares e adolescência.

As demais crianças com as quais eles estabeleceram interações durante a investigação foram crianças igualmente acolhidas. As crianças e os adolescentes acolhidos eram todas crianças advindas de contextos empobrecidos, famílias que viviam em bairros periféricos da cidade, muitas dependentes, em alguma medida, dos benefícios ofertados por Programas do Governo, como o Bolsa Família, Vale-Renda, auxílios de cestas básicas ofertados pela Secretaria de Assistência Social, entre outros. As moradias de origem, das quais a pesquisadora teve contato, tinham estruturas simples, por vezes insalubres (escuras e pouco ventiladas) e com grande número de moradores.

A Casa de Acolhimento podia acolher até vinte crianças e/ou adolescentes, na faixa etária que ia de zero a dezoito anos. No período de março a outubro de 2016, período da coleta de dados, havia uma média de dez crianças e dois adolescentes acolhidos. Alguns estavam lá havia mais de ano; outros tinham sido mais recentemente acolhidos. Suas idades variavam entre dois meses a 14 anos, como indicado no Quadro 1, que ainda apresenta o motivo da retirada da família de origem e destaca o fato de haver grupo de irmãos.

Quadro 1 – Crianças em acolhimento institucional durante o processo de investigação.

Acolhidos	Idade	Motivo do Acolhimento
Júlia	02 meses	Abandono e Negligência
Caio[10]	04 meses (Bebê focal 2)	Perda de moradia por incêndio
Ana	10 meses (Bebê focal 1)	Uso abusivo de drogas pelos pais
Ester[11]	12 meses	Porte ilegal de arma de responsável
Lalinha	03 anos	Porte ilegal de arma de responsável
Iam	03 anos	Perda de moradia por incêndio
Vini	03 anos	Abandono e Negligência
Luna	05 anos	Perda de moradia por incêndio
Lucas[12]	07 anos	Tráfico de drogas e cárcere do responsável
Joana	08 anos	Tráfico de drogas e cárcere do responsável
Henrique[13]	08 anos	Abuso Sexual
Paola	10 anos	Abandono e/ou Negligência
Catarina	12 anos	Abuso Sexual
Rui	14 anos	Tráfico de drogas e cárcere do responsável

[10] Caio (05 meses) foi acolhido juntamente com os irmãos: Iam (3 anos) e Luna (05 anos).
[11] Ester (12 meses) e Lalinha (03 anos) eram imãs e foram acolhidas no mês de setembro de 2016.
[12] Lucas (07 anos) foi acolhido juntamente com os irmãos: Joana (08 anos) e Rui (14 anos).
[13] Henrique (08 anos) foi acolhido juntamente com sua irmã, Catarina (12 anos).

Com relação ao sexo das crianças, a maioria são do sexo feminino (cerca de 58,4%) e 41,6%, do sexo masculino. A maioria das crianças tem etnia branca (66,6%), seguida de crianças e adolescentes de etnia parda (25%) e com menor representatividade, a etnia negra (8,4%). A situação das crianças ao acolhimento é muitas vezes grave, pelo comprometimento de saúde, como relata a cuidadora:

> *(...) Os bebês aqui chega com muito problema de saúde (...) e muito é, assim, é muito (...) a porcentagem é muito grande de todas as crianças que são acolhidas (...) A Ana chegou magrinha, magrinha, magrinha, magrinha! Ela vivia doente (...) Eu percebo que as crianças que chegam, chegam muito debilitadas. Então a maior dificuldade é até a gente cuidar deles pra eles melhorar de saúde (...) Hoje ela já dorme bem, se alimenta bem, ela já vai estabelecendo a vidinha normal.* (Cravina, 37 anos)

Um fator a ser considerado é a intensa rotatividade das crianças e adolescentes nesses contextos de acolhimento, por ter caráter de proteção provisória.

Nos meses de março a maio de 2016, haviam dez crianças e dois adolescentes. Entre maio e agosto de 2016, um casal de irmãos fora desligado da instituição e encaminhados para a família extensa, ficando assim nove crianças e um adolescente. No mês de setembro de 2016, foram acolhidas duas irmãs, voltando a ter onze crianças e um adolescente. Aconteceu ainda de uma criança, há muito institucionalizada, ter sido adotada, ficando novamente onze acolhidos somados com o adolescente. Em outubro de 2016, dois grupos de irmãos, um de três crianças e o outro de duas crianças voltaram para a família de origem, sendo desligadas cinco crianças da casa de acolhimento, restando acolhidas cinco crianças e um adolescente. Como pode ser observado, há uma imprevisibilidade no curso rotativo de crianças nesses espaços e isso é algo previsto e inerente a esses contextos institucionais.

Notou-se, por meio de observações contextuais, que os desligamentos ocorridos durante todo o período de coleta de dados, eram feitos de maneira com que crianças e cuidadoras tivessem ciência da decisão judicial, poucos dias ou poucas horas antes de as crianças serem desligadas. Contrariando as Orientações Técnicas de Acolhimento Institucional (Brasil, 2009) concernente às normas indicadas para o desligamento e ao desenlace dos vínculos ali constituídos, não havia preparação das partes para a ocorrência do desligamento das crianças.

Com o propósito de conhecer a dinâmica institucional e, com isso, ter uma ideia mais ampla do contexto investigado foi possível estar mais próxima da Equipe Funcional, dentre as quais, cuidadoras. Estas tinham funções amplas dentro da casa e estiveram mais próximas da rotina das crianças.

A Casa de Acolhimento funcionava em regime integral (24 horas por dia, de segunda a segunda) e as cuidadoras trabalhavam com sistema de revezamento com regime de 12 por 36 horas. O Quadro 2 faz uma apresentação das cuidadoras participantes desta pesquisa.

Quadro 2 – Dados das Cuidadoras entrevistadas[14].

Nome	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Tempo/Instituição	Etnia
Gardênia Cuidadora 1	57	Fundamental Completo	Casada	06 anos	Branca
Cravina Cuidadora 2	37	Superior completo	Solteira	09 meses	Branca
Fresia Cuidadora 3	45	1° Grau Incompleto	União Estável	1 ano e 5 meses	Branca
Iris Cuidadora 4	46	1° Grau Incompleto	Solteira	2 anos	Branca
Angélica Cuidadora 5	57	1° Grau Incompleto	Divorciada	03 anos	Negra
Narcisa Cuidadora 6	22	2° Grau incompleto	Solteira	03 anos	Branca
Margarida Cuidadora 7	42	1° Grau Incompleto	Casada	02 anos	Parda
Palma Cuidadora 8	40	1° Grau Incompleto	Solteira	02 anos	Negra

5.8 Registro da situação

Como já referido, o intuito do presente projeto de doutorado consistiu em investigar e apreender ocorrências de interações das crianças, tomando como base dois bebês focais; e, ainda, verificar se/como nessas interações das crianças entre si se dariam práticas de cuidado.

Para isso, foram utilizados como registros, a videogravação dos bebês focais, a entrevista com cuidadoras e diário de campo da pesquisadora.

O uso de diário de campo forneceu uma descrição daquele contexto, por meio de um olhar etnográfico necessário para o registro de elementos da situação, registrando informações diversas (data, período, idade dos bebês observados, informações sobre as histórias das crianças, dos participantes de uma cena observada, situação dos casos, relatos dos funcionários, dinâmica institucional, entre outros). As informações ali contidas contribuíram para dar maior entendimento a situações verificadas por meio das cenas de vídeo e mesmo das

[14] Todos os nomes são fictícios, para preservação da identidade das cuidadoras.

entrevistas; ainda, colaborou no sentido de melhor definir os recortes de pesquisa, dentro dos objetivos e perguntas já previamente delineados.

As entrevistas conduzidas tiveram um caráter semiestruturado e foram realizadas com as cuidadoras da instituição, com o intuito de compreender melhor o contexto e as pessoas ali situadas, investigando o perfil dos funcionários (a idade, o nível de instrução, o tempo de trabalho na instituição, a percepção e o sentimento com relação ao seu trabalho na instituição, a quantidade de funcionários; suas funções; clima relacional dos funcionários, funcionários e crianças; sobre as formas de contratação de funcionários, rotina dos bebês; sobre o que pensam acerca das interações das crianças, se encorajam tais interações, como, quando e de que maneira estas interações ocorrem, na perspectiva dos mesmos).

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com oito cuidadoras, com duração entre 13 e 42 minutos cada uma. As entrevistas foram transcritas e os excertos apresentados, conforme narrativa do entrevistado. As questões das entrevistas se referiam a temas que pudessem nortear, quem eram essas cuidadoras, o trabalho delas na instituição e a rotina das crianças na instituição, com ênfase na rotina dos bebês.

As videogravações duraram cerca de seis meses, sendo que foram feitos três meses de videogravações com Ana (bebê focal 1) e três meses com Caio (Bebê focal 2). Ana estava com dez meses ao ingresso na instituição (março/2016). Quando Ana e Caio se encontraram pela primeira vez, Ana tinha 12 meses e Caio tinha 05 meses. Caio estava com sete meses de idade (Julho/2016) quando do início das gravações e nesse período Ana estava com 14 meses. A coleta de dados se encerrou com o término das videogravações com Caio, no início de outubro de 2016.

Esses registros foram feitos pela própria pesquisadora, com uma câmera filmadora, possibilitando contato próximo com todos os participantes da pesquisa e rotina da instituição. Em cada um dos casos, as gravações ocorreram semanalmente, com dias e horários alternados, em turnos vespertinos, usualmente após o horário da escola das crianças, ou pouco antes disso.

As gravações iniciavam cerca de vinte a trinta minutos após chegada da pesquisadora na instituição de acolhimento, tempo que era utilizado para aproximação das crianças e das cuidadoras, para maior apreensão da rotina diária e também construção e manutenção do vínculo com os participantes, considerado importante para a pesquisadora no empreendimento de um trabalho dentro desse contexto. Logo após, iniciava-se as filmagens com o bebê focal, priorizando o bebê e as crianças com quem ele interagia no momento das videogravações.

A escolha do turno foi feita por solicitação da própria equipe técnica da instituição, já que nesse horário poderiam receber a pesquisadora e, ainda, não coincidiria com o horário de sono dos bebês.

Cada gravação teve duração de aproximadamente 30 minutos[15]. As videogravações foram realizadas dentro da instituição de acolhimento e o enfoque variou conforme os arranjos e dinâmica próprios de cada cuidadora e crianças presentes. Ao todo, obteve-se cerca de 1.410 minutos das 47 videogravações feitas, sendo que, com o recorte de vinte minutos de análise em cada vídeo obteve-se 460 minutos de videogravações analisadas com o bebê focal 1 (Ana) e 480 minutos de videogravações analisadas, com o bebê focal 2 (Caio), perfazendo 940 minutos de vídeos analisados com os dois bebês.

O uso das videogravações se justificou por ser um estudo que teve como foco a análise das práticas de cuidado nas interações de crianças, requerendo o uso de um recurso que possibilitasse uma observação sistemática do evento. Este possibilitou a amplificação da análise pela maior discriminação de comportamentos pouco observáveis ou que têm manifestação muito sutis (Carvalho et al., 1996).

5.9 Construção do corpus e análise de dados

Para investigar as interações de crianças acolhidas, bem como as práticas de cuidados foi feito uma análise da qual se pudesse situar as ocorrências nos vídeos. O mapeamento, como afirma Ferreira (2013), auxilia na compreensão quantitativa das interações de bebê e as crianças. Assim sendo, foram identificadas todas as cenas em que ocorriam interações das crianças, sendo observado minuciosamente, mês a mês, as práticas de cuidado presentes (se presentes) nas interações das crianças.

Mediante a esse mapeamento, discriminou-se: se as interações eram reguladas ou co-reguladas (Carvalho, Império-Hamburger & Pedrosa, 1996; já referido na introdução desta tese); os parceiros envolvidos nas interações; se as interações em curso eram diádicas, triádicas, etc; o local e o tempo em que os bebês focais ficavam sob esses cuidados; as práticas e os tipos de cuidados ofertados.

[15] O tempo das videogravações variou em função de imprevistos na hora da coleta, como dificuldades técnicas do pesquisador (ex: esgotamento do cartão de memória, da bateria da câmera filmadora) ou mesmo, acontecimentos próprios e inerentes à rotina da instituição que requeria, diminuir, aumentar ou mesmo interromper a gravação com a criança (Ex: Internações, visitas familiares, etc).

Como aponta Ferreira (2013), a comunicação emocional do bebê ocorre não apenas por meio de expressões faciais, mas por movimentos corporais, vocalizações e, inclusive, por meio do olhar (Amorim, 2012; Moura, 2012; Ferreira, 2013). Assim sendo, os sorrisos, choros, as vocalizações, as expressões corporais do bebê - se caminha/engatinha em direção ao outro, se mantém proximidade, busca o outro, afasta-se, aponta o dedo, dentre outros fizeram parte da comunicação expressiva do bebê mediante as práticas de cuidado providas pelos pares.

Após o mapeamento, foi conduzida uma análise qualitativa do material a partir das cenas descritas, minuciosamente, sem deixar de considerar a complexidade do contexto de onde ocorreram (Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva & Oliveira, 2008).

Uma vez identificadas as interações, passou-se à análise das práticas e tipos de cuidado. Como discutido na introdução, a abordagem dessas práticas considerou que os cuidados têm uma amplitude de sentidos, inclusive diferenças quanto as noções de cuidado em Heidegger, justamente por estas não abarcarem os afetos e a corporeidade que se pretende iluminar nessa pesquisa. Apesar disso, foi a partir dos conceitos de Fürsorge e Besorgen do autor, que se inspirou o uso de alguns sentidos, os quais auxiliaram na organização ao recorte escolhido, considerando nesses conceitos aspectos da afetividade, corporeidade, o cuidado como reconhecimento da presença do outro em campo interativo, colocando-se no lugar do outro, de maneira empática, cuidadosa, preocupada e com demonstrações de interesse, além de identificar cuidados provenientes de tarefas dadas/solicitadas por adultos na realização de cuidados as crianças.

O cuidado por Preocupação, inspirado em alguns sentidos de Fürsorge, integrou a atenção, a preocupação e a solicitude de uma criança a outra, de maneira multifacetada. Assim quando se tratava de um cuidado por Preocupação, foi chamado de Atenção quando uma criança se dirigia ao bebê e ofertava sorrisos, olhares, danças, cantos, brincadeiras, conversas, entre outros, sem que houvesse qualquer demanda expressa do bebê para que a criança fizesse aquilo, e a ocorrência era verificada quando o bebê estava sozinho em determinado lugar. Solicitude, quando havia uma demanda expressa do bebê, por meio de chôros, choramingos, olhares dirigidos ao outro, com gestos corporais, vocalizações, entre outras coisas e isso era significado pela outra criança que, a partir disso, tentava atender a necessidade do bebê de maneira imediata. Preocupação/tensão, quando o ato de cuidar, trazia em si, certa tensão da criança que cuidava, como na antecipação de algum perigo, entre outros eventos. O Cuidado por Ocupação, inspirados em alguns sentidos de Besorgen, discriminou o cuidado que esteve mais centrado na realização de tarefas.

Nesse sentido, quando o bebê era incluso, quando era considerado num lugar de importância (sendo ele, no momento ativo ou não, tendo trocas expressivas com as crianças ou não), mas eram considerados no estar Com nos enredos da interação, considerou-se cuidado. O cuidado por Preocupação envolveu considerar a atenção, a solicitude e a preocupação/tensão que partia da própria criança que visava um bem estar próprio ou do outro, desde que fosse um cuidado sem que ninguém o tivesse atribuído como tarefa (Cuidado por Ocupação).

6 RESULTADOS

6.1 O cotidiano institucional na perspectiva das cuidadoras

As cuidadoras, todas do sexo feminino, tinham entre 22 e 57 anos. Sobre o estado civil, 50% delas eram solteiras, outras 37,5% eram casadas e 12,5% divorciadas. No que se refere ao grau de escolaridade, grande parte das cuidadoras não terminaram o Primeiro Grau (62,5%), e um grupo menor não concluiu o Segundo Grau (12,5%). Algumas completaram o 2º Grau (12,5%) e uma concluiu o Ensino Superior (12,5%). Em relação à etnia, a maioria delas tinha etnia branca (62,5%), sendo que 25% era negra e 12,5% parda. Com relação ao tempo de trabalho das cuidadoras na instituição, 62,5% delas trabalhavam lá entre nove meses a dois anos e 37,5% trabalhavam lá entre três a seis anos.

Todas as cuidadoras haviam sido convidadas a trabalhar na Casa de Acolhimento pela ex-gestora da instituição ou por outras pessoas ligadas a ela, na Secretaria de Assistência Social. As cuidadoras se revezavam em turnos diários e cuidavam, além das crianças, de todas as tarefas domésticas exigidas. A rotina de trabalho na instituição era organizada com horários fixos para a realização de tarefas diárias, fossem das cuidadoras ou das crianças. No período investigado, nenhuma das cuidadoras era concursada, não tinham formação específica ou experiência prévia de trabalho em outras instituições infantis. Elas tinham como experiências prévia (e, de alguma forma, isso fora considerado como pré-requisito à função pela gestora) o fato de serem mães, avós, tias ou mesmo, domésticas e babás em trabalhos anteriores.

Em diversos casos, as histórias de vida das cuidadoras abarcavam situações como o sustento de suas casas, junto ou não com seus cônjuges e filhos. Havia históricos de maus tratos na vida intrafamiliar (violência psicológica e violência doméstica); e, histórias envolvendo homicídios, prisões, orfandade e abandono no âmbito familiar. Uma das cuidadoras, inclusive, já havia sido acolhida na sua infância e adotada por mais de uma família.

Todas demonstraram gostar do trabalho na instituição. No entanto, cerca de 87,5% delas mencionaram não ser tarefa fácil a dinâmica das relações entre as colegas, citando vários fatores que dificultavam essas relações rotineiras, tais como: problemas na divisão de tarefas; problemas com quem não cumpria as tarefas atribuídas; a sobrecarga de atividades atribuídas; relações envoltas por disputas; fofocas; problemas na comunicação; e, discordâncias em relação às maneiras de lidar com as demandas advindas das crianças, fosse por rigidez no trato, falta de paciência travestida em xingamentos, alteração da voz, no jeito de pegar ou de falar com as crianças. Inclusive, em decorrências destes conflitos, ocorriam as mudanças de turno das cuidadoras. Estas mudanças

decorriam não só de conflitos na relação dos funcionários ou destes com as crianças, como também quando se tratava de colocar algum funcionário considerado mais rígido, na inserção de limites, em algum turno em que as cuidadoras estavam tendo mais dificuldades na lida com as crianças e os adolescentes. Assim, essa transitoriedade que emerge de mudanças de turnos entre as cuidadoras era, de certa forma, algo que ocorria com muita frequência.

No que se refere às relações com as crianças e aos adolescentes, as cuidadoras relataram que a maior dificuldade encontrada devia-se ao fato de que os acolhidos, muitas vezes, comportavam-se de maneira agressiva na relação com elas, ou com os objetos e com as outras crianças. Afirmam que, algumas vezes, ocorriam situações de as crianças e os adolescentes se expressarem de maneira mais hostil mediante regras ou pedidos feitos por elas; e, a depender da situação acabavam por agredi-las verbal e/ou fisicamente.

> *Sabe o que que eu percebi muito com as crianças? Aqui eles destroem muito os brinquedos! Parece que eles, a gana que eles têm, eles ataca nos brinquedos. As bonecas eles quebra a cabeça, arranca o pescoço. (...) Eles espedaçam os brinquedos!* (Cravina, 37 anos)

> *Tudo o que um pega, o outro quer. Aí a Joana (08 anos) tá na bicicleta dela. O irmão mais velho, que sabe que não pode andar porque estraga, vai, toma a bicicleta e quer andar. Aí se vem uma cuidadora e intervém, pede pra não fazer isso... se você não for com jeito pedir pra não fazer, é o suficiente que - se ele tiver de mau humor - sai quebrando a casa inteira. Não sei se você já observou, as portas dos quartos foi trocada há pouco tempo (...) tá tudo arrebentado (...) Às vezes, acontece mesmo da cuidadora se machucar (...) morder na gente, acontece muito com cuidadora.* (Cravina, 37 anos)

Algumas cuidadoras disseram que a rigidez no trato com as crianças podia deixá-las mais tensas na relação com o adulto e conceberam como atitude problemática o fato de se atribuir serviços de casa para as crianças, para além do que deveriam, em vez de oferecer atividades lúdicas, praticamente escassas na instituição. Apenas uma das cuidadoras considerou que a relação das funcionárias com as crianças era, em absoluto, uma relação positiva e sem problemas.

Com relação aos bebês, todas as cuidadoras trabalhavam diretamente com eles, nenhuma sendo específica para o atendimento e as demandas mais pontuais dessa faixa etária. As cuidadoras relataram não ter dificuldades no cuidado aos bebês acolhidos, exceto para atribuir significado ao choro dos bebês. Apenas uma das cuidadoras referiu-se ao cuidado com o bebê como algo difícil por demandar muita responsabilidade, particularmente quando envolvia problemas de saúde:

> *Essa função é muito gostosa... estar com o bebê assim, porque o bebê igual a nenezinha... A nenezinha chegou esses dias, você vai dar banho, você conversa com ela porque ela entende.*

> *Você conversa com ela. Ali ela vai entender você, ela vai sentir que tá segura, ela não tá... como é que fala... abandonada, tem que alguém junto com ela* (Angélica, 57 anos)

> *Você tem a dificuldade de saber o que ele tá sentindo... muitas vezes, vamos supor quando o bebê chegou hoje.. você não sabe como que foi... como que era lá fora...você não sabe porque ele tá chorando... a dificuldade pelo fato dele não falar... e então, nem sempre você vai adivinhar o que ele tá sentindo... você nem sempre você vai adivinhar tipo assim.. você tem uma noção de vamos supor, quando ele suja a fralda, quando ele tá com fome... Mas, da noção dele, vamos supor, ele tá sentindo uma dor... você não tem essa noção. Você tem que ir aprendendo pelo jeito dele... pelo que passando um tempo você vai saber tipo... vamos supor que tá sentindo uma dor... pelo jeitinho que ele tá* (Narcisa, 22 anos).

A despeito de como eram compreendidos pelas cuidadoras os vínculos dentro da casa de acolhimento, havia uma cultura institucional que valorizava e prezava pela não vinculação das cuidadoras nas interações com as crianças. Como discutido no trabalho de Moura (2012) ao analisar outra instituição de acolhimento, a regra era não se apegar, nem deixar que as crianças se apegassem a elas, às vezes até sendo passível de advertência às conduções que infringissem essas regras. Foi possível perceber, no entanto, que, apesar de as cuidadoras terem seus discursos marcados pelas regras, estas desacreditavam da possibilidade de ter uma relação com as crianças sem que houvesse uma construção de relação afetiva.

Na prática cotidiana, as crianças pareciam demandar especificidades, das quais as cuidadoras eram sensíveis, tais como: preferências particulares de cada criança nas interações cotidianas, como as que envolviam a alimentação, a brincadeira, entre outros. Assim, foi possível perceber, neste contexto, momentos de interações permeadas por trocas afetivas de cuidadoras e crianças; e, em especial, de crianças e outras crianças, além de observar conflitos.

Há relatos de cuidadoras tensas com os choros dos bebês e ainda tensas com técnicos que pegavam os bebês, sobretudo porque não conseguiam cuidar das crianças e da casa ao mesmo tempo. Por outro lado, havia relatos de que os bebês eram pouco tocados, a não ser quando o toque viesse em decorrência de atividades rotineiras com eles (alimentação, banho). Havia incômodo com as demandas afetivas expressas por choros frequentes, já que normalmente não se tinha tempo de atender ou não era recomendado atender quando choravam.

> *A gerência mesmo diz que a gente não tinha que ficar mimando muito pra... Tem os tipos da regra, cê entendeu? (...) Aí eu fiquei pensando, falei "Meu Deus, será que eu vou ter que cumpri tudo isso?" "Não pode deixar ele beijar ocês, a gente não pode beijar eles", falei: "Ahaaa (indignada), isso não vai acontecer comigo, não!" "Eu gosto deles!" (Meio brava) Eu já falei de cara mesmo! "Vixe, eu acho difícil, porque cê vai trabalhar com aquela criança... como é que cê num vai pegar amor por ele? Aaah, mais pega mesmo! Tudo aqui tem regra, entendeu? Tudo tem regra! Só que nós...tem hora que desobedece as regra, não tem jeito!*

Tadinho, eles têm amor em nóis uai, não tem como! (...) A Paola mesmo, ela não mama! Ela fica assim batendo a mão, não mama, agora ela acostumou mamar com a Margarida. Mas ela não mamava com a Margarida, com a Narcisa piorou (...) A Vini também não come com a Narcisa, só comigo! (Palma, 40 anos)

Olha, orientaram a gente foi muito bem, que assim, não pode deixar eles se apegar, a gente se apegar muito neles, mas (...) no dia-a-dia, não tem como (...) Eu acho que a gente não devia se apegar. Só que, com o tempo, a gente vai se apegando (...) a gente vai pegando até amor (...) Do mesmo jeito que eles chegaram aqui, de repente, eles podem ir embora e a gente nem sabe pra onde que foi... talvez nem vê mais. Mas não tem como. Tem criança que chega aqui, a gente bate o olho e já gosta (...) Com o tempo a gente percebe que elas também se apega na gente, porque a gente tá ali cuidando, de um jeito ou outro, a gente dá amor, dá carinho (Margarida, 42 anos)

Não é todo dia que tem um psicólogo aqui.. e então, vamos supor, que tem um dia que ele não tá legal.. ela tá chorando por algum motivo. Você não é psicólogo e ela tá ali...tentando de qualquer jeito ajudar pra não fica triste, você acaba tentando ajudar (...) O bebê, principalmente quando ele chega, você conhece a história de vida dele...você acompanha o desenvolvimento... você acompanha os primeiros passinhos...você acompanha tudo! Querendo ou não, você cria aquele vínculo, você acaba tendo um sentimento por ele (Narcisa,22 anos)

A gente pega afetividade (...) Eu não sei se deve ocorrer, mas nós somos assim seres humanos e temos emoção, sentimento. E, por incrível que pareça, a emoção do coração às vezes ela manda mais do que a da razão. (...) Aqui eu procuro ponderar um pouco. Mas eu pego afetividade, gosto das crianças (...) Como que você vê um bebezinho e não pega amor por ele? (...) Mas eu tento colocar na minha cabeça que eu quero bem pra eles, que eles têm que ter uma família fora (Cravina, 37 anos)

6.2 O Cotidiano institucional a partir das observações da rotina das crianças

De acordo com o cronograma, a rotina[16] das crianças e dos adolescentes na casa de acolhimento começava cedo. Entre as 05h30min e 07h, as crianças que estudam na Educação Infantil eram acordadas, higienizadas e arrumadas para irem à escola. As crianças que ficavam na casa, e isso incluíam os bebês, eram acordados às 07 horas para tomarem banho e o café da manhã. Essa rotina era alterada aos sábados e domingos, quando as crianças e os adolescentes podiam acordar às 9 horas.

Durante a semana, logo cedo, os bebês tomavam mamadeira, enquanto as cuidadoras eram orientadas a alimentar as outras crianças com leite, pão e alguma fruta. A partir das 07h30min, durante toda a semana, as crianças faziam atividades intercaladas entre desenho livre e pinturas com tinta guache. Por volta das nove horas, era oferecida bolacha ou fatia de bolo. Às onze horas, era servido o almoço. As cuidadoras eram orientadas a coar o feijão das

[16] As informações aqui descritas sobre a rotina das crianças foram retiradas de observações da pesquisadora e de um cronograma impresso que foi entregue à pesquisadora pela coordenadora da casa. Porém, como será destacado, notou-se contradições das informações do cronograma com as observações feitas, durante a coleta.

crianças de até dois anos e bater carne com legumes no liquidificador para uma das crianças com deficiência, que não comia alimentos sólidos. Após isso, as crianças deviam lavar os rostos e escovarem os dentes.

Entre 12h e 14h, todos faziam a sesta. Do intervalo entre as 14h e 15h30min, as atividades eram intercaladas para que as crianças pudessem: brincar com jogos pedagógicos ou no pátio na segunda-feira; brincar na brinquedoteca às terças e quartas-feiras; fazer desenhos livres na quinta-feira; e, participar de cantigas de roda, pega-pega, amarelinha e brinquedoteca, na sexta-feira. Aos sábados e domingos, de acordo com o cronograma da instituição, as crianças deveriam se dividir entre atividades que incluíam brincadeiras no pátio e na piscina.

Durante o período em que foram feitas as videogravações, notou-se que essas atividades com o objetivo de lazer ou mesmo as lúdico-pedagógicas não ocorriam como descritas. Ocorria, de vez em quando, alguma atividade com a ajuda de algum técnico. No geral, as crianças ficavam assistindo televisão nas salas, onde geralmente, os bebês também ficavam; ou, elas mesmas iniciavam as brincadeiras, sem livre acesso aos espaços disponíveis e liberados da casa. Notou-se que a TV da sala (onde ficava um dos bercinhos) e o rádio (nos quartos dos bebês) ficavam ligados constantemente, dia e noite. A alegação das cuidadoras era de que os bebês deveriam se acostumar aos ruídos e não acordar com os barulhos da casa; ainda, os sons eram pensados para que a criança com deficiência que vivia no leito, não se sentisse só. O espaço da brinquedoteca parecia destinado à realização não só de brincadeiras pelas crianças, mas também espaço para a realização de tarefas escolares. Este era dividido ainda com um dos técnicos da instituição. A piscina, de lona, com capacidade para cerca de dez crianças, esteve durante o tempo de coleta de dados virada de lado no pátio, sem uso.

Às 16h, as crianças tomavam lanche. E das 16h30mim às 17h, elas retornavam às atividades recreativas, no cronograma previstas como: DVD, vídeo game, uso da brinquedoteca, atividades de leitura, construção de álbum de histórias, uso do parque. Nesse interim, as outras crianças chegavam da escola. Notou-se que esse era um horário sempre muito propício às interações das crianças, pois usualmente elas se reuniam para brincar nesse horário. Às 18h, as crianças tomavam banho e jantavam. O horário entre as 19h e 20h30 era reservado para alguma atividade pedagógica e/ou realização de tarefas escolares. Às 20h30min, os bebês eram colocados para dormir e às 21h30min, as crianças e os adolescentes se deitavam.

Nenhuma criança podia sair da casa de acolhimento sem o acompanhamento de um técnico ou uma cuidadora. As cuidadoras também não poderiam levar as crianças para suas

casas. Com exceção do adolescente, nenhuma outra criança tinha autorização judicial para sair da casa de acolhimento se não fosse para usar serviços escolares e hospitalares, além de uma pequena agenda mensal para realização de passeio para comer pizza ou tomar sorvete, entre outros.

Considerando esse contexto, a partir de agora, apresentam-se resultados e análises relativas inicialmente ao **bebê focal 1** (Ana, 10 meses) e, depois, ao **bebê focal 2** (Caio, 07 meses).

6.3 Estudo de Caso 1: Ana (10 meses)

Figura 4: Bebê focal 1 (Ana, 10 meses).

Ana nasceu em maio de 2015 e foi acolhida em novembro de 2015, tendo então seis meses de idade. Quando iniciou as videogravações, estava há 5 meses na instituição (10 meses de idade). Ana foi acolhida porque o Conselho Tutelar recebeu denúncia de que a mãe estaria oferecendo a filha para alguém que pudesse cuidar da mesma. Ana era a filha mais nova, tendo mais dois irmãos mais velhos que já residiam com família extensa, não havendo nenhum contato entre eles. A mãe de Ana morava em condições difíceis, sem água encanada, sem energia elétrica e sem alimentos em casa. Quando feito o acolhimento, Ana foi retirada dos braços da mãe que, sob efeito do uso de crack, não se deu conta, de imediato, que estavam levando sua filha para a Casa de Acolhimento. Apenas minutos depois de pegarem Ana dos braços da mãe, é que a mesma percebeu o que havia acontecido, tendo se descompensado emocionalmente, solicitando a filha de volta.

Ao longo do período de coleta, Ana não recebeu visitas de familiares, nem da mãe, nem de família extensa. Havia notícias de que a mãe não teria condições de cuidar de Ana por

continuar a fazer uso abusivo de drogas. Ana estava sendo mantida na Casa de Acolhimento até que saísse o resultado de um exame de paternidade, já que um homem apareceu se dizendo pai da criança e desejando a guarda da mesma. Após muito esperar, o exame de paternidade deu negativo e depois de várias tentativas frustradas de reinserção junto à família extensa, Ana fora encaminhada para adoção. Atualmente Ana reside com família adotiva em outro município.

6.3.1 Interações de Ana com outras crianças: aspectos gerais

Primeiro mês de videogravações: Ana (10 meses)

No início das videogravações, Ana estava com 10 meses. Geralmente, quando a pesquisadora chegava na instituição, Ana estava no berço. Nesse período inicial, uma vez colocada ao chão por cuidadoras ou por crianças mais velhas, Ana se deslocava engatinhando para os outros cômodos da casa. Quando no chão, observou-se que Ana se deslocava rumo aos lugares em que havia um maior número de crianças agrupadas. Foram considerados todos os deslocamentos que Ana fez, tanto por deslocamento espontâneo, como de maneira promovida por outras crianças e cuidadoras.

Na primeira e segunda semana de videogravações, as interações de Ana com as outras crianças ocorreram, em sua maior parte, no chão das salas de estar (sala 01 e sala 02), bem como, na Varanda, talvez por serem os locais onde as crianças se aglomeravam após chegarem da escola, para conversarem, brincarem, fazerem tarefas ou realizarem outras atividades.

Na terceira semana, as interações de Ana ocorreram em maior quantidade na sala 02, dentro do berço. Ana era colocada lá em momentos em que as cuidadoras pareciam estar mais ocupadas e não podiam ficar com ela; também, quando acontecia de o clima esfriar (cair a temperatura) ou mesmo, quando Ana estava doente (29/03/16). Também foi possível observar que algumas cuidadoras deixavam os bebês no berço para estes não se sujarem ou sujarem o chão.

As interações de Ana com as outras crianças ocorreram fundamentalmente na Varanda. Ela era levada para lá por uma das cuidadoras que, permanecia todo o tempo ao lado de Ana, com o intuito de possibilitar que Ana também brincasse com as outras crianças. Ana estava visivelmente apática, mas ainda interagia.

As interações de Ana com as outras crianças da casa de Acolhimento eram iniciadas tanto pelas crianças mais velhas, como por ela. Na primeira semana, por exemplo, ela iniciou mais as interações com as outras crianças, quando em comparação com as outras semanas deste primeiro mês.

Ana iniciava as interações de diferentes formas: ela engatinhava em direção às crianças, vocalizava, apontava, sorria, tocava o rosto, dirigia o olhar à face do outro, apesar de que nem sempre era correspondida por eles. Normalmente, as outras crianças conversavam com ela e chamavam-na para brincar: "Vem Ana, vem"! Eles sorriam para ela, colocavam-na no colo, brincavam com ela, abaixavam e tocavam-lhe a face. Quando era um parceiro com o qual Ana não interagia muito, ela também podia ser correspondida quando iniciava a interação, ainda que de uma maneira que parecia indicar pouca proximidade, como um olhar rápido ou um contato físico aligeirado. Ana tocava esses parceiros no braço, nas pernas, como se os chamassem. No entanto, nem sempre era percebida por estes; se a percebiam, não a correspondiam nessas iniciativas, ou porque estavam vendo TV, conversando, entretidos com alguma tarefa ou brincadeira ou simplesmente porque pareciam não desejar a interação com o bebê naquele instante.

Ana demonstrava intensa afetividade e preferência na interação com Joana (8 anos), mas também foram observadas interações afetivas com Rui (14 anos), Henrique (08 anos), Lucas (07 anos) e Vini (03 anos). A interação com Lucas se dava de maneira frequente e, na maior parte das vezes, era iniciada por Lucas. Nessas interações, chamou a atenção, para além da afetividade expressa entre ambos, a maneira, como, às vezes, Ana era "forçada" a interagir com ele. A exemplo disso, quando a forçava corporalmente a estar perto dele, mesmo que ela tentasse se distanciar, engatinhando, choramingando e vocalizando, às vezes, em tons altos de voz, enquanto tentava se afastar. Isso também fora percebido na interação com Joana, embora parecesse menos agonístico, pois, quando a interação era com Joana, a expressão corporal de Ana, embora evitativa no contato corporal forçado por Joana, as vocalizações eram sem alterações na altura da voz e sem choramingos.

No aspecto que envolve o desenvolvimento motor observado, Ana engatinhava e já firmava as pernas com o apoio de objetos ou o apoio de outra pessoa. Ela ainda não andava e parecia não possuir maturidade motora suficiente, o que a fazia segurar-se firme nas pessoas, paredes e objetos.

Segundo mês de videogravação: Ana (11 meses)

No começo do segundo mês de videogravação, quando possibilitada, ela era retirada do berço pelas cuidadoras ou pelas crianças. Ana se locomovia engatinhando para alguns pontos preferenciais da casa, em especial nos lugares em que circulavam mais adultos e crianças com idade superior a dois anos. Nesse período, foi possível observar que Ana engatinhava com mais autonomia, parecia ter mais força muscular na realização dos movimentos, os quais pareciam mais rápidos e quase sempre mais dirigidos às crianças e cuidadoras do que aos objetos. Apesar disso, neste segundo mês de observação, quando Ana se deparava com algum brinquedo ou objeto, no chão, ela costumava olhá-los mais demoradamente do que no primeiro mês, assim como, colocava-os menos na boca do que no primeiro mês de gravação. Além disso, parecia estar mais atenta aos detalhes daquilo que observava ao seu redor, demorando-se mais diante de algum brinquedo ou objeto no chão, quando acompanhada por algum parceiro, mesmo que este não interagisse efetivamente com ela.

Ana já conseguia firmar melhor as pernas no chão, com apoio das mãos em móveis, paredes ou com o auxílio das outras crianças e cuidadoras. Ao final do segundo mês, foi possível perceber que houve momentos em que Ana buscava levantar as pernas quando estava a engatinhar e foi possível perceber incentivos dados pelas demais crianças, em especial por Joana (oito anos) e Henrique (oito anos). Ambos ajudavam-na a dar passinhos, caminhando com ela, no ritmo dela. A isso, Ana respondia com olhar aparentemente vibrante e com muitas vocalizações.

O olhar e as vocalizações de Ana eram expressões notadamente mais marcantes nesse segundo mês de videogravações, Ana usualmente direcionando seu olhar para as pessoas que se movimentavam ao seu redor. Ana tinha o olhar expressivo, demorado sobre as pessoas e objetos a sua volta.

Neste segundo mês, Ana vocalizava muito sozinha, vocalizava ao mesmo tempo em que dirigia seu olhar ou apontava o dedo para as outras crianças, para as cuidadoras, pesquisadora ou mesmo para os móveis ou outros objetos. Às vezes, ela parecia estar em um monólogo; em outras, parecia travar um diálogo, a depender da situação, pois indicava algo para alguém, apontando e correspondendo a alguma expressão advinda do par interativo.

Em vários momentos, ela foi regulada pelas crianças sem que estas percebessem seu olhar, seus dedos apontados, braços levantados ou suas vocalizações. Em outros momentos, ela teve uma correspondência de outras crianças que pareciam compreender o significado da sua expressão. Dessa maneira, foi possível perceber momentos em que Ana foi retirada do berço depois de choramingar, sendo colocada e amparada por criança mais velha em uma

mesa; ou, a Ana era incluída em lanchinhos depois de sinalizar à outra criança de também querer o lanche; ou mesmo, sem nenhuma expressão demonstrada por Ana, houve momentos em que a outra criança percebeu Ana suja e retirou-a do berço para ser levada a uma cuidadora a fim de trocar a sua fralda.

Expressões como sorrisos e risos apareceram quase sempre quando Ana era acarinhada por uma das crianças que passavam junto ao berço; ou, quando a chamavam pelo nome, brincando e conversando com ela, ainda que distante do berço. E, quando ela sorria e era correspondida com sorrisos e olhares de outras crianças, das cuidadoras e da pesquisadora, os sorrisos eram mais insistentes e demorados. Percebeu-se que, quando acompanhada por Joana (oito anos) e Henrique (oito anos), Ana tendia a sorrir e rir mais. As expressões de choro e choramingo eram raras, sendo possível notar que o choro de Ana se dava quando, por ventura, ela havia sofrido algum acidente que provocou dor física. Já os choramingos se davam quando parecia querer sair do berço e ninguém a tirava de lá; ou quando era posta dentro do berço, após estar algum período a brincar com as outras crianças; ou, ainda, quando era deixada sozinha por um par preferencial que, no fluxo de alguma outra brincadeira, subitamente, seguia as outras crianças que passavam correndo.

Ana raramente se exaltava e não manifestava expressões de raiva por não conseguir pegar os objetos na posse de outras crianças. Ao contrário, ela apenas os observava, não os disputava, deixava-os ali, com uma tendência a se afastar engatinhando para outros locais, inclusive opostos à situação conflitiva. No entanto, se alguma criança fizesse barulho alto, de choro, às vezes, Ana se sentava e ficava a observar a criança ou mesmo se aproximava desta.

Nesse segundo mês de observação, Ana ficou muito tempo no berço. Usualmente, ela tinha um comportamento de andar, apoiada em suas grades, de um lado para o outro, sobre o colchão. Enquanto fazia isso, ela olhava às pessoas que passavam ao seu redor, aos seus próprios passos ou esticava o pescoço para acompanhar com os olhos os movimentos das outras crianças. Fazia isso no canto do berço que ficava em frente ao batente da porta da cozinha, onde tinha um maior fluxo de pessoas.

Quando por ventura havia algum objeto no berço, Ana se sentava e ficava a manuseá-lo. Mas, era percebida certa inquietude quando não havia crianças por perto, ou se não tinha brinquedos disponíveis dentro do berço. Apesar de terem sido feitas gravações em que Ana ficava um tempo relativo longo no berço, ela interagiu de maneira tanto de forma regulada como co-regulada com as crianças, sem sair dele. Às vezes, ela se sentava no berço com as pernas penduradas para fora, inseridas entre as grades, quando uma das crianças iniciava alguma interação com ela ou apenas se posicionava no chão perto do berço.

Quando não havia crianças presentes no cômodo onde ela estava, e suas tentativas eram frustradas de vê-las pela porta da cozinha, Ana parecia ficar com o olhar perdido, inerte, olhando para o nada; em outras vezes, nessa mesma condição, ela explorava com o olhar ao seu redor, olhava intensamente cada coisa e, às vezes, sorria, ria ou choramingava para a pesquisadora, de braços estendidos como se quisesse que a pegasse.

Não houve interação de Ana com outro bebê (menor de um ano de idade). Júlia (02 meses) já havia sido desligada da casa de acolhimento e Caio (4 meses) ficava em um cômodo separado, também dentro do berço.

Terceiro mês de videogravação: Ana (12 meses)

Nesse terceiro mês de videogravação, Ana mostrava precisar menos de apoio para firmar as pernas e ficar em pé. Assim, era nítido como ela já sustentava o próprio corpo e parecia mais firme. Ainda não andava sem apoio, mas era visível que, mesmo apoiada em algo, não fazia a força de antes para manter-se em pé, além de experimentar dar passos.

Ana parecia ainda mais atenta, ainda mais observadora, tanto para com relação às crianças, quanto para com os adultos e acontecimentos à sua volta. Seu olhar era demorado sobre quase tudo que lhe chamasse a atenção. Quando estava no chão, parava e fitava os adultos conversando ou as crianças brincando.

As expressões faciais e corporais pareciam dar indícios de busca pelo contato com o outro, em específico com as crianças. Apesar de, no início desse terceiro mês, Ana ter vocalizado menos, ela tendia a sorrir e vocalizar, quando alguma criança ou adulto interagia com ela. Também tendia a engatinhar em direção das pessoas, caso estivesse fora do berço, tanto rumo às pessoas que lhe ofereciam alguma atenção como atrás daquelas que nem a haviam percebido.

Ana pareceu notar a chegada de novas crianças na casa, dirigindo-lhes o olhar, interagindo com elas, buscando contato, inclusive com o outro bebê acolhido (Caio, 5 meses).

Quando podia, ficava perto do carrinho dele, apoiava-se, ficava em pé, explorava os detalhes do carrinho, olhava, sorria e tocava Caio, que se encontrava sentado dentro do mesmo. Caio (05 meses) e Ana (12 meses) trocavam olhares e vocalizações; ainda, Ana tocava nas suas mãos e nos pés. Ana também parecia repetir palavras ditas por outras crianças. Ainda que de maneira não muito compreensível, ela emitia sons vocais semelhantes ao que ela havia escutado de outras crianças, quando estas queriam lhe nomear algo.

Quando se empolgava com alguma coisa (um brinquedo, brincadeira, entre outras), Ana engatinhava, vocalizava e ria, ao mesmo tempo. As expressões eram emitidas todas juntas e

freneticamente. Porém, no início do terceiro mês de gravação, isso ficou mais escasso, quando Ana estava se recuperando de uma pneumonia (09/05/16). Esteve um período doente, juntamente com outras crianças da casa de acolhimento, em que, uma delas inclusive chegou a ir a óbito.

Dessa maneira, em meio a tais condições de saúde, foi possível observar uma alteração na expressividade de Ana. Ela estava nitidamente mais calada, sorria menos, o olhar se prolongava mais sobre as pessoas e os objetos, mas era como se o olhar se perdesse. Trazia na face um certo cansaço, um abatimento físico. Ana choramingava e chorava mais nesse período, com expressões raras de se ver até então.

No berço, os movimentos dela eram um insistente vai e vem, enquanto suas mãos se apoiavam nas grades do berço e seu olhar vagava, em direção ao movimento das crianças. Às vezes, Ana parava e observava as brincadeiras, as passagens das crianças pela sala, suas conversas. Fazia isso em intenso silêncio. Ana sorria quando uma ou outra criança passava pelo berço, sorria para ela ou lhe dava um "sustinho", ou mesmo lhe deixavam algum alimento. Quando alguma destas crianças permanecia um pouco mais demoradamente no contato com Ana e depois saía de perto, Ana choramingava, estendia as mãos e braços, com expressões na face que pareciam suplicar para que a tirassem do berço.

Nesse período, nos poucos momentos em que Ana foi levada ao chão por crianças ou por cuidadoras, ela parecia querer estar fisicamente perto de outras crianças, mais do que o que fora anteriormente observado. Notou-se ainda que Ana buscava Joana, esta parecendo representar um par preferencial de interação. Dessa vez, as interações das duas traziam certa inércia. Joana, em alguns momentos expressou cansaço e irritação por meio de verbalizações. Ela acolhia Ana nos braços e quando tentava colocá-la de volta ao chão, Ana parecia resistir. Esticava as pernas e as endurecia, às vezes até se contorcia, nitidamente nervosa. Ana chorava, balançando o corpo, como se pedisse algo para Joana. Joana às vezes atendia, nomeava o gesto de Ana para a própria Ana e, às vezes, para a pesquisadora e cuidadoras. Nesse período, Joana esteve mais próxima a Ana e foi possível identificar momentos em que ela alimentava a Ana, acalentava-a, pegava-a no colo e a ninava.

O cuidado oferecido por outra criança na relação com Ana não era raro. E também podia ser observado quando estas crianças mediavam situações de cuidados para as cuidadoras, tais como momentos em que as crianças chamavam a cuidadora para fazer a troca de fraldas de Ana ou nomeavam para a cuidadora, ocupada com outras tarefas, alguma necessidade da criança.

Após relativa melhora de saúde, Ana voltou a vocalizar e sorrir mais, mesmo estando no berço. Às vezes, ela dependurava os braços ou inclinava todo o corpo em direção em que

se concentravam outras crianças. Se alguma criança chegasse mais perto do berço, Ana sentava no berço, colocava as pernas para fora da grade. Às vezes, essas interações eram recíprocas, envolvendo comunicação por meio de conversas, olhar e toque; outras vezes, não eram recíprocas e Ana se colocava naquela posição, e às vezes, apontava, vocalizava, apesar de que nem sempre havia receptividade pelo outro.

Foi possível observar que Ana compartilhava os objetos quando estes estavam no chão, disponíveis e ao alcance de todas as crianças que ali estivessem. Ana não os disputava, em momento algum. Parecia demonstrar preferência por objetos como papéis caídos no chão. Não raras vezes, foi possível percebê-la pegando esses papéis, ou mesmo pôsteres e livros. Ana os olhava e palpava-os, mas nunca os rasgava. Raras vezes colocava objetos na boca nesse último mês. Parecia gostar de se sentar do lado de outras crianças no chão, ainda que não fizessem nada juntas.

6.3.2 Mapeamento geral das interações e dos parceiros de interações com Ana (10 meses)

Primeiro mês de videogravação

No Primeiro mês de videogravação, as interações das crianças com Ana (10 meses) foram mais co-reguladas (58,59%), que reguladas (41,41%), sendo que 100% do total das interações envolveram o bebê com crianças/adolescente (que tinham entre três anos a 14 anos de idade), não sendo verificada nenhuma interação de Ana com crianças de até 24 meses de idade, nesse período. Um circunscritor às interações com outros bebês deu-se em função do local diferente onde ela e os demais bebês eram colocados na casa.

As interações ocorreram basicamente na sala 1, sala 2, cozinha e varanda. Algumas vezes, as demais crianças aglomeravam-se em espaços em que Ana estava e isso facilitava a ocorrência das interações, embora não as garantisse.

Ana nem sempre dispunha de objetos para brincar e, quando dispunha, nem sempre os usava para brincar, pois estava interagindo com alguma criança. Poucas vezes, as interações foram mediadas por brinquedos. Foi possível perceber que, em parte dessas interações, havia a presença de objetos e brinquedos, como pôster, recipiente para fazer bolhas de sabão, urso de pelúcia, boneca, entre outros. Apesar das interações reguladas capturarem sua atenção ou de outras crianças em relação a ela, foi nas interações co-reguladas, que se viu ocorrer trocas afetivas mais significativas de parceiros.

Tabela 1: Mapeamento Geral das interações de Ana (10 meses) e as demais crianças, no primeiro mês.

1° Mês	Interações	Reguladas	Co-reguladas
14/03/2016	30	13	17
15/03/2016	12	5	7
21/03/2016	8	3	5
22/03/2016	14	6	8
28/03/2016	11	2	9
29/03/2016	11	7	4
06/04/2016	13	5	8
Total	**99**	**41**	**58**

Com relação aos parceiros, nesse mapeamento geral do primeiro mês de Ana (10 meses), verificou-se que as interações dela com Lucas ganharam predominância nesse período (36%), seguidos das interações com Joana (30%), Henrique (17%), Vini (10%) e Rui (7%)

Houve muitas interações com Lucas (07 anos), com ênfase na primeira e terceira semana e em igual proporção na segunda e quarta semana. Nesse sentido, apesar de Ana nitidamente gostar de Lucas, indicado pelos sorrisos e aproximações feitas por ela, também era notório observar uma tendência repetitiva de Ana no sentido de se afastar – se dele, engatinhando para lados opostos de onde Lucas estava, empurrando-o com as mãozinhas para que ele a soltasse. Dessa forma, Ana choramingava, sacudia as pernas, sobretudo, quando Lucas a forçava no contato com ele.

Outra criança que interagiu muito com Ana (10 meses), foi Joana (08 anos). As interações tiveram ênfase na primeira semana, em proporção igual, na segunda e terceira semana e de maneira diminuta, na quarta semana. As interações de Ana e Joana eram significativas, pois Joana literalmente cuidava de Ana, a alimentava e brincava com ela. Dessa maneira, era frequente ver que Ana buscava a aproximação física de Joana e parecia demonstrar tranquilidade ao lado dela. Apresentavam interações prolongadas e aparentemente prazerosas para ambas, expressas por sorrisos. Somado a isso, mantinham uma proximidade física durante esses momentos e Ana se expressava fixamente por meio do olhar, com choramingos e choro, se Joana se afastasse.

Henrique (08 anos), interagiu mais na segunda semana com Ana (10 meses), com proporção igual e diminuta na segunda e terceira semana, com um leve acréscimo na quarta semana. Henrique era outro parceiro que parecia suscitar o desejo de contato de Ana. Henrique, nesse primeiro mês de videogravação era recém-acolhido na casa. Na primeira semana, ele estava em processo de adaptação, muito quieto e aparentava tristeza no olhar e

nos gestos, sempre com olhar distante, não interagindo muito com ninguém. Ana o olhava de maneira intensa, demorada. O olhar dela se assemelhava ao olhar de vislumbre, de fascínio.

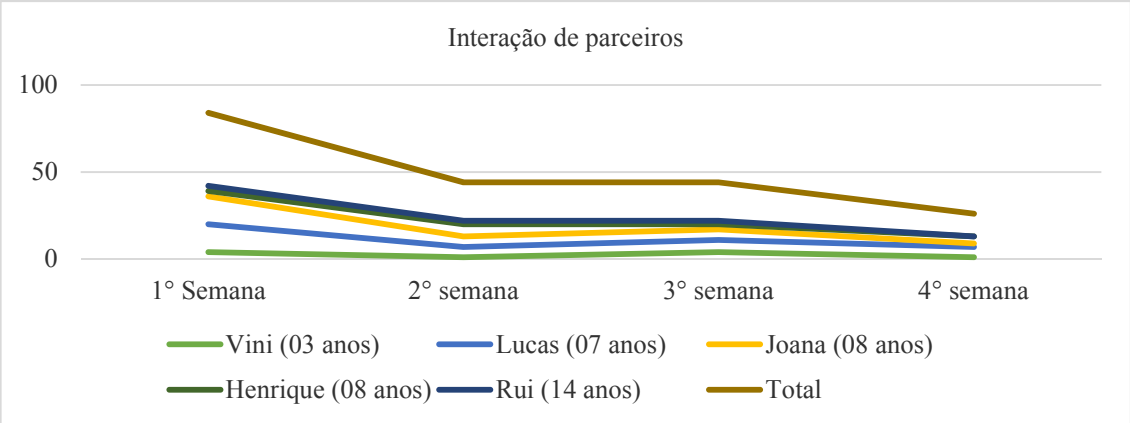
No que se refere às interações com Vini (03 anos) suas interações tiveram ênfases na primeira semana e terceira semana e, em proporção igual e diminuta, na segunda e quarta semana. Vini estava sempre mais direcionada às cuidadoras e crianças mais velhas e as interações tinham tonalidades ambivalentes com relação a Ana, muitas vezes, expressas em forma de aproximações, sorrisos, em outras, com pequenos empurrões, choramingos.

Nesse sentido, Vini chorava quando precisava dividir a atenção de alguma cuidadora, criança ou brinquedo com Ana. Vini era uma criança com deficiência global no desenvolvimento, uma deficiência desconhecida e que afetava substancialmente a capacidade motora e da linguagem, apesar de que a criança não parecia apresentar dificuldades cognitivas. Ana e Vini interagiam geralmente no chão ou quando Vini se aproximava de onde Ana estivesse. Ana buscava mais a interação com Vini do que o inverso.

O outro parceiro nas interações com Ana (10 meses) era Rui (14 anos) e elas ocorreram mais na primeira semana, em proporções diminutas na segunda e terceira semana e nenhuma interação na quarta semana. Rui buscava Ana em interações geralmente rápidas, mas eram carinhosas, com idas ao berço para dar "oi", dar "sustinhos", toques na cabeça de Ana, quando ele chegava da escola, resultando em sorrisos pelo bebê.

Vale relembrar que entre algumas das crianças havia uma relação de parentesco: Joana, Rui e Lucas eram irmãos; Henrique também tinha uma irmã acolhida na casa. Vini e Ana não possuíam grau de parentesco com qualquer pessoa na casa.

Figura 5: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Ana (10 meses), no primeiro mês.



Segundo mês de videogravação

No segundo mês de videogravação, ocorreram mais interações na primeira semana (33,33%) e terceira semana (30,67%), em comparação com a segunda (20%) e quarta semana (16%).

As interações das crianças com Ana (11 meses) foram mais co-reguladas (67,67%), que reguladas (32,33%), sendo que 100% do total das interações envolveram o bebê com crianças/adolescente (que tinham entre três anos a 14 anos de idade). Não foi verificado nenhuma interação de Ana com bebês (até 24 meses de idade), nesse período.

As interações ocorreram na sala 1, sala 2, cozinha e varanda e o bebê fora observado, em alguns momentos, sozinho nesse período ou com crianças ao redor, com e sem interação. Quando acontecia de Ana ficar sozinha, ela costumava engatinhar, brincar sozinha com ou sem brinquedos: às vezes brincava com outros objetos que ia encontrando pelo caminho, no chão da casa. Quando esteve sozinha no berço, ela ficava mais inquieta, vocalizava mais, sentava ou ficava em pé no berço, olhava as crianças ao redor e foi vista chorando quando via passar por ela, algum parceiro de seu interesse.

Ana nesse período estava quieta e nem sempre dispunha de objetos para brincar. Quando dispunha, nem sempre os usava para brincar, pois estava interagindo com alguma criança. Poucas vezes, as interações eram mediadas por brinquedos. O olhar ainda era intensamente dirigido àqueles que se aproximavam, ocorrendo a interação regulada ou co-regulada.

Tabela 2: Mapeamento geral das interações de Ana (11 meses) e as demais crianças, no segundo mês.

2° Mês	Interações	Reguladas	Co-reguladas
11/04/2016	15	8	7
12/04/2016	10	5	5
19/04/2016	13	2	11
20/04/2016	2	1	1
25/04/2016	11	5	6
26/04/2016	12	4	8
02/05/2016	5	1	4
03/05/2016	7	2	5
Total	**75**	**28**	**47**

Com relação aos parceiros de Ana (11 meses), nesse mapeamento geral do segundo mês, verificou-se as interações dela com Henrique (08 anos) ganharam predominância nesse período (42,67%), seguidos das interações com Lucas (21,33%), Joana (18,67%), Vini (6,67%), Catarina (5,33%), Rui (4%) e Paola (1,33%).

Houve muitas interações com Henrique (08 anos), particularmente na primeira e quarta semana, tendo reduzido muito na segunda semana, e sofrido um acréscimo relevante na terceira semana. Henrique esteve quieto, isolado ou entretido com outras crianças, mas sempre quando podia estava perto ou em interação com Ana. Ele era um parceiro de interação do qual Ana o buscava e isso ocorria de maneira recíproca, embora nem todas essas interações tivessem sido co-reguladas. Ana buscava Henrique de variadas maneiras e ficava aparentemente tranquila com sua presença. Henrique compartilhou histórias com a pesquisadora, nesse período sobre Ana, das visitas que Ana andava a receber de pessoas que queriam adotá-la.

As interações com Lucas (07 anos), ainda se davam de maneiras muito mediadas pela presença da pesquisadora e da câmera filmadora, mas não somente assim. Nesse segundo mês, teve mais ocorrências de interações com Ana na primeira e segunda semana, com acréscimo na segunda e decréscimo e ausência no número de ocorrências na terceira e quarta semana. Em especial, nesta última, Lucas esteve brincando com outras crianças e, em alguns momentos, esteve ausente da casa de acolhimento no período das videogravações.

Vini (03 anos), geralmente se encontrava com Ana, de maneira espontânea, quase que por acaso; ou, os encontros coincidiam de serem mediados pela presença de outras crianças, em brincadeiras, das quais Vini e Ana eram incluídas. As interações das duas não demonstravam ter muitas trocas afetivas quando comparadas às interações de Ana com os três primeiros parceiros citados.

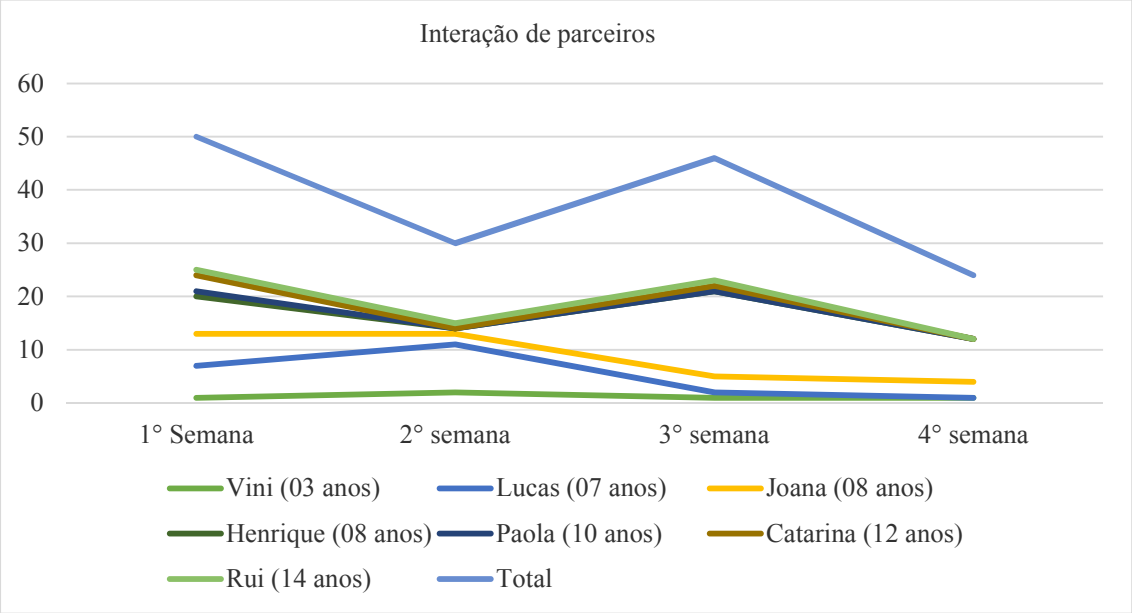
Outra criança que interagiu com Ana (11 meses) foi Catarina (12 anos), irmã de Henrique. Ela esteve um pouco atenta à presença de Ana, comparado a momentos anteriores, já que Catarina usualmente ficava mais quieta, sentada no sofá, vendo tv ou olhando de longe, de maneira absorta, as crianças brincarem. Esteve mais dirigida ao bebê na primeira e terceira semana e não houve interações na segunda e quarta semanas.

As interações que se deram de Ana (11 meses) e Rui (14 anos), embora sempre muito carinhosas, aconteciam em momentos em que ele passava por ela. Rui se dirigiu a Ana poucas vezes, nesse período. Em momentos em que estava na casa, geralmente estava concentrado na tv ou estudava um instrumento musical.

Houve também interação de Ana e Paola[17] (10 anos), algo que era especialmente raro de ocorrer pelo fato de que Paola ficava quase todo o tempo dentro de um quarto, em sua cama, afastada, de certa forma, da convivência mais rotineira da casa em que se encontram as demais crianças. Essa prática, por vezes, mostrava-se rompida por uma ou outra cuidadora, que a deslocava do quarto para sala ou varanda, para que pudesse se aproximar e se socializar com as demais pessoas. Mas, geralmente, ela permanecia sozinha no cômodo, com um rádio ligado, em volume razoavelmente elevado.

A interação com parceiros ocorria mais facilmente quando as crianças estavam reunidas, mas foi verificado que nem sempre o "estar junto" significava a ocorrência da interação.

Figura 6: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Ana (11 meses), no segundo mês.



Terceiro mês de videogravação

No terceiro mês de videogravação, ocorreram mais interações na quarta semana (35,62%) e primeira semana (24,66%), em comparação com a segunda (19,17%) e terceira semana (20,55%).

As interações das crianças com Ana (12 meses) foram mais co-reguladas (62%), que reguladas (38%), sendo que 10,96% desse total envolveram interações de Ana com outros

[17] Paola, como já fora dito anteriormente, teve problemas de desenvolvimento, agravados devido a uma poliomielite.

bebês (Júlia, 02 meses e Caio, 05 meses) e 89,04% se referiram a interações de bebê com crianças/adolescente (que tinham entre três anos a 14 anos de idade). As interações com outros bebês eram inviáveis antes, por duas razões: havia poucos bebês na instituição e o lugar onde eram colocados, dificultava ou impedia as interações.

As interações ocorreram na sala 1, sala 2, cozinha, varanda e pátio. Ana estava com pneumonia e, em alguns momentos, fora vista mais sozinha no berço ou com cuidadoras. Apesar do seu estado de saúde debilitado, ela também interagiu com outras crianças, embora em alguns momentos tenha ficado realmente mais quieta.

Na maioria das videogravações é possível perceber que as crianças estão pela casa, salvo aqueles dias em que, em dada ocasião, saíram para casa de uma madrinha afetiva ou que, em determinado momento da videogravação, já tinham sido desabrigadas. As crianças em alguns momentos concentravam-se em outras tarefas, arrumando-se para passear (fato que acontecia raramente), entretidas com outras crianças ou em situações como ficarem deitados assistindo tv.

A depender de onde estava Ana ou as crianças, isso implicava em mais ou menos interações com ela, ou seja, se Ana estivesse no berço, não conseguia se locomover até onde elas se aglomeravam. Nesse caso, elas interagiam com Ana nas seguintes situações: quando a ouviam (o que era mais raro devido à distância dos cômodos), ou quando estavam de passagem pelo cômodo em que Ana se encontrava. A disposição física das crianças nos espaços ora facilitava e dificultava a ocorrência das interações das crianças, já que Ana não tinha maior autonomia para deslocamento.

Tabela 3: Mapeamento geral das interações de Ana (12 meses) e as demais crianças, no terceiro mês.

3° Mês	Interações	Reguladas	Co-reguladas
09/05/2016	8	1	7
10/05/2016	10	4	6
19/05/2016	5	3	2
20/05/2016	9	5	4
25/05/2016	7	3	4
30/05/2016	8	5	3
31/05/2016	8	3	5
06/06/2016	18	4	14
Total	**73**	**28**	**45**

Com relação aos parceiros de Ana (12 meses), nesse mapeamento geral do terceiro mês, verificou-se que as interações dela e Luna (05 anos) ocorreram mais vezes, nesse período (32,87%), seguidos das interações com Lucas (16,44%), Joana (16,44%), Vini (13,70%), Caio (9,59%), Iam (5,48%), Henrique (2,74%), Júlia (1,37%) e Rui (1,37%).

Houve mais interações de Luna (05 anos) e Ana (12 meses), em comparação com os demais parceiros de interação. As interações se deram em maior número de ocorrências na quarta semana de videogravação, seguidos da primeira, terceira e segunda semana.

Luna, juntamente com seu irmão Caio e Iam haviam sido recentemente acolhidos na instituição. Luna era uma criança sociável e quando chegou na casa, tentou se aproximar, logo de imediato de Ana, ainda que mostrasse certa timidez, de início. Luna, a princípio, especialmente na primeira semana, buscava interações com Ana, muito mobilizada com a câmera filmadora, que colocava em Ana, certo foco. Era nítido um processo paulatino de ambientação da mesma, na casa e com as demais crianças. Na segunda e terceira semana, buscava ficar mais com as outras crianças da casa e somente na quarta semana, ela se voltou novamente para a interação com Ana.

Lucas (07 anos) esteve interagindo mais com Ana (12 meses), também na quarta semana, em comparação com as outras semanas, em que interagia com crianças mais de sua faixa etária, especialmente com Henrique, antes de sua partida. Na última semana, é possível perceber Luna e Lucas em vários momentos juntos e separados, buscando interações com Ana.

Joana (08 anos) interagiu mais com Ana, na segunda semana, em comparação com as demais. Joana quando não estava mais concentrada junto com outras crianças, estava ausente da casa de acolhimento, levada por sua madrinha afetiva.

Vini (03 anos) esteve mais perto de Ana, nesse período. Ela interagiu mais com Ana, quando esteve no chão da sala, onde Ana também se encontrava. Vini, com problemas de desenvolvimento global, tinha as funções motoras parcialmente comprometidas. E, a depender de onde era colocada, por crianças e cuidadoras, facilitava ou dificultava o estabelecimento de interações.

Caio (05 meses) havia sido recém-acolhido junto com Luna. Quando era colocado em ambiente em que Joana estivesse, Ana o buscava e ocorriam algumas interações, especialmente na terceira semana, quando ambos compartilhavam o mesmo espaço físico - ele no carrinho, ela no chão.

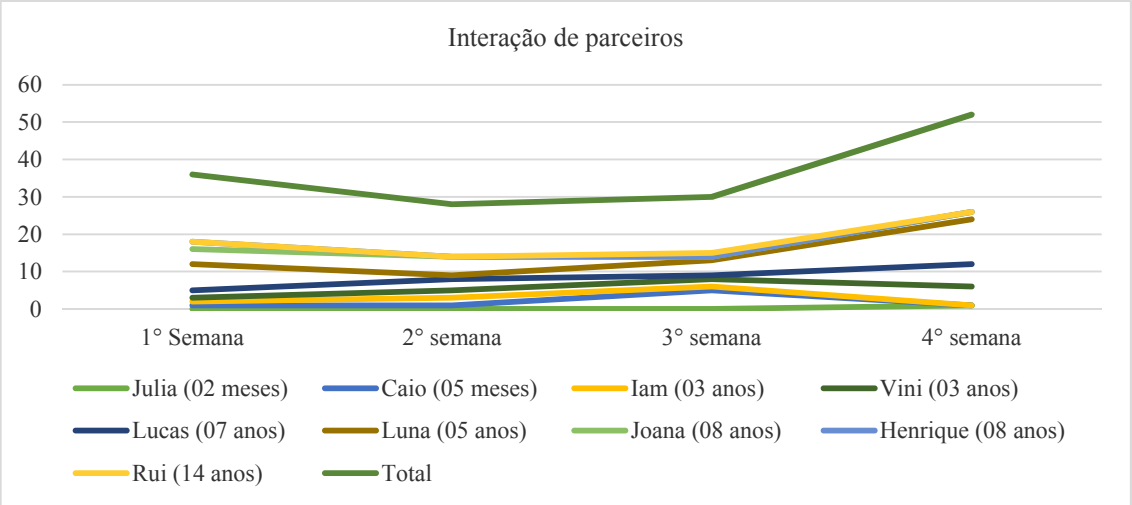
Iam (03 anos), no início, estabeleceu poucas interações com Ana, influenciado talvez pela presença da irmã Luna, junto dela. Porém, nas terceira e quarta semanas, ele começou a interagir com outras crianças e era evidente o seu interesse por crianças mais velhas para brincar.

Henrique (08 anos) interagiu poucas vezes com Ana, nesse período, interagindo mais especialmente na primeira semana e apenas uma vez na terceira semana. Na segunda, terceira e quarta semana, Henrique não interagiu nenhuma vez com Ana, pois esteve brincando com outras crianças. Também por que houve seu desligamento da instituição, nesse período, quando juntamente com a irmã, ocorreu o encaminhamento de ambos para a família extensa.

Júlia (02 meses) esteve numa interação regulada, em que Ana havia sido regulada por seu choro, na quarta semana. Na ocasião, coincidentemente, as duas estavam no mesmo cômodo da casa. Bebês da idade de Júlia, em tenra idade, costumavam ficar separados num berçário, onde havia pouco trânsito de outras crianças.

Rui (14 anos) interagiu com Ana apenas na terceira semana. Nesse período, Rui esteve mais quieto, sentado no sofá, vendo tv.

Figura 7: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Ana (12 meses), no terceiro mês.



6.3.3 Interações envolvendo práticas de cuidado com Ana: parceiros e local onde as interações ocorreram

Primeiro mês de videogravação

As práticas de cuidados puderam ser verificadas nas interações das crianças com Ana (10 meses).

Dos 99 episódios de interações gerais das crianças, cerca de 31,32% destes episódios, envolveram práticas de cuidados de crianças na interação com Ana (10 meses). Das interações envolvendo cuidado, durante esse primeiro mês, 96,88% eram co-reguladas e apenas 3,12%

reguladas, sendo que se deram em relações diádicas (81,25%), triádicas (15,63%) e quadriádicas (3,12%).

O tempo mínimo e máximo referente as cenas de vídeos em que ocorreram as interações envolvendo cuidados, nesse primeiro mês de videogravação com Ana (10 meses) variou de 06 segundos a 02 minutos e 51 segundos, sendo que os tempos menores foram mais frequentes (68,75%) e as interações mais prolongadas menos frequentes (31,25%). Os parceiros[18] de interações que se envolveram em tempos menores na interação com Ana (≤ a 01 minuto) foram Lucas, Henrique, Joana e Rui, sendo que nessa composição, apenas uma (3,12%) foi triádica pela combinação de parceiros (Ana/Lucas/Joana), as demais (65,63%) eram diádicas. Assim, foi possível observar a ocorrência de maior número de interações diádicas (81,26%) que triádicas (15,62%) e quadriáticas (3,12%) nos tempos menores (≤ a 01 minuto) de interações.

Os parceiros de interações que se envolveram em tempos maiores na interação com Ana (10 meses) (> a 01 minuto) foram Joana, Lucas, Henrique e Vini. Interações triádicas (12,50%) e quadriádicas (3,12%) foram mais encontradas nas interações que sucediam a um minuto, com combinações diferentes dos parceiros (Ana/Joana/Lucas), (Ana/Lucas/Henrique) (Ana/Joana/Lucas/Vini).

Tabela 4: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no primeiro mês.

1° Mês	Cuidado	Reguladas	Co-reguladas	Tempo[19]
14/03/2016	11	0	11	18 seg a 02 min e 10 seg
15/03/2016	2	0	2	16 seg a 02 min e 33 seg
21/03/2016	3	0	3	10 seg a 01 min e 58 seg
22/03/2016	7	1	6	10 seg a 01 min e 58 seg
28/03/2016	5	0	5	06 seg a 02 min e 51 seg
29/03/2016	2	0	2	29 seg a 52 seg
06/04/2016	2	0	2	01 min e 32 seg a 01 min e 56 seg
Total	**32**	**1**	**31**	**06 seg a 02 min e 51 seg**

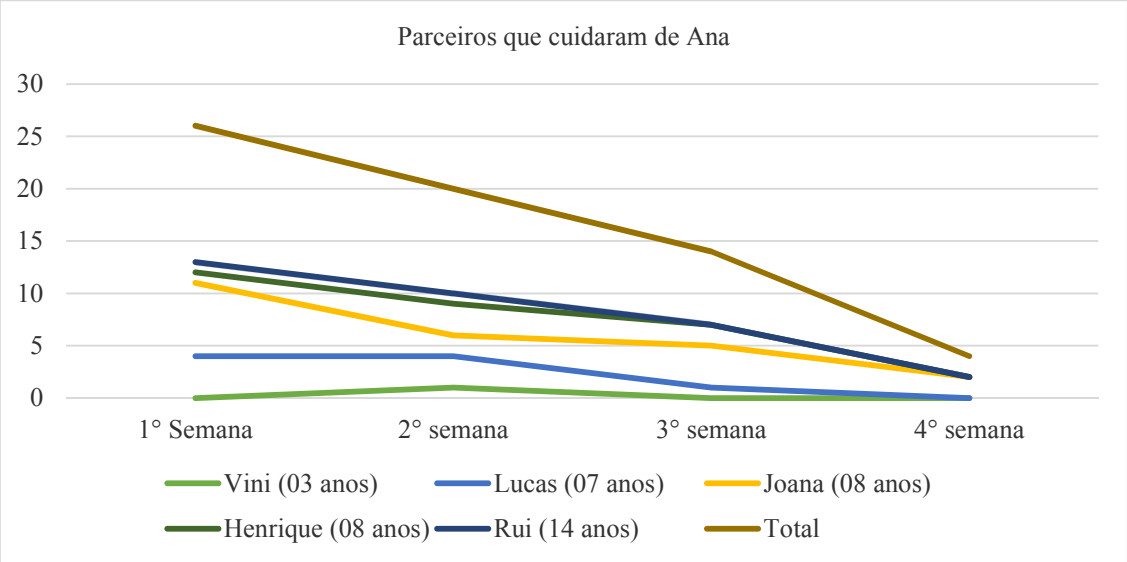
As crianças que cuidaram de Ana (10 meses), no primeiro mês de videogravação foram Joana (08 anos) que concentrou cerca de 43,75% de práticas de cuidado na interação com ela, especialmente na primeira e terceira semana de videogravação; 25% feitas por Lucas

[18] Aqui, a referências sobre os parceiros foram evidenciadas numa sequência decrescente de ocorrências

[19] Refere-se ao tempo mínimo e máximo dado nas interações envolvendo cuidado, mapeados entre as crianças com o bebê focal.

(07 anos), 21,88% envolveram práticas de cuidado feitas por Henrique (08 anos), 6,25% feitas por Rui (14 anos) e 3,12%, com Vini (03 anos), lembrando que 18,75%, do total dessas interações com Ana envolveram combinação de parceiros, por serem triádicas e quadriádicas.

Figura 8: Parceiros que cuidaram de Ana (10 meses), no primeiro mês.



Os locais onde as práticas de cuidado ocorreram na interação das crianças e Ana (10 meses), no primeiro mês de videogravação, se deram principalmente na varanda (43,76%), sala 2 (31,25%), cozinha (15,62%), pátio (6,25%) e sala 1 (3,12%), sendo que desse total, 46,87%, ela esteva no chão; 21,87% no berço; 15,65%, ela esteve no colo de outra criança (alternando entre colos de Joana, Henrique, Lucas e Rui); 9,37% numa mesa; 3,12% no sofá; e, 3,12% num cavalinho de brinquedo.

Importante observar que, em 81,25% das interações envolvendo cuidado, Ana esteve, sem muita variação na disposição do local onde se encontrava e em 18,75%, Ana esteve variando de cômodos, ora livre no chão, depois para a mesa, ou da mesa para o colo, com a interferência específica de outras crianças.

Segundo mês de videogravação

Dos 75 episódios de interações gerais das crianças, 42,67% destes episódios, envolveram práticas de cuidado das crianças na interação com Ana (11 meses).

Observou-se que das interações envolvendo cuidado, 78,12% eram co-reguladas e 21,88% reguladas. Todas as interações envolvendo cuidados foram observados na interação

de Ana com crianças/adolescente (entre 03 anos e 14 anos), e dessas interações, 81,26% eram diádicas, 15,62% triádicas e 3,12% quadriádicas.

O tempo mínimo e máximo referente as cenas de vídeos em que ocorreram as interações envolvendo cuidados, nesse segundo mês de videogravação com Ana (11 meses) variou de 06 segundos a 03 minutos e 14 segundos, sendo que os tempos menores foram mais frequentes (68,75%) e as interações mais prolongadas menos frequentes (31,25%).

Os parceiros[20] de interações que se envolveram em tempos menores na interação com Ana (≤ a 01 minuto) foram Henrique, Joana, Lucas, Rui e Vini, sendo que nessa composição, 12,50% em triádicas, dadas pelas combinações dos parceiros (Ana/ Henrique/ Lucas)[21], (Ana/ Joana/Rui) e (Ana/ Lucas/Vini). Interações triádicas foram mais encontradas nas interações menores que um minuto de duração. As demais (56,25%) eram diádicas e também foram mais encontradas nas interações cujo tempo era (≤ 01minuto) e a combinação de parceiros se deram principalmente entre (Henrique/Ana), (Ana/Joana), (Ana/Lucas) e (Ana/Rui).

Os parceiros de interações que se envolveram em tempos maiores na interação com Ana (> a 01 minuto) foram Henrique, Joana, Lucas e Vini[22]. Interação triádica foi encontrada apenas uma vez (3,12%) em interações que passavam de um minuto, assim como quadriádica (3,12%), com combinações diferentes dos parceiros (Ana/Lucas/Vini), (Ana/Henrique/ Joana/ Lucas). As demais eram interações diádicas (25,01%) e compuseram combinações de parceiros como (Ana/ Henrique) e (Ana/Joana).

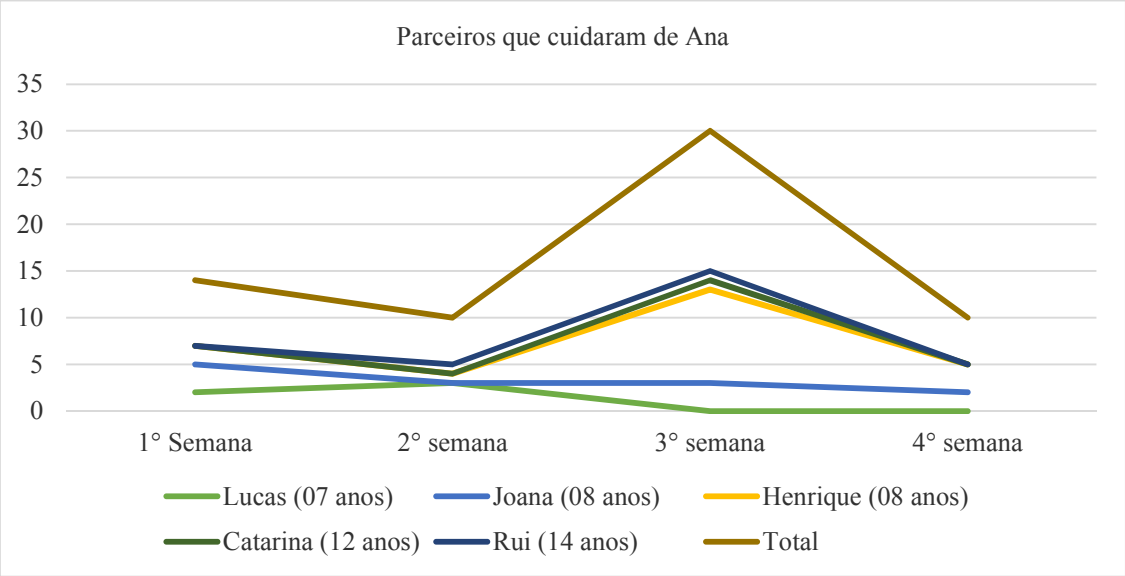
Tabela 5: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no segundo mês.

2° Mês	Cuidado	Reguladas	Co-reguladas	Tempo
11/04/2016	5	2	3	07 seg a 43 seg
12/04/2016	2	0	2	15 seg a 32 seg
19/04/2016	4	2	2	06 seg a 03 min e 14 seg
20/04/2016	1	0	1	06 seg
25/04/2016	9	2	7	12 seg a 02 min e 38 seg
26/04/2016	6	0	6	21 seg a 01 min e 52 seg
02/05/2016	2	1	1	01 min a 03 min e 10 seg
03/04/2016	3	0	3	32 seg a 01 min e 46 seg
Total	**32**	**7**	**25**	**06 seg a 03 min e 14 seg**

[20] As referências sobre os parceiros foram evidenciadas numa sequência decrescente de ocorrências.
[21] Combinação de parceiros que se repetiu em outra interação nesse período.
[22] Vini não esteve em nenhuma interação diádica com Ana, apenas em triádica e quadriádica.

As crianças que cuidaram de Ana (11 meses), no segundo mês de videogravação foram Henrique (08 anos) que concentrou 50% de práticas de cuidado, especialmente na terceira semana de videogravação; 25% envolveram práticas realizadas por Joana (08 anos), 15,63% por Lucas (07 anos), 6,24% por Rui (14 anos) e 3,13%, na interação com Catarina (12 anos). Vini esteve inclusa por parceiros em interações triádicas, sendo estas, constituídas por diferentes combinações de parceiros, mas não apresentou nenhuma prática de cuidado com relação à Ana.

Figura 9: Parceiros que cuidaram de Ana (11 meses), no segundo mês.



Os locais onde as práticas de cuidado ocorreram na interação das crianças e Ana (11 meses), se deram principalmente na varanda (59,37%), sala 2 (25%), cozinha (12,50%) e sala 1 (3,13%). Desse total, em 50% das vezes, ela estava livre no chão, 21,88% ela estava em cima de uma mesa, 12,50%, ela estava no colo de outra criança (alternando entre colos de Joana e Henrique), 9,36% ela estava no berço, 3,13%, no "chiqueirinho" e 3,13% no sofá.

Importante observar que, em 90,62% das interações envolvendo cuidado, Ana esteve sem muita variação na disposição do local onde se encontrava e em 9,38%, Ana esteve variando entre chiqueirinho, colo e mesa, colo e berço ou mesmo sofá e chão, com a interferência específica das outras crianças.

Terceiro mês de videogravação

Dos 73 episódios de interações gerais das crianças, 43,84% destes episódios, envolveram práticas de cuidado de crianças na interação com Ana (12 meses).

Observou-se que das interações envolvendo cuidado, durante esse período, 84,37% eram co-reguladas e 15,63% reguladas. Todas as interações envolvendo cuidados foram observadas na interação de Ana com crianças, principalmente entre 05 anos a 08 anos; dessas interações, 75% eram diádicas e 25% eram triádicas.

O tempo mínimo e máximo referente as cenas de vídeos em que ocorreram as interações envolvendo cuidados, nesse terceiro mês de videogravação com Ana, variou de 13 segundos a 04 minutos e 22 segundos, sendo que os tempos menores (≤ a 01 minuto) concentraram 56,25% das interações envolvendo cuidado e os tempos maiores (> a 01 minuto), 43,75 %.

Os parceiros[23] que se envolveram em tempos menores de interação envolvendo práticas de cuidado com Ana (≤ a 01 minuto) foram Joana, Luna, Henrique, Caio, Iam e Lucas, sendo que nessa composição, haviam 12,50% de interações triádicas, dadas pelas combinações dos parceiros (Ana/Luna/Lucas)[24], (Ana/ Henrique/Catarina) e (Ana/ Luna/Vini). Parceiros como Vini e Catarina não participaram efetivamente de práticas de cuidado, embora estivessem juntas nas interações. As demais interações 43,75% (≤ 01minuto) eram diádicas com combinação de parceiros (Ana/Joana), (Ana/Luna) (Ana/Henrique), (Ana/Caio), (Ana/Lucas) e (Ana/Iam)

Os parceiros de interações que se envolveram em tempos maiores na interação com Ana (> a 01 minuto) foram Luna, Joana, Caio, Vini, Lucas. Foram encontradas 12,50% de interações triádicas que superavam a um minuto, com combinações de diferentes parceiros (Ana/Luna/Caio), (Ana/Caio/Joana), (Ana, Lucas, Vini) e (Ana/ Luna/ Catarina). As interações diádicas (31,25%) foram principalmente compostas por (Ana/Luna), (Ana/Joana), (Ana/Vini), (Ana/Caio) e (Ana/Lucas). Catarina embora inclusa numa interação triádica, não participou da interação envolvendo cuidado.

Foi possível observar a ocorrência de maior número de interações diádicas (75%) que triádicas (25%), tanto nos tempos menores (≤ a 01 minuto) como maiores (> a 01 minuto).

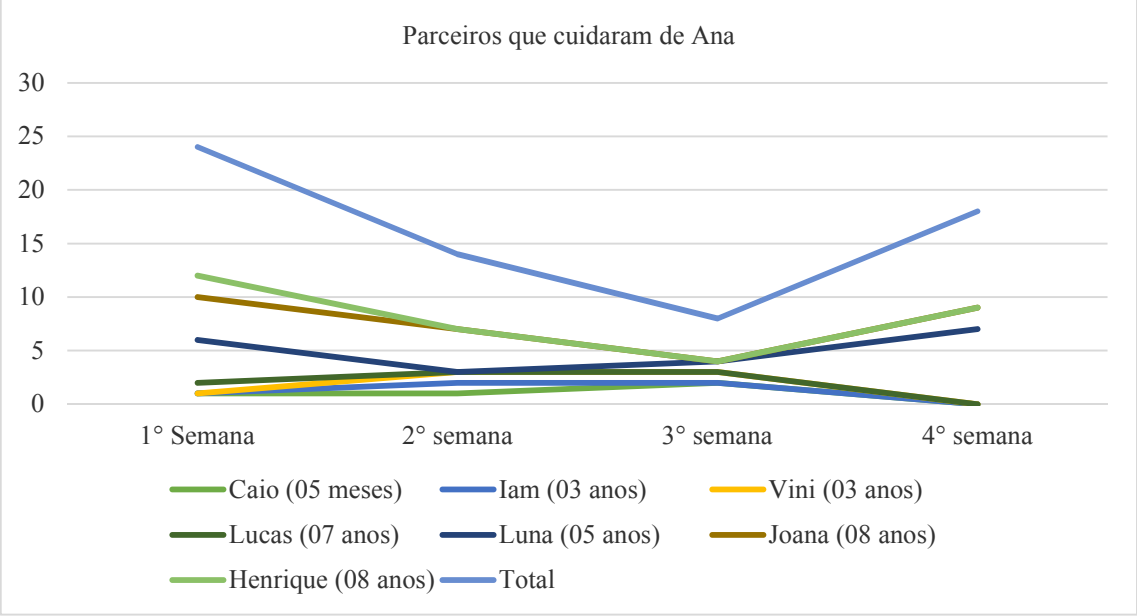
[23] As referências sobre os parceiros foram evidenciadas numa sequência decrescente de ocorrências.
[24] Combinação de parceiros que se repetiu em outra interação nesse período.

Tabela 6: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no terceiro mês.

3° Mês	Cuidado	Reguladas	Co-reguladas	Tempo
09/05/2016	6	0	6	25 seg a 02 min e 31 seg
10/05/2016	6	0	6	13 seg a 31 seg
19/05/2016	3	1	2	18 seg a 02min e 53 seg
20/05/2016	4	1	3	26 seg a 04 min e 22 seg
25/05/2016	2	1	1	38 seg a 02 min
30/05/2016	2	2	0	43 seg a 02 min e 30 seg
31/05/2016	2	0	2	47 seg a 02 min e 26 seg
06/06/2016	7	0	7	20 seg a 02 min e 35 seg
Total	**32**	**5**	**27**	**13 seg a 04 min e 22 seg**

As crianças que cuidaram de Ana (12 meses) no terceiro mês de videogravação foram Luna (05 anos) que concentrou 37,50% de práticas de cuidado, especialmente na primeira e terceira semana de videogravação; 31,20% envolveram práticas feitas por Joana (08 anos), 12,50% envolveram práticas advindas da interação dela com Caio (05 meses), 6,30% com Vini (03 anos), 6,30%, com Henrique (08 anos), Lucas (3,10%) e Iam (3,10%).

Figura 10: Parceiros que cuidaram de Ana (12 meses), no terceiro mês.



Os locais onde as práticas de cuidado ocorreram se deram principalmente na sala 02 (59,38%), depois, na varanda (21,88%), na sala 01 (12,50%), na cozinha (3,12%) e no pátio (3,12%), sendo que desse total, 65,63%, ela esteve livre no chão, 25% ela esteve dentro do

berço e em 9,37%, ela foi cuidada por criança, enquanto esteve sentada em colo de uma cuidadora.

6.3.4 Práticas e tipos de cuidado [25] na interação com Ana

Primeiro mês de videogravação

Joana (08 anos) foi a criança que realizou mais práticas de cuidado na interação com Ana (10 meses), nas quais se destacava a atenção, mas também continha certa preocupação/tensão e solicitude[26] no cuidado.

Dentre essas várias formas de cuidado, a atenção se fez em momentos em que foi possível perceber Joana conversar com Ana, chamá-la pelo nome, cantar, imitar, simular leituras, fazer carinhos, brincar, especialmente quando Ana estava sozinha.

Foi possível ver que Joana conversava com Ana em manhês[27] (Pierotti; Levy & Zorning, 2010) enquanto brincava com ela: "Para de descer até o chão, sua safadinha" "Vamos brincá, eu não te dei abraço hoje!" "Você vai me dá um abraço agora?" "Você vai dá um abraço na Joana?" "Vamos comemorar a Páscoa junto?"

Quando Ana tentava andar e levava algum tombo, Joana dizia "Ô gente, cê não sabe não, trenzinho..."; e, se choramingasse na brincadeira "Você não tá legal hoje!" Ainda, dirigia-se a ela chamando-a de "fiotinha".

Joana brincava com Ana de cavalinho, velocípede, de subir e descer o corpinho no berço, às vezes até a jogava para cima, o que despertava em Ana expressividades que lembravam algo semelhante a um sentimento de euforia. Joana cantava músicas, ensinando para ela jogos de imitações, como bater palmas, e a encorajava quando Ana conseguia algo. Joana a acarinhava com abraços, beijos *(Atenção)*

Joana era enérgica quando Ana poderia estar sofrendo algum perigo físico ou qualquer desconforto. A exemplo disso, Joana interviu energicamente na relação de Lucas, irmão mais

[25] Nos itens que se seguem sobre Práticas e Tipos de cuidado nas interações dos bebês, a descrição dos resultados será com base em categorias observacionais, inspiradas em noções do conceito de cuidado do filósofo Martin Heidegger.

[26] Está sendo considerado Solicitude a expressão de cuidado quando feita com esmero, com zelo, e que tenha demanda expressiva da criança.

[27] Uma forma particular de comunicação geralmente utilizada na relação mãe e bebê. Uma espécie de musicalidade na língua materna, onde há "prolongamento das vogais, que a torna mais lenta e sonora, aumento da frequência, que a faz mais aguda, e glissandos característicos que a tornam mais musical" (p.425), onde a força libidinal das palavras utilizadas, são mais importantes que seu conteúdo, pois marcam e dão sentido às manifestações das crianças (Pierotti; Levy & Zorning, 2010).

novo de Joana, quando ele estava em interação com Ana, solicitando a este que tomasse cuidado para não "enforcar" a Ana (em momento que ele a carregava). Disse ela: "Você tá doido, machuca! "Tá doido!? Ela não é boneca não!".

Era enérgica ainda quando tinha que defender Ana, em alguma brincadeira que tivesse iniciado "Deixa ela montar! Nossa senhora que chatice!"; ou, em momentos de brincadeiras em que havia tumulto corporal entre as crianças no entorno de um mesmo brinquedo: "Você tá esmagando ela!"; "Deixa ela sozinha!" *(Preocupação/tensão)*

Joana era solícita às necessidades de Ana, respeitava-a quando sua expressividade parecia indicar incômodo com algo, possível de se ver por meio de choramingos. O choro cessava imediatamente se o incômodo fosse proveniente de um contato corporal, deixando-a ficar mais à vontade ou simplesmente, deixando-a ir. Se Ana estivesse sozinha, um sorriso dela já afetava Joana e fazia com que ela se dirigisse prontamente em direção ao bebê. Joana também a pegava no colo, caso Ana solicitasse.

Há exemplos em que a cuidadora dizia que Ana estaria com sede, e Joana, imediatamente a corrige dizendo que Ana estava com fome, ao mesmo tempo em que Ana recusava a água e pedia o alimento que Joana comia *(Solicitude)*

Lucas (07 anos) trazia em torno dessas práticas de cuidado tonalidades das quais se destacava a atenção, a solicitude e a preocupação/tensão. A atenção se fez presente quando Lucas brincou, cantou para Ana (10 meses), especialmente quando ela estava no berço sozinha; ou, tentava ler para ela, chamar pelo seu nome, falar com ela de maneira carinhosa *(Atenção).* Lucas também interpretou, algumas vezes, o olhar de Ana, quando ela estava sozinha e percebeu que ela o olhava, imediatamente perguntando: "Quer brincar?" *(Solicitude)*

Lucas também era atencioso na oferta e/ou substituição de brinquedos. Houve momentos em que ele (ao observar que Ana não tinha nenhum brinquedo) deixava um brinquedo para ela ou, como também aconteceu, substituía cuidadosamente seus brinquedos, quando queria o que estava nas mãos dela ou quando o brinquedo poderia lhe oferecer algum risco. Lucas também tentou segurá-la para engatinhar, pegou cadeira para tirar ela do chão; com dificuldades também foi visto pegando-a no colo *(Atenção),* mas foi possível observar que as interações de Lucas e Ana, de alguma maneira, sofriam mediações das crianças mais velhas ou das cuidadoras, talvez pela maneira um pouco desajeitada de Lucas lidar na interação com Ana.

Lucas, no entanto, dava atenção para Ana, de uma maneira que suas ações carregavam certa exigência de que o bebê fizesse o mesmo por ele. Lucas também mesclava atenção a uma interação um tanto mais imposta no contato com ele (puxando-a pelas pernas, braços ou

tomando-a corporalmente de maneira forçada) e esta era uma característica dele, no jeito de interagir e até de cuidar. Ele cantava em certas ocasiões para ela e a chamava pelo nome quando ela estava sozinha ou quando ela não o via. Seu comportamento tinha uma singularidade, pois as palavras deles soavam repetidas, insistentes, mas persistiam até que ela Ana manifestasse reciprocidade.

Lucas se preocupava com Ana, como quando Ana estava em cima de uma mesa e a mesma se abriu: "Vai cair, tia!" e teve o ímpeto de pegar Ana da mesa e retirá-la de lá, sendo impedido por uma cuidadora, ela mesma cumprindo esse propósito *(Preocupação/tensão)*

Henrique (08 anos) teve interações com Ana cuja tonalidade do cuidado se deu pela atenção, solicitude e preocupação/tensão.

A atenção se fez presente na troca fixa de olhares entre Henrique e Ana (10 meses), nivelamento do corpo ao dela, nos toques e carinhos que fazia em seu rosto quando passava por ela, nos abraços, quando cantava, quando a incentivava a imitar; ainda quando dançava, conversava ou brincava com ela. Henrique também se sentava com ela, aparentemente para lhe fazer companhia, geralmente quando ela estava sozinha. *(Atenção)*

A solicitude de Henrique se manifestou em momentos, em que Ana, quando não desejou o contato físico e se expressou de maneira a demonstrar isso, Henrique a respeitando, soltando-a e deixando-a livre, dizendo de maneira carinhosa: "Quer descer?" "O que você quer? Ficar quietinha? Fica quietinha então..." Henrique também a pegava no colo, quando ela o solicitava. *(Solicitude)*

Ana, sozinha, expressou choramingos no berço e Henrique foi e tirou Ana de lá, deixando-a no chão. Associado a isso, ele fazia carinhos, sacudidelas carinhosas e, ainda, ao levá-la para o chão, levou também um brinquedo para dar a ela. *(Solicitude)*

Henrique se interpôs em momentos quando entendeu haver perigo, como quando viu peças pequenas pelo chão e Ana, com uma dessas peças na mão, levava-a à boca. Henrique retirou as peças de suas mãos e disse, tenso: "Não Pode!". *(Preocupação/tensão)*

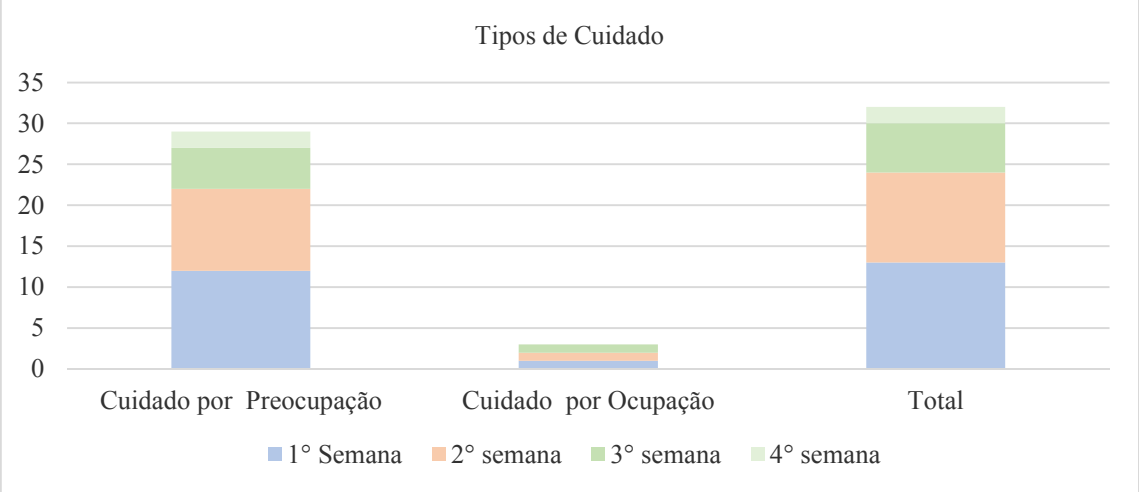
Rui (14 anos) teve interações com Ana cuja tonalidade do cuidado se deu pela atenção e solicitude. Rui ofertou brinquedos para Ana (10 meses), quando ela esteve sozinha, sem a solicitação dela *(atenção)*; ele retirou Ana do berço, pegou-a no colo e ofertou brinquedos, quando Ana solicitava algo pelo conjunto expressivo manifesto por ela. *(Solicitude).*

Vini (03 anos) teve participação pequena na interação de cuidado com Ana. Especificamente, ofereceu atenção a Ana, por meio de trocas de olhares, em momento de brincadeira.

Também foi possível observar interações modalizadas por Ocupação, sendo elas caracterizadas por solicitações feitas por cuidadora ou por crianças mais velhas, nas práticas de cuidados. Sendo assim, ocorreu quando a cuidadora pediu para que Lucas pegasse o bebê que tinha se afastado de todos; ou, quando alguém derrubou algo no chão e a cuidadora solicitou a Joana que tirasse do chão, por causa do bebê; e, também, quando cuidadora - temendo que Ana colocasse na boca um pedaço de papel que ela havia pegado do chão -, pediu a Henrique para retirá-lo de suas mãos. Nessa interação, chama atenção o fato de Henrique ter retirado esse papel a pedido da cuidadora, mas sem nenhuma solicitação, ter substituído o pedaço de papel por um brinquedo. *(Atenção)*

No primeiro mês de videogravação, portanto, as práticas de cuidado, nas interações das crianças e Ana foram mais realizadas por Preocupação, do que por Ocupação.

Figura 11: Tipos de cuidado com Ana (10 meses), no primeiro mês.



Das 32 interações envolvendo práticas de cuidado com Ana (10 meses), 90,62% foram moduladas por Preocupação envolvendo nesse cuidado uma tonalização do cuidado via Atenção, Preocupação/tensão e Solicitude; 9,38% foi modalizada por Ocupação.

Segundo mês de videogravação

Henrique (08 anos) foi a criança que realizou mais práticas de cuidado na interação com Ana (11 meses) e foi possível observar que nas práticas, destacava-se a atenção, que também continha gestos de solicitude e certa tensão no cuidado (preocupação/tensão).

Dentre essas diferentes formas de cuidado, a atenção se fez presente em momentos em que foi possível perceber Henrique conversar com Ana, chamá-la pelo nome, brincar com ela, cantar para ela, engatinhar com ela, imitá-la, tocá-la carinhosamente (toques carinhosos no rosto, nas bochechas, conversas em que o rosto dele chegava tão perto, que encostava no nariz dela, oferecia-lhe abraços, beijos, tocava carinhosamente a barriguinha dela, mordiscava carinhosamente sua mão, lhe pedia beijos, as vezes, colocava seu tronco levemente no colo dela). A atenção dirigida a Ana (11 meses), acontecia especialmente quando Ana era vista sozinha. Henrique também dirigia a Ana, muitas palavras em manhês (Pierotti; Levy & Zorning, 2010).

O manhês surgia quando percebia algo nela, como quando a percebia cheirando mal: "Tá fedendo azedo, meu trem fei" *(Atenção)*; ou, quando ela choramingava muito:" O que cê quer?" "Quer brincá?" *(Solicitude)*; ou ainda, quando brincava com ela e precisava tirar algum objeto dela, para a própria segurança e ele lhe dizia: "Sem ficar brabinha, sem ficar brabinha" *(Atenção)* E, ao mesmo tempo em que falava, deitava em seu peito, entonando ainda mais o manhês *(Atenção)*. Henrique também a elogiava em manhês: "Essa coisa linda!", enquanto a pegava no colo e a balançava de um lado para o outro. *(Atenção)*

Henrique, quando ouvia os choramingos de Ana, a atendia imediatamente, lhe tirando do chiqueirinho e chamando-a para brincar; ou, voltando para um cômodo, depois de ouvi-la, para falar com ela e lhe fazer companhia (o que cessava o choramingo prontamente). Em alguns momentos, Ana dirigia seu olhar a Henrique e a algum objeto que fosse de seu interesse e ele fazia algo por ela. Em determinado momento, quando ele comia um copo de doce e ela olhava para ele, ele ofereceu o doce. Ou quando ela olhou perto deles uma mamadeira, Henrique, pegou a mamadeira e a amamentou. *(Solicitude)*.

Henrique quando percebeu alguma criança forçando o contato físico com Ana, fazendo com que a mesma se expressasse de maneira a demonstrar desconforto, se expressou tenso e repetidas vezes: "Sai de cima dela!" Ele também a defendia, quando uma criança maior tentava tirar o brinquedo de Ana "Não! Esse é dela!" Ou mesmo, quando ele percebia que Ana colocava peças muito pequenas na boca, ele falava enérgico com ela, aparentemente assustado: "Não!" e retirava as peças imediatamente. Depois, Henrique analisava as peças retiradas para saber continham risco, deixando com ela, quando as peças não eram tão pequenas. *(Preocupação/tensão)*.

Joana (08 anos) cultivou práticas de cuidado na interação com Ana (11 meses) e foi possível observar que as interações traziam em torno dessas práticas a tonalidade de um cuidado mais ligado à atenção, solicitude, embora tenha aparecido também, elementos que indicasse preocupação/tensão.

O cuidado se fez presente na interação com Ana, quando Joana a chamava, imitava, brincava com ela, falava em manhês ou a tocava carinhosamente (toques na barriga) ou solicitava abraços e beijinhos de Ana, quando Ana estava sozinha. *(Atenção)*

Joana, em momentos que Ana choramingava, ia atrás dela, em tom de brincadeira e lhe oferecia carinhos, antes de sair; ou, quando a sentia muito irritadiça, (demonstrado pelos choramingos), Joana às vezes dizia: "Eu não tô muito legal", se referindo à Ana. Nas situações ora chamava para brincar, ora a tomava nos braços. Joana também a apoiava para andar quando percebia que era isso que ela demandava: "Ela quer andar, tia!". Ela atendia prontamente às demandas de Ana e isso fazia com que cessassem os choramingos. *(Solicitude)*

Foi possível perceber Joana preocupada com a integridade física de Ana, quando apressada fez a retirada de uma bicicleta, posicionada na cozinha, onde Ana estava encostada. Joana a tomou no colo e retirou a bicicleta. *(Preocupação/tensão)*

Lucas (07 anos) realizou práticas de cuidado na interação com Ana (11 meses) e trazia nessas práticas um cuidado mais balizado pela preocupação/tensão e solicitude, embora fosse possível perceber também práticas de cuidado tonalizadas pela atenção dirigida a Ana.

Lucas demonstrou preocupação/tensão com Ana em algumas ocasiões, como quando Ana engatinhou em direção ao pátio, lugar que tinha uma queda no solo, e ele tenso, chamou a atenção dela dizendo que ela não podia descer dali, pois podia se machucar. Ou quando se antepôs na frente de Ana para averiguar um objeto que ela intencionava pôr na boca, e após verificado a falta de periculosidade, sorriu e voltou a brincar com outras crianças; ou ainda, quando Ana caiu de uma cadeira, da qual ela se apoiava, na varanda. Ao ouvir Ana chorar intensamente, Lucas veio correndo de outro cômodo e dizia tentando acalmá-la: " Na na na" " Não, meu bebê, nãão" "Não, meu bebê", enquanto acarinhava e ajeitava sua posição, com muita dificuldade. Lucas a pegou no colo e saiu às pressas com ela nos braços para levar para uma das cuidadoras, dizendo apreensivo "Tia, ela caiu da cadeira!". *(Solicitude e Preocupação/tensão)*

Lucas buscava contato intenso corporal com Ana, às vezes, meio que "montando" nela ou forçando-a nas aproximações com ele. Não obstante a isso, Lucas também cuidou de Ana e o cuidado de Lucas era também viabilizado pela atenção, em que a chamava pelo nome, conversava com ela, muitas vezes em manhês e a tocava com carinho, em momentos em que ela se encontrava sozinha - dava-lhe beijos, batia com carinho nas suas costas. *(Atenção)*

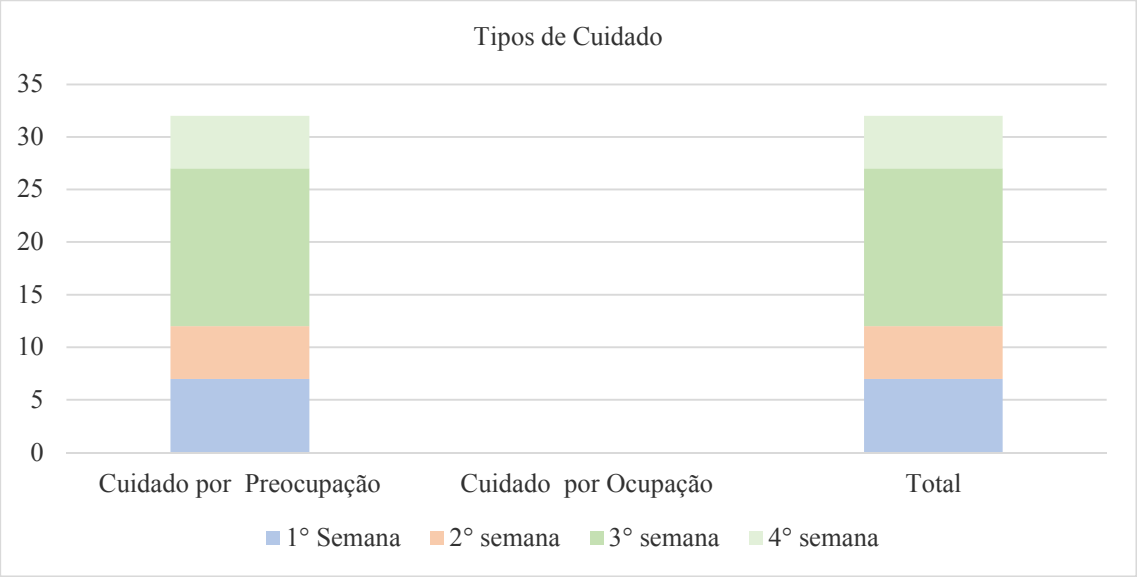
Rui (14 anos), embora tivesse realizado poucas práticas de cuidado na interação com Ana (11 meses), elas se deram mais balizadas pela atenção e solicitude, como foi a oferta de

toque carinhoso (como dar beijos, abraços, encostar com carinho o rosto no rosto dela), de pegar ela no colo e de jogá-la para o alto, brincando com ela, de fazer sons rítmicos para ela, em momentos em que ela estava sozinha *(Atenção)* ou quando ofertou alimentos, depois que ela o olhou, assim como olhou o que ele tinha de comer nas mãos. *(Solicitude)*

Catarina (12 anos), também teve interação com Ana, referente ao cuidado, mais viabilizado pela atenção. Quando Ana esteve sozinha, ela aproximou o rosto dela ao de Ana, enquanto conversava com ela *(Atenção)*

Das 32 interações envolvendo práticas de cuidado com Ana 100% foram moduladas por Preocupação envolvendo nesse cuidado, a Atenção, Preocupação/tensão e Solicitude.

Figura 12: Tipos de cuidado com Ana (11 meses), no segundo mês.



Terceiro mês de videogravação

Luna (05 anos) foi a criança que realizou mais práticas de cuidado na interação com Ana (12 meses), das quais se destacava, em especial, a atenção e a solicitude. Essas ações também continham gestos que indicavam tensão no cuidado.

Assim, o cuidado viabilizado pela atenção dirigida à Ana se fez presente por meio de brincadeiras (como engatinhar junto no chão, entre outras), por meio de danças, trocas afetivas carinhosas (toques com carinho no corpo de Ana), chamando-a pelo nome, fazendo apontamento de situações para Ana, como: "Você viu o Nenê, Ana?", quando ela esteve sozinha (*Atenção*).

A Solicitude nos gestos de cuidado de Luna veio por meio de encorajamentos ("vem!" ou "vai lá"), para que Ana pudesse andar mais segura, com apoio. Luna, inclusive a apoiou a andar; a encorajou a levantar depois que caiu; pegou brinquedos de Ana que caíram no chão e entregou de

volta para ela; ofertou brinquedos, biscoitos; a colocou em algum lugar ou incentivou-a ir a algum outro lugar; ou, abriu portas para Ana, apenas mediada pelo olhar de Ana, que eram dirigidos aos objetos, lugares e em seguida eram dirigidos para Luna. *(Solicitude)*

Luna também se manifestou por preocupação/tensão na defesa de Ana, como quando outra criança queria retirar o brinquedo de Ana. Interessante que Luna a defendeu, mas acabou cuidando de Vini, quando deixou ela ficar com o objeto e fez a substituição do objeto do bebê. Pareceu tensa quando viu Lucas pegar Ana nos braços e pediu de maneira enérgica que ele a deixasse no chão, "pois o bebê era pesado". Foi possível observar também certa tensão das crianças na interação com Ana, no sentido de estabelecer para ela regras do que Ana poderia fazer ou não, com o intuito de protegê-la, quando por exemplo diziam ("Aí não pode entrar!", "Não, não, não! Aí cai!"). *(Preocupação/tensão)*

Foi possível observar que Joana (08 anos) tinha um cuidado com Ana (12 meses), mais balizado pela atenção e solicitude, nesse período. A atenção de Joana para com Ana se dava mediante ações onde Joana a chamava pelo nome, falava dela ou com ela, brincava com ela (como levantar e abaixar ela no berço), havia oferta de carinhos (como vê-la sozinha no chão e abaixar para abraçá-la, falava em manhês " ô gostosinha, vai dandar, vai" ou em outros momentos em que via o bebê sozinho e ao passar por ele ("Vem cá picuzinho!") (*Atenção*)

A solicitude dirigida a Ana, por Joana se manifestou na oferta de alimentos, quando mediada pelo olhar de Ana ("Você também quer?"); e, quando a cuidadora disse que não era para dar, Joana retrucou dizendo à cuidadora ("Eu dei um para ela, sem leite condensado porque senão ia dá dor de barriga nela"). Joana também foi solícita ao estado emocional de Ana quando a viu choramingando "Você não está feliz, né? Mas você vai ficaaar!" e começou a brincar com ela, mediada pelo choramingo ("Para essa menininha ficar feliiiz!!"); ou, quando Ana choramingou e ela foi em sua direção dizendo ("Ela quer isso ó! Mas ela não pode, porque tá gripada. É guaraná gelado, senão vai dá febre nela e ela ainda tá doentinha. Eu vou dá só um pouquinho"). Joana também pegou Ana no colo depois de ouvi-la chorar. E se Ana olhasse coisas e olhasse para Joana e ainda vocalizasse, Joana pegava objetos das quais Ana parecia querer. Também a impediu de ir em um cômodo por alguma razão o que deixou Ana aparentemente muito insatisfeita; e, Joana começou a engatinhar com ela, no chão para acalmá-la. (*Solicitude*)

Com relação as trocas efetivadas com Caio (05 meses), foi possível observar que Ana (12 meses), parecia exibir cuidados em relação a Caio e por se tratar de um bebê, essa informação será apresentada e ilustrada separadamente, adiante.

As ações envolvendo Vini (03 anos) e Ana (12 meses), se deram especificamente como cuidado viabilizado por brincadeiras, quando ocasionalmente se encontravam

(*Atenção*). Também ocorreu quando Ana, ao ter visto Vini chorar copiosamente, Ana de dentro do berço ficou inquieta, caminhando de um lado para o outro, olhando fixamente para Vini. Buscando caminhar até onde pudesse ficar mais perto de Vini, Ana estendeu, do berço, a mão para Vini (*Solicitude*)

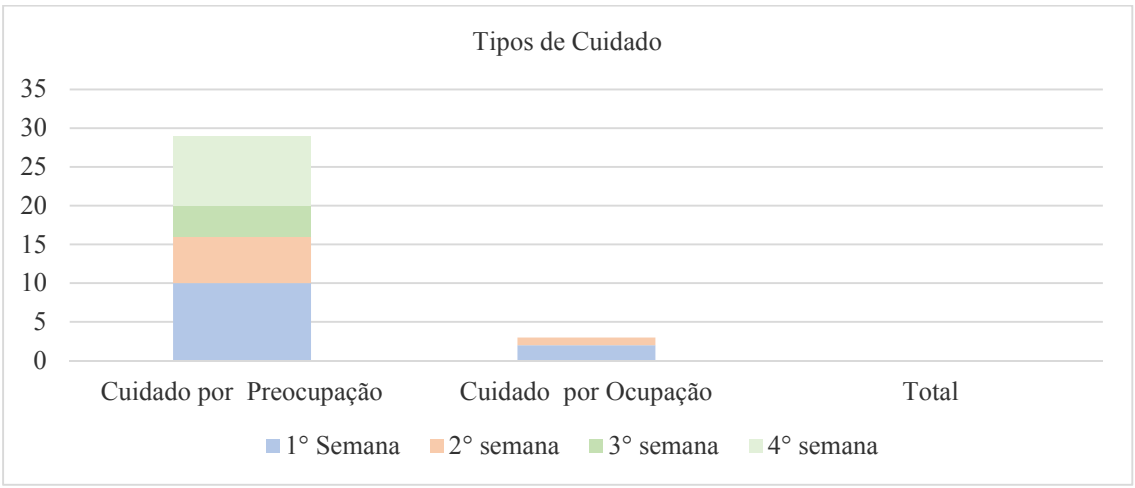
Com relação a Henrique (08 anos), foi possível observar que as interações traziam em torno dessas práticas, tonalidades do cuidado, das quais a atenção e preocupação foi viabilizada por conversas em manhês "E essa coisa mais linda aí!", quando viu Ana sozinha (*Atenção*) e em tom de advertência, quando Ana pegava objetos no chão e intencionava pôr na boca ("Não pode! É caca!"). (*Preocupação/tensão*)

Iam (03 anos), nas interações com Ana (12 meses), ofereceu cuidados em forma de toques carinhosos, abraços, apertinhos no corpo de Ana. (*Atenção)*

Lucas (07 anos) nas interações com Ana, ofereceu cuidados, conversando com ela, inventando brincadeiras e incluindo outras crianças nessas brincadeiras (*Atenção*). Ele fazia ainda certa leitura do que Ana queria, por meio do olhar dela, como quando ela olhou para uma porta repetidas vezes e ele a pegou no colo e a levou na direção do lugar para onde ela olhava (*solicitude*); ou, a defendendo de outra criança que insistia em pegá-la ("Deixa ela quieta!") (*Preocupação/tensão).*

Das 32 interações envolvendo práticas de cuidado na interação com Ana (12 meses), 90,63% foram moduladas por Preocupação envolvendo cuidados mais balizados pela Atenção, solicitude e preocupação/tensão e 9,37% desses cuidados foram modulados por Ocupação. Estes ocorreram quando a cuidadora pediu para Joana, em diferentes momentos, para que ofertasse alimentos para Ana (pão, bolinho de chuva e sanduíche), ação viabilizada pelo olhar lançado e choramingos expressos por Ana.

Figura 13: Tipos de cuidado com Ana (12 meses), no terceiro mês.



6.3.5 Descrição e ilustração de episódios de Ana, envolvendo cuidados

Nome do episódio 1: *"**Alguém me tira daqui?*** (Primeiro mês de videogravação)
Data: 21/03/16
Duração: 17'37" – 18'43"
Crianças envolvidas: Ana (10 meses) e Henrique (8 anos)
Cuidado orientado por Atenção e Solicitude

Situação: A gravação foi feita entre as 18h e 18:30, na sala 02. Ana estava no berço. Parecia nervosa. Esteve cerca de 20 minutos da videogravação no berço e demonstrou aparente insatisfação, até Henrique vê-la e tirá-la de lá.

Descrição: Ana estava sozinha no berço da sala 02. A TV estava ligada e ela estava de pé, dentro do berço com as mãos apoiadas sobre as grades, enquanto olhava para a cozinha, onde ocorria movimentações das cuidadoras e crianças. De vez em quando, Ana choramingava, mas ninguém se aproximava. Ela esteve assim durante algum tempo, até que Henrique, entrou na sala e a viu sozinha, seguiu em direção a ela. Henrique colocou as mãos no rosto dela e lhe fez cócegas nas bochechas emitindo sons vocais, com uma tonalidade expressiva de manhês. Ana imediatamente sorriu, balançou suas perninhas e Henrique a pegou nos braços. Daí, sacudiu-a um pouquinho para cima e para baixo, brincando com ela, enquanto dizia: "Nenêm, nenêm!", levantou-a e sorriu para ela. Ele se sentou com ela no chão e ela logo fez movimentos querendo se deslocar. Henrique a segurou cuidadosamente e estendeu seu corpo para frente para pegar um brinquedo para Ana e disse "Aqui ó", "Aqui ó" ("tititi"). Mostrou o objeto, ao mesmo tempo em que balançava o brinquedo para ela. Eles trocaram um olhar face a face. Ana tinha uma expressão que parecia demonstrar satisfação. Ana pegou o brinquedo das mãos de Henrique e o segurou com as duas mãos, mas parecia querer se deslocar. Henrique levantou por ter visto sua irmã passar e saiu do campo de visão de Ana. Ela, então, seguiu engatinhando atrás dele.

Figura 14: Cenas do episódio "*Alguém me tira daqui?"*

Nome do episódio 2: ***"Não, meu bebê!"*** (Segundo mês de videogravação)
Data: 11/04//16
Duração: 21'29" – 22'01"
Crianças envolvidas: Ana (11 meses), Lucas (7 anos) e Henrique (08 anos)
Cuidado orientado por Solicitude e Preocupação/tensão.

Situação: A gravação foi feita entre as 18h e 18:30, na varanda. Ana estava engatinhando de um lado para o outro, pelo chão e vocalizava bastante.

Descrição: Ana adentrou a varanda em direção a Henrique. Ele comia um pedaço de rosca, enquanto relatava uma história sua para a pesquisadora. Ana chegou por trás dele, ele a viu, mas não deu muita atenção. Ana ficou em pé e tentou caminhar, apoiando-se em uma das cadeiras que tinha por ali. A cadeira se mexeu e Ana caiu com ela, de costas no chão. Henrique deu um pequeno grito, a pesquisadora também se assustou, mas Lucas apareceu imediatamente e já foi tomando-a nos braços, falando com tonalidade carinhosa, exagerada (manhês) "na na na na na na não, nã meu bebezim" " Não meu bebezinho" e a abraçou, na tentativa de levantá-la, enquanto ela chorava alto. Ele a levantou com dificuldades, sentou-a na mesa, para pegá-la de melhor jeito. Ela continuou chorando mas se apoiou nele. Ele a levantou novamente, pegou novo impulso e saiu com ela, no colo, rumo ao local em que as cuidadoras conversavam, no pátio. Lucas falou: "Ela caiu da cadeira! Ela caiu da cadeira! Ela caiu da cadeira! Ela caiu!" A cuidadora veio em sua direção, não mediada pelo choro do bebê, que já chorava alto há alguns instantes, mas pelos gritos de Lucas. Ele entregou Ana para a cuidadora, com um semblante assustado. A cuidadora pegou, mas imediatamente colocou Ana chorando no chão. Ana chorou mais forte, enquanto Lucas se aproximou novamente e disse para ela, meio aflito: "Vamos brincar de amarelinha?". Havia um jogo de amarelinha, desenhada no chão, onde eles estavam. A cuidadora pegou a Ana novamente e saiu com ela do pátio.

Figura 15: Cenas do episódio *"Não, meu bebê!"*

Nome do episódio 3: ***Vem, vamos lá!*** (Terceiro mês de videogravação)
Data: 09/05/16
Duração: 11'08" – 12'00"
Crianças envolvidas: Ana:(12 meses) e Luna (05 anos)
Cuidado por Atenção e Solicitude

Situação: Era entre as 17:30h e 18:30h. Luna estava de um lado da varanda andando de velocípede e Ana estava do outro, sozinha e apoiada no sofá. Luna dirige sua atenção a Ana.
Descrição:

Ana (12 meses) estava com as mãos apoiadas no sofá. Luna falou com ela e ela olhou e vocalizou "Ah!". Luna chegou mais perto, apoiou as mãos nas costas de Ana e, em seguida, colocou a mão no braço de Ana. Ana pegou uma boneca e colocou a boneca no rosto de Luna e Luna balançou para direita e para a esquerda a cabeça, parecendo brincar com Ana, a que Ana vocalizou "Ah"! Elas tocaram as mãos uma da outra e se olharam face a face. Ana sorriu. Ana olhou para o chão e imediatamente olhou para Luna. Ana soltou a mão de Luna e olhou novamente para o chão, abaixou um pouco o corpo e Luna olhou para o chão, a boneca dela havia caído e Luna pegou a boneca do chão entregando-a para Ana. Ana largou a boneca e começou a caminhar em outra direção. O irmão de Luna estava naquela direção e Luna disse: "Vai lá no nenê!". Ana olhou para Luna e sorriu. Luna disse novamente "Vai lá!" Ana vocalizou "lá lá". Apoiada no sofá, Ana ficou olhando para frente. Luna disse "Vem! Vamo lá!". Ana começou a caminhar apoiada no sofá, olhou e acenou três vezes com as mãos para Luna, como se a chamasse, caminhou um pouco. Mas, caiu e olhou para Luna novamente, vocalizou e Luna disse: "Vem, Ana!" Luna estendeu a mão para Ana. Ana deu dois passos com a ajuda de Luna, esforçando-se para ficar de pé. Porém, caiu sentada. Luna riu e Ana vocalizou "bá"! Ana balançou as pernas no chão e sorriu. Luna continuou de mãos dadas com Ana e disse "Vai, levanta!" Ana se apoiou em Luna. Ana pegou nas mãozinhas de Luna e continuou a se esforçar para levantar. Luna disse: "Vem, Ana!" Luna não soltou da mão de Ana e Ana tentou dar um impulso para se levantar. Luna, disse: "Neneê, vem!" Ana soltou das mãos de Luna e terminou o pequeno trajeto engatinhando, Luna foi junto com ela.

Figura 16: Cenas do episódio "*Vem, vamos lá!"*

Encerradas essas apresentações, passemos agora ao segundo estudo de caso, o de Caio.

6.4 Estudo de Caso 2: Caio (07 meses)

Figura 17: Bebê focal 2 (Caio, 07 meses).

Caio nasceu em novembro de 2015 e foi acolhido na instituição quando tinha 04 meses de idade, juntamente com mais dois irmãos - uma irmã de seis anos (Luna) e um irmão de três anos (Iam). Não foi possível encontrar registros oficiais na instituição dando detalhes desse acolhimento. As informações relativas a essas crianças foram construídas a partir de anotações feitas em diário de campo, advindas de conversas e vivências com as cuidadoras, mãe das crianças acolhidas (em seus momentos de visita) e de Luna, irmã de Caio.

Assim, Caio vinha de uma família muito pobre e vivia numa casa simples, de madeira, com seu pai, sua mãe e seus dois irmãos. O pai de Caio, sem estudos e sem profissão, vivia de "bicos" e, naquele momento, estava desempregado. A mãe tinha descoberto recentemente que estava gestando o quarto filho e estava também desempregada. O casal estava em crise e tinha histórico de relação abusiva na dinâmica conjugal, que incluía violência doméstica contra a mãe de Caio, o que chegou a culminar em uma série de separações e reconciliações do casal. Nesse contexto, houve um acidente doméstico e a casa (de madeira) pegou fogo, a família perdendo quase todos os pertences que tinham.

A mãe refere ter buscado auxílio junto às pessoas da comunidade e em secretarias municipais, de modo a que a família conseguisse se reorganizar, sem sucesso. Assim, foram denunciados ao Conselho Tutelar por estarem residindo dentro de um carro e as crianças foram encaminhadas à instituição de acolhimento. Foi nesse contexto que Caio e seus irmãos

chegaram à instituição. A perspectiva era a de que as crianças ficariam acolhidas em torno de dois meses, prazo pelo qual se acreditava que a família pudesse conseguir se reorganizar para reaver os filhos. Por motivos relacionados à instabilidade emocional do casal, associados às profundas dificuldades econômicas dos mesmos, as crianças permaneceram na instituição de acolhimento por sete meses.

Nesse período, a mãe visitava as crianças frequentemente, apesar de que o pai não, até por que, segundo a mãe de Caio, o pai estava impedido judicialmente de fazer visitas. A mãe de Caio parecia muito deprimida e chegou a relatar, nos contatos que teve com a pesquisadora, desejos de cometer suicídio, devido a tudo que estava vivenciando. Após um tempo, a mãe conseguiu uma moradia com a ajuda de rendimentos vindos de bolsas financiadas pelo governo, pela remuneração de serviços domésticos que passara a realizar, além de outros subsídios ofertados pela secretaria de assistência social do município, o que fez com que conseguisse retirar, após sete meses, as crianças da instituição de acolhimento. O casal reatou logo após o retorno das crianças, mas a relação não se sustentou. Atualmente, Caio, sua mãe, e dois, de seus três irmãos mudaram para outro estado. Luna continua morando com o pai.

6.4.1 Interações de Caio com outras crianças: aspectos gerais

Primeiro mês de videogravações: Caio, 07 meses

No primeiro mês de videgravação, Caio apareceu frequentemente dentro do berço, às vezes ao longo de gravações inteiras, sem ser retirado do mesmo. Ele se mostrou regulado pela movimentação que se dava no seu entorno, sempre lançando um olhar às pessoas que transitavam pela casa. O olhar de Caio era sempre um olhar marcante por ser demorado, atento às movimentações ao seu redor. Às vezes balbuciava, balançava braços, pernas, apontava mãos, dedos, ia em direção a alguém, mesmo dentro do berço; ou choramingava, chorava (estas últimas eram expressões pouco vistas).

Caio era ainda colocado na sala, dentro de um "chiqueirinho"; em outras datas, dentro de um carrinho. Raramente, ele era colocado ao chão, independente da ausência ou presença de outras crianças no espaço, com a justificativa de que era para ele não se resfriar ou para não se sujar. Porém, mesmo em momentos mais quentes, Caio não era colocado no chão, para experimentar maior locomoção e experimentação do espaço com o próprio corpo.

Em alguns dos dias de coleta, encontrou-se Caio na varanda, dentro do carrinho, o mesmo posicionado de frente para a parede, sem acesso visual às outras crianças presentes no mesmo espaço, embora fosse possível escutá-las. Às aproximações das crianças, ele arregalava os olhos, olhava para a pesquisadora a sua frente, sem sorrisos. Quando alguma criança se aproximava, em especial, se se tratasse de algum irmão de Caio ou da cuidadora, ele mudava significativamente a expressão corporal, mexia os braços, pernas, abria a boca, levantava e abaixava os braços, especialmente quando a pessoa interagia com ele. Caso a pessoa saísse do seu campo de visão, ele levava as mãos às orelhas e fazia uma expressão facial notadamente de desagrado, indicando o início de um choramingo. Sem ter ao menos acesso visual às demais crianças, as interações com os pares quase não fluíam nesses momentos. No geral, Caio ficava brincando com algum brinquedo, nem sempre disponível para ele. Na ausência de um brinquedo, ele ficava entretido com a chupeta ou elementos do carrinho e berço.

Caio não tinha firmeza no tronco e não conseguia se sentar sem apoio. Ele tinha bons reflexos, possível de se observar quando algo caía ou era jogado perto dele, em que ele ouvia e virava-se imediatamente em direção ao objeto. Caio vocalizava muito pouco, quando estava sem interação com outra pessoa; era um bebê muito silencioso, na maior parte do tempo videogravado. Várias vezes foi possível perceber Caio mordiscando o berço, possivelmente por que seus dentes deveriam estar nascendo. Era um bebê muito calmo e com olhar sempre muito expressivo para a pesquisadora em momentos de filmagens; muito observador dos eventos que aconteciam em seu entorno. Em momentos de irritação (quando parecia querer atenção de alguém ou quando alguma criança fazia algo que o desagradava), Caio apresentava um comportamento de esfregar as orelhas, como que uma espécie de anúncio antes de choramingar ou chorar (Amorim, 2012; Rodrigues, 2007). O jeito de Caio chorar chamava a atenção, pois ele tinha uma expressão facial de choro, seus olhos vertiam lágrimas, porém quase nunca emitia sons no choro; ou era um som de choro muito baixo, tornando difícil que as pessoas percebessem. Caio algumas vezes alterava o som do choro, somente quando via alguém se aproximar dele. Outras vezes, ele permanecia silencioso e inquieto, levando as mãos ao rosto, com muita força, esfregando-as em si mesmo, na cabeça e nas orelhas.

Nesse primeiro mês de videogravação foi possível observar interações de Caio com as cuidadoras, sobretudo, interações envolvendo cuidado, interações em sua maioria co-reguladas, com trocas afetivas, ofertas de brinquedos, ajudas, a partir do olhar, sorrisos ou choro e conversas à distância. Observou-se que as cuidadoras são presentes nas ações de cuidado a Caio, embora notadamente realizando cuidados mais aligeirados apesar de uma aparente preocupação.

Crianças também apareceram nas videogravações, em especial Luna, a irmã de Caio, que cuidava dele oferecendo alimentos para ele comer; ou, lhe dedicava tempo dando atenção, ofertando brinquedos, realizando trocas afetivas. A estas, muitas vezes, Caio dava risadas, emitia vocalizações mais altas, acompanhadas de intensa movimentação de braços e pernas e com o olhar sempre fixo na direção da irmã. Caio, de maneira geral, parecia entusiasmado com a presença da irmã, sempre cheio de sorrisos, quando ocorria essa aproximação. E, se Luna se distanciava de Caio, sua expressão mudava instantaneamente, passando a acompanhar quieto e sem mais sorrisos o movimento da irmã que desaparecia.

Luna nomeava às pessoas ao redor, os feitos de Caio: "Tia! Sabia que ele senta?" Ou, tocava o rosto e o cabelo dele e dizia: "Tia, ele fica tão bonito assim, ne?" E, dirigindo-se para ele: "Você gosta de boneca?" "Vou trazer um monte de boneca" "Gosta de carrinho também?"

Nesse período, em menor frequência, crianças sem vínculo consanguíneo também se aproximavam de Caio, dando-lhe atenção, carinho, brinquedos, brincadeiras; ainda, fazendo tentativas de retirada de Caio do berço.

Segundo mês de videogravações: Caio (08 meses)

Nesse período, Caio já conseguia se sentar sozinho, ainda que com algum apoio. Seu corpo aparentava estar mais firme e, às vezes, era possível notar que, mesmo quando ele se desiquilibrava, dificilmente seu corpo chegava a cair totalmente. Ele já apoiava mãos e joelhos como se começasse a ficar na posição de engatinhar. Quando desequilibrava e caía, geralmente iniciava um choramingo não vocalizado, apenas expresso facialmente, esforçando-se para tentar se reequilibrar novamente. É possível notar que ele fez repetidos esforços no sentido de engatinhar nesse período, mesmo não estando posicionado no chão. Como verbalizou uma das cuidadoras quando o viu nessa posição: "Tá doidinho para sair engatinhando".

Caio, raramente choramingava. Seu choro tinha maior intensidade, com uma vocalização mais intensa, quando uma das cuidadoras, com a qual parecia ter mais afeição, passava perto dele, intensificando o choro até que soasse com gritos ressentidos. Em algumas das situações, ela o retirava do berço, colocava-o no carrinho, ajeitava sua posição, sua roupa, amamentava-o de maneira afetuosa, dirigindo-lhe palavras de afeto: "Acalmou?". "Eu tô muito chique", "Cê tá muito bonito!".

Caio continuava um bebê muito calado, tendo um olhar muito expressivo e atento aos acontecimentos em seu entorno. Nesse segundo mês das videogravações, Caio passou maior parte do tempo, na sala e na varanda e, poucas vezes, na cozinha. Ficava normalmente em berços, em uma bacia ou carrinho, com uma maior impossibilidade de se locomover e experimentar espaços mais amplos da casa. Também, ele nem sempre tinha brinquedos disponíveis. Quando os tinha, ele os manuseava e colocava-os na boca. Sem os brinquedos, ele manipulava a chupeta, as grades do berço, partes do carrinho ou as próprias mãos e pernas.

Luna, irmã de Caio, sempre aparecia nas videogravações, atenta às necessidades dele: estava sempre atenta ao choro, ajeitava-o no berço, ajeitava-lhe a roupa, conversava e cantava para ele, mesmo que estivesse um pouco distante, em outro cômodo da casa. Ele era receptivo, sorria para ela e fazia movimentos intensos de braços e pernas, além de vocalizar, direcionando o olhar para Luna. E quando Luna saía do seu campo de visão, Caio a buscava com olhar, suspirando.

Caio também era receptivo, quando ao longe, alguém olhava para ele e o chamava de "nenê", conversava com ele ou lhe chamava pelo nome. Nessas situações, ele olhava e/ou sorria. Em momentos, em que Caio aparecia mais sozinho, durante um maior tempo, particularmente em ambientes de passagem da casa, ele permanecia em silêncio, chorava ou choramingava quando cuidadoras ou crianças passavam diante dele, sem lhe dar atenção. Em um desses momentos, a situação envolveu Ana (o outro bebê focal da presente tese, cuja situação foi relatada na descrição dos resultados dela). À distância, Ana observava Caio chorando, enquanto ele tentava pegar, sem êxito, sua chupeta. Ana, observando a cena, engatinha em direção a ele, tocando o braço de Caio.

Luna recorria às cuidadoras quando ela não conseguia fazer algo por Caio, como melhor posicioná-lo no berço ou quando ele se desequilibrava: "De novo, tiaaaa", enquanto olhava para cuidadora, esperando ajuda: "Ele caiu, tiaaa"! "Ele caiu, gente!" A reação de Luna, enquanto esperava alguém ofertar ajuda para Caio, era de passar a mão carinhosamente em sua testa ou fazer outros carinhos.

Notou-se nesse período das videogravações que as cuidadoras estavam mais comunicativas com Caio, interpretando mais suas expressões, preocupando-se com suas necessidades, expressando-se de maneira mais afetiva, falando em manhês, ainda que de longe. Apesar disso, ainda era possível observar cuidados mais ligeiros, ocupadas mais na realização de algo que pudesse sanar uma necessidade mais básica do bebê, como a alimentação. Foi possível perceber Caio sendo alimentado, sem haver trocas de olhares, sorrisos, conversas, mesmo com manifestação expressa dele por meio do olhar e de vocalização.

Nesse período, ele ficou muito numa bacia, de costas para as pessoas que estavam no local, ele se esforçando para virar o tronco em direção às vozes das cuidadoras e crianças, virando a cabeça de maneira forçada para trás, tentando olhá-las. Sem sucesso, apoiado com um travesseiro nas costas, que limitava seu movimento dentro da bacia, permanecia quase todo o tempo em silêncio, mexendo-se pouco, sem apresentar vocalizações, com uma expressão facial que parecia indicar certo abatimento. Em alguns momentos, ele começava a chorar. A isso, alguma cuidadora dizia "Calma, calma", pegando-o no colo; ou, vamos fazer um "leitinho para ele", que fazia com que o choro de Caio cessasse.

Caio esteve doente, ainda se recuperava de uma pneumonia, precisamente na ultima semana, do segundo mês de videogravação, no dia 03/09/16.

Terceiro mês de videogravações: Caio (09 meses)

Nas gravações desse mês, Caio apareceu quase todo o tempo, na sala ou na varanda da casa. Quando na sala, Caio aparecia sentado no carrinho ou no berço; e, quando estava na varanda, Caio aparecia no carrinho ou no chão. Quando ficava no chão, ele interagia com as demais crianças e vocalizava mais para as pessoas, com entonações seguras e fortes (isso ficou muito evidente nas terceira e quarta semanas de videogravação com Caio). No chão, ele parecia mais ativo e curioso com os objetos ao seu redor, tendo um olhar vivo. Ele também se expressava corporalmente, com entusiasmo, frente às experiências da livre locomoção. Caio já conseguia sentar firme no chão; ele engatinhava em uma espécie de marchinha, batendo as mãos no chão, uma após a outra. Algumas vezes, ele buscava apoio em móveis, tentava se levantar, sem muito sucesso. Caio já podia ficar de pé, com apoio de alguém e foi algo comemorado por Luna e algumas cuidadoras durante na segunda e terceira semana desse terceiro mês de videogravação.

Caio foi visto muitas vezes nos vídeos segurando autonomamente sua própria mamadeira. Já havia sido iniciada a oferta de alimento sólido, mas ele ainda engasgava com eles.

Especialmente na segunda semana do terceiro mês de videogravações, Caio se expressou com mais sorrisos a todos ao redor - para as crianças, cuidadoras e pesquisadora. O olhar de Caio para a pesquisadora era sempre demorado e, às vezes, trazia junto um sorriso.

Nem sempre eram a ele disponibilizados materiais ou brinquedos. Mas, Caio brincava com o que tivesse disponível a sua frente ou ao seu alcance. Há filmagens em que ele aparecia

chupando o próprio chinelo, copos de plástico, brincando com um cone de plástico (utensílio de cozinha), rodinhas de carrinhos pelo chão, pés das cadeiras.

Embora houvesse a presença de crianças na casa nesse período, a maioria delas estava na escola. Caio apresentou interações com outras crianças pequenas, ainda que não fossem muitas, mas foi com a irmã, Luna (05 anos), com quem teve mais interações. Foram observadas muitas interações afetivas dos dois. Luna se mantinha atenta aos interesses do irmão mais novo, dava-lhe atenção, observava, oferecia-lhe alimentos, interpretava o que ele desejava a partir de sua expressividade, fazia observações, "Tá nascendo o dentinho dele, tia"; "Tá machucadinho o nariz dele!"; "O Caio perdeu os sapatinhos dele no fogo, tudo novinho que minha mãe comprô"; "O pão é só um pouco duro, ele não vai engasgar porque não é osso". Luna se dirigia a ele falando em 'manhês', dançava para ele, quando o percebia solitário em outro cômodo da casa. Quando ele chorava, Luna chegava a dizer em alguns dos momentos: "Nenê! Nenê! Aqui a maninha ó, vem cá, faz telefone para a mamãe!". Frente às brincadeiras de Luna, Caio sorria e levantava os braços para ela. Há registros de Caio vocalizando para Luna "Mã, mã, mã, mã", Luna interagindo com Caio, de alguma maneira, não sendo indiferente às suas vocalizações.

Caio estava, nesse período, visivelmente empático ao choro de outras crianças. Às vezes, ele iniciava movimentos na direção da outra criança ou ficava, durante muito tempo, olhando-a, ainda que distante. Interações afetivas também eram vistas de Caio e as cuidadoras. Mas, diante das trocas de turno das cuidadoras, o clima relacional variava muito: o ambiente agitava-se, ficava mais alegre ou conflitivo, as pessoas falavam alto e/ou riam. Interessante notar como Caio era sensível a essas nuances do clima emocional, ora ficando mais sensível aos sons altos, com expressões de visível incômodo, mudando essa expressão apenas quando alguém lhe ofertava uma atenção mais dirigida.

6.4.2 Mapeamento geral das interações e dos parceiros de interações com Caio (07 meses)

Primeiro mês de videogravação

No primeiro mês de videogravação, ocorreram mais interações na terceira semana (47%) e quarta semana (25%) em comparação com a primeira (17%) e segunda semana (11%). As interações das crianças com Caio (07 meses) foram mais co-reguladas (79%), que reguladas (21%), sendo que desse total 9% envolveram interações de Caio (07 meses) com outro bebê (Ana, 14 meses), bebê focal 1.

As interações reguladas envolviam o bebê tentando se comunicar com outra criança, sem que essa outra criança o visse; envolvia também situações em que uma criança era regulada por ele, tentando iniciar uma interação, sem que Caio a percebesse; ou mesmo, quando estava entretido com brinquedos. Mesmo em momentos em que Caio esteve mais sozinho nos ambientes, ele parecia estar atento, sempre observando, por meio do olhar, as pessoas transitando. Quando não podia vê-las, ele fazia expressões com o corpo, que indicavam escutá-las (ficava inquieto, balançava pernas e braços, deitava levemente a cabeça para um lado, tentava direcionar o corpo na direção dos sons, choramingava com barulhos altos, levantava as sobrancelhas com barulhos, vocalizava na escuta de alguma voz, etc).

As interações co-reguladas envolviam ações com trocas afetivas expressivas das crianças, fossem breves ou prolongadas. Foram observados toques rápidos, brinquedos e alimentos lançados levemente no bebê para lhe chamar a atenção, chamar o nome do bebê à distância, fazer brincadeiras com ele (colocar óculos, dançar para ele, se colocar do lado ou em cima do berço, como maneira de brincar, empurrar seu carrinho, brincar de imitação com o bebê), olhar para ele fixamente, conversar com ele, ajeitá-lo, entre outras maneiras de interagir.

As interações ocorreram principalmente na sala 02 e na varanda.

O mapeamento apresentado na Tabela 07 abaixo, apresenta as formas de interação, no primeiro mês de videogravação de Caio

Tabela 7: Mapeamento geral das interações de Caio (07 meses) e as demais crianças, no primeiro mês.

1° Mês	Interações	Reguladas	Co-reguladas
06/07/2016	8	2	6
09/07/2016	0	0	0
11/07/2016	3	1	2
15/07/2016	2	1	1
18/07/2016	0	0	0
22/07/2016	22	6	16
29/07/2016	3	0	3
30/07/2016	9	0	9
Total	**47**	**10**	**37**

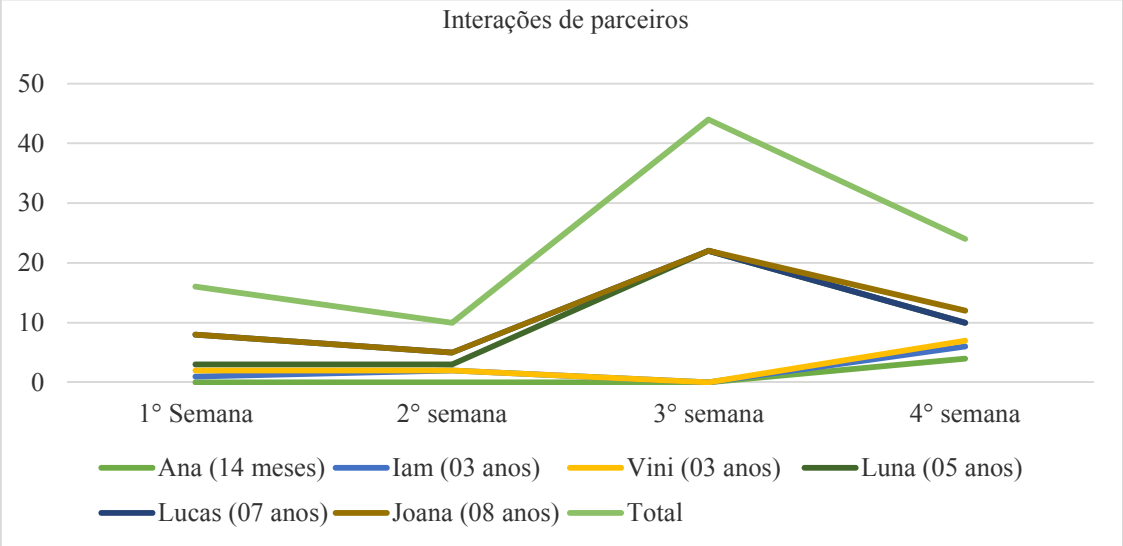
Com relação aos parceiros de Caio (07 meses), nesse mapeamento geral de interações, no primeiro mês de videogravação, Luna (05 anos) interagiu mais vezes nesse período com ele (57%), seguidos das interações com Lucas (15%), Iam (11%), Ana (9%), Vini (4%) e Joana (4%).

Houve mais interações de Luna (05 anos) e Caio (07 meses), em comparação com os demais parceiros de interação. As ocorrências se deram especialmente na terceira semana, em comparação com as outras semanas. Luna, irmã de Caio interagiu mais com ele nesse período devido ao fato de estar compartilhando, nesse período, o mesmo horário que o irmão, na instituição.

Lucas (07 anos) esteve interagindo por meio de brincadeiras com Caio (07 meses), apenas nas duas primeiras semanas, em que Caio esteve no mesmo ambiente da casa que ele. Iam (03 anos), irmão de Caio, interagia pouco com ele, mas houve interações na primeira, segunda e quarta semanas, em formas de toques rápidos ou trocas de olhares. Ana (14 meses) interagiu com ele apenas quando estiveram no mesmo ambiente da casa e Ana interagiu com ele, por meio de trocas de olhares e toques. Vini (03 anos) interagiu pouco, na primeira e quarta semana por meio de toque rápido; e, Joana (08 anos) interagiu pouco, em momento que esteve presente na instituição e não tinha outra tarefa para fazer. Ela interagiu apenas na quarta semana.

Houve momentos de videogravações em que as interações de Caio (07 meses) com as crianças não ocorreram e eram momentos em que Caio esteve sozinho em determinado cômodo, fosse sentado em um carrinho ou em berço ou "chiqueirinho"; ou quando estava interagindo mais com as cuidadoras. Também foi observado que Caio, às vezes, era impossibilitado de interagir de forma co-regulada, por estar fisicamente arranjado em local, de costas para as outras crianças presentes no mesmo. A escassez de interações, em algumas videogravações, também se deram devido ao fato de as outras crianças estarem ajudando em tarefas domésticas, a pedido de cuidadoras, não culminando em trocas interativas.

Figura 18: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Caio (07 meses), no primeiro mês.



Segundo mês de videogravação

No segundo mês de videogravação, ocorreram mais interações na primeira semana (43%) e segunda semana (33%), que na terceira (14%) e quarta semana (10%)

As interações das crianças com Caio (08 meses) foram pouco mais co-reguladas (51%), que reguladas (49%), sendo que 15,68% das interações co-reguladas e 17,64% das interações reguladas envolveram interações bebê-bebê, mais especificamente com Ana, bebê focal 1 (15 meses). As interações ocorreram na sala, cozinha, varanda. Fora observado a presença das crianças pequenas em um mesmo cômodo. Apesar disso, como cada uma estivesse assentada em um lugar (chiqueirinho, berço e carrinho), com pouca possibilidade de mobilidade, as interações eram dificultadas até por que as crianças eram colocadas lateralmente à outra, quase que de costas.

Caio era visivelmente regulado pelas pessoas que transitavam nos espaços em que estava. Com outras crianças era regulado pelo choro ou choramingo, bem como por meio dos sons que outra criança fazia ou simplesmente pela presença de outra criança próxima a ele. Regulado por elas, Caio as olhava, vocalizava, sorria. Cerca de 11,70% destas interações, começaram reguladas e, algum tempo depois, transformaram-se em interações co-reguladas. As interações co-reguladas envolviam ações com trocas afetivas expressivas das crianças, fossem breves ou prolongadas. Foram observadas que as interações co-reguladas envolviam troca de olhares e troca de sorrisos.

Tabela 8: Mapeamento geral das interações de Caio (08 meses) e as demais crianças, no segundo mês.

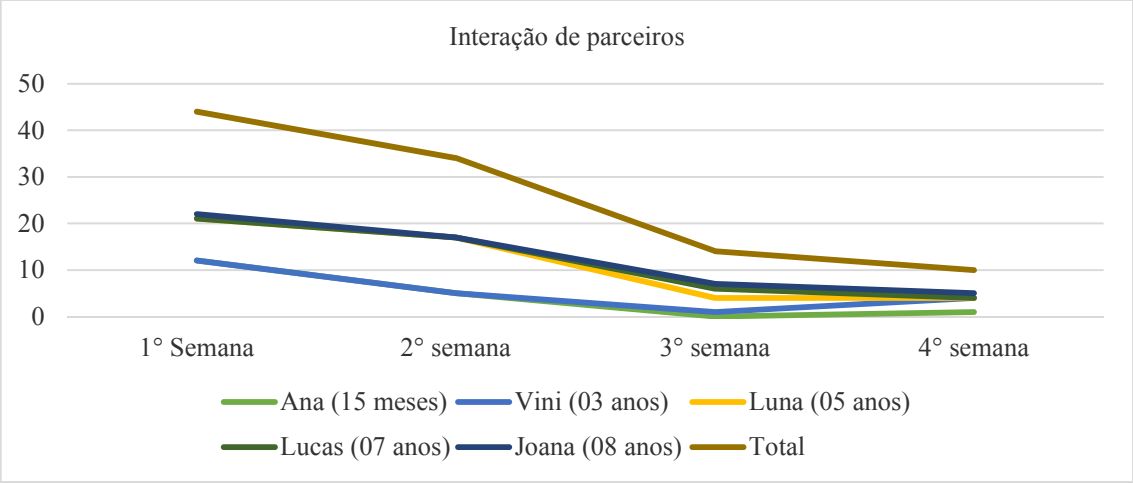
2° Mês	Interações	Reguladas	Co-reguladas
02/08/2016	12	6	6
06/08/2016	10	3	7
11/08/2016	7	4	3
12/08/2016	10	6	4
19/08/2016	3	1	2
20/08/2016	4	2	2
01/09/2016	2	0	2
03/09/2016	3	3	0
Total	**51**	**25**	**26**

Com relação aos parceiros de Caio (08 meses), nesse mapeamento geral de interações, no segundo mês de videogravações foi possível verificar que as interações com Luna (05 anos), irmã mais velha de Caio eram frequentes (47%), sendo que ela interagiu mais com Caio na segunda semana e menos na quarta semana. Luna interagiu menos com ele quando estava brincando com outras crianças, aglomeradas em outro espaço da casa, entretida com elas, perto ou longe dele.

Na sequência, Ana, a bebê focal 1, de 15 meses (35%), interagiu mais com Caio (08 meses), na primeira e segunda semana, em momentos que fora posicionada no mesmo cômodo que Caio, de maneira que os dois tiveram a possibilidade de se comunicar e interagir. Vini, de 3 anos (8%) interagiu mais com Caio, quando ele esteve sob cuidados de cuidadora que era da estima de Vini. Interagiu menos ou nenhuma vez, quando esteve mais presente junto às cuidadoras ou com outras crianças dentro da casa. Joana, de 08 anos (6%) interagiu mais com Caio quando não estava com outras crianças, ou fazendo tarefas escolares, ou tarefas domésticas. Lucas, 7 anos (4%) interagiu se aproximando de Caio, coisa que era pouco frequente. Com relação a Luna, quando Caio a ouvia, mesmo que distante ou em outro cômodo, produzia fisicamente enorme expressividade, concomitante ou imediatamente após ouvir o som da voz da irmã.

Embora houvesse outras crianças na casa, nos momentos das videogravações, Caio passou bastante tempo em bacia e carrinho. Foi possível notar que, na bacia, Caio ficava posicionado lateralmente ou de costas para elas, dificultando as interações, apesar de ele se esforçar muito, para vê-las e acessá-las.

Figura 19: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Caio (08 meses), no segundo mês.



Terceiro mês de videogravação

No terceiro mês de videogravações, ocorreram mais interações na primeira (37%) e quarta semana (33%), em comparação com a segunda (13%) e terceira semana (17%)

As interações das crianças com Caio (09 meses) foram mais reguladas (63%), que co-reguladas (37%), sendo que 71% do total das interações envolveram bebê com crianças/adolescente (que tinham entre três anos a 14 anos de idade) e 29% envolveram interações bebê-bebê (com parceiros de 12 e 16 meses de idade). Destes 71% de interações que envolveram bebê com crianças/adolescente (35%) eram reguladas e (36%) co-reguladas e dos 29% das interações envolvendo bebe-bebê, notou-se que 28% delas eram reguladas e apenas 1 % eram co-reguladas.

As interações ocorreram na sala 1, bem como, na varanda e, poucas vezes, o bebê fora observado sozinho nesse período. Era possível perceber a presença das crianças pela casa, durante quase todo o tempo, apesar de que nem sempre ocorriam interações delas com Caio, ainda que estivessem juntas no mesmo espaço. Caio aparecia, algumas vezes, entretido com seus brinquedos, assim como as outras crianças também apareciam entretidas com seus brinquedos e brincadeiras com outros parceiros.

Caio era visivelmente regulado pelas pessoas que transitavam nos espaços em que estava, era regulado pela presença de outras crianças e, geralmente, as seguia com o olhar. As crianças ao seu redor podiam estar quietas ou brincando, fazendo algum barulho com objetos (como balões e outros brinquedos), ou podiam estar chorando. Eram situações que capturavam a atenção de Caio e faziam com que seu comportamento fosse regulado por elas. Fora observado que as interações co-reguladas envolviam trocas mais expressivas das crianças. Nesse período, notou-se também que Caio sempre dispunha de objetos, que usava como brinquedos (como chupeta, tampa de mamadeira) ou tinha de fato, à sua disposição, brinquedos convencionais.

Tabela 9: Mapeamento geral das interações de Caio (09 meses) e as demais crianças, no terceiro mês.

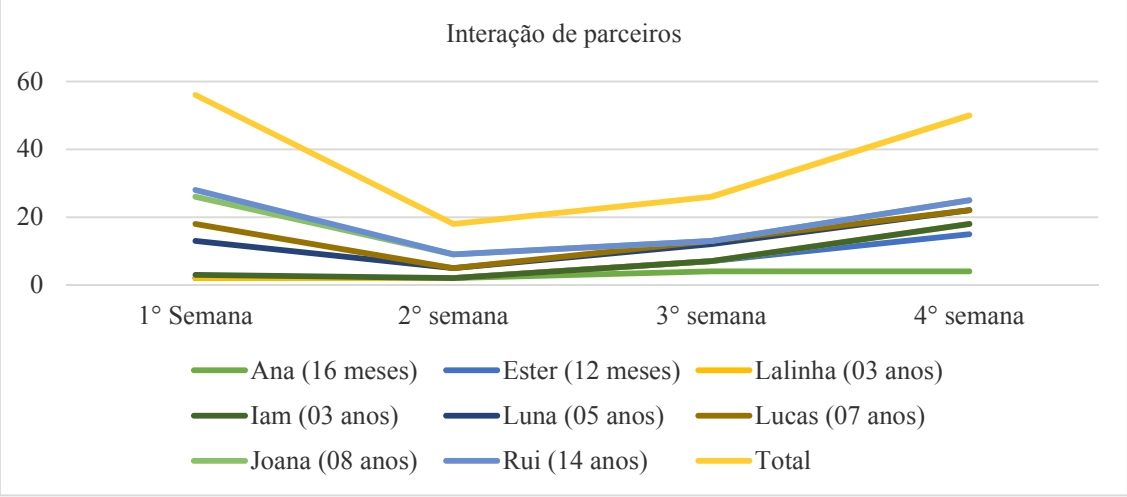
3° Mês	Interações	Reguladas	Co-reguladas
09/09/2016	3	0	3
11/09/2016	25	13	12
16/09/2016	6	5	1
18/09/2016	3	2	1
23/09/2016	5	2	3
25/09/2016	8	6	2
30/09/2016	13	10	3
02/10/2016	12	9	3
Total	**75**	**47**	**28**

Com relação aos parceiros de Caio (09 meses), nesse mapeamento geral de interações, no terceiro mês de videogravação, verificou-se que as interações dele com Luna (05 anos) ocorreram mais vezes, nesse período (29%), seguidos de interações com Joana, 8 anos (20%), Ester, 12 meses (19%), Ana, 16 meses (16%), Lucas, 7 anos (8%), Lalinha, 03 anos (4%), Rui, 14 anos (3%) e Iam, 3 anos (1%).

Luna (05 anos) interagiu mais com Caio (09 meses) na primeira e terceira semana e menos na segunda e quarta semana. Luna interagiu menos com ele, quando esteve brincando mais sozinha ou com as outras crianças, fosse no mesmo espaço que ele ou em outro espaço da casa. Na sequência, Joana (08 anos) interagiu com Caio, particularmente na primeira semana. Joana, quando estava na instituição de acolhimento, sempre interagia com as crianças, especialmente com os bebês. O baixo índice deve-se ao fato de ela estar na escola ou com a madrinha afetiva, nos momentos das videogravações. Ester (12 meses) interagiu com Caio (09 meses), com uma ênfase de interações ocorridas na quarta semana. Ester interagiu pouco com as crianças de modo geral. Pressupõe-se que isso se deveu ao fato de ela estar se adaptando à instituição de acolhimento e, nos primeiros dias de frequência, ela chorava bastante e andava muito atrás das cuidadoras. Ana (16 meses) interagiu com Caio (09 meses) e esteve mais presente na terceira e quarta semana. Embora se tenha notado que Ana esteve mais nos espaços em que Caio esteve, nesse período, nem sempre isso ocorria, pois, ambos eram posicionados em local que podia dificultar as possibilidades de contato entre eles. Lucas (07 anos) foi parceiro de interação mais na primeira semana. Lalinha (03 anos) participou das interações com ele na terceira semana. Rui (14 anos) e Iam (3 anos) tiveram ênfase mais na primeira semana.

Caio, em comparação com as outras observações feitas, fora mais visto no chão, no terceiro mês, embora, aparecesse ainda no carrinho e no berço. Ele ficava quase todo tempo na varanda e salas durante as observações e dificilmente não estava acompanhado por outras crianças, ainda que não interagissem com ele. As interações com Luna, irmã mais velha de Caio, eram frequentes nesse período.

Figura 20: Mapeamento geral dos parceiros de interação com Caio (09 meses), no terceiro mês.



6.4.3 Interações envolvendo práticas de cuidado com Caio, parceiros e local onde as interações ocorreram

Primeiro mês de videogravação

As práticas de cuidado estiveram presentes nas interações das crianças com Caio (07 meses). Observou-se que as interações dadas no primeiro mês de videogravação com Caio eram todas diádicas e que nos 47 episódios de interações gerais das crianças, cerca de 45% destes episódios, envolveram práticas de cuidado de crianças entre 05 e 08 anos, na interação com Caio. Aproximadamente 95% destas interações eram co-reguladas e somente 5% destas práticas foram consideradas interações reguladas.

O tempo mínimo e máximo referente as cenas de vídeos em que ocorreram as interações envolvendo cuidados variou de 02 segundos a 02 minutos e 30 segundos, sendo que tempos menores (≤ a 01 minuto), concentraram 90,48% das interações envolvendo cuidado e tempos maiores (> a 01 minuto), 9,52%. Os parceiros que se envolveram em tempos menores de interação com práticas de cuidado com Caio (≤ a 01 minuto), foram Luna, Lucas e Joana, sendo que Luna interagiu 71,44% nesse tempo. A parceira de interação que se envolveu em tempos maiores (9,52%), com interações de cuidado ao Caio foi Luna, irmã mais velha dele. Todas as interações de ambos tempos (menores ou maiores de interação, aqui referidos) foram diádicas.

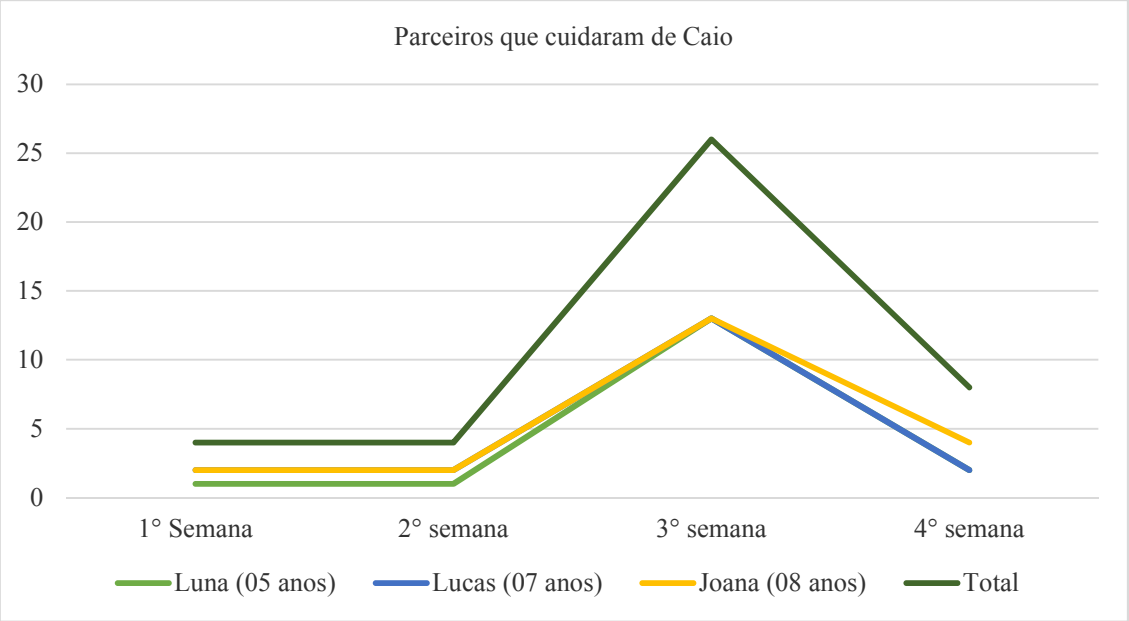
Tabela 10: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no primeiro mês.

1° Mês	Cuidado	Reguladas	Co-reguladas	Tempo
06/07/2016	2	0	2	20 seg a 01 min
09/07/2016	0	0	0	0
11/07/2016	2	0	2	13 seg a 40 seg
15/07/2016	0	0	0	0
18/07/2016	0	0	0	0
22/07/2016	12	1	11	09 seg a 02 min e 30 seg
29/07/2016	0	0	0	0
30/07/2016	5	0	5	02 seg a 23 seg
Total	**21**	**1**	**20**	**02 seg a 02 min e 30 seg**

As crianças que cuidaram de Caio no primeiro mês foram Luna – 5 anos, que concentrou, em valores aproximados, cerca de 81% de práticas de cuidado, especialmente na terceira semana de videogravação; as demais 19%, de interações envolvendo cuidado foram

divididas entre os cuidados ofertados por Lucas - 07 anos (concentrados na primeira e segunda semana) e Joana - 08 anos (concentrados na quarta semana).

Figura 21: Parceiros que cuidaram de Caio (07 meses), no primeiro mês.



Os locais onde as práticas de cuidado ocorreram se deram principalmente na sala 02 (67%), depois na varanda (33%), sendo que desse total 67%, ele esteve no berço e 33%, esteve no carrinho de bebê.

Segundo mês de videogravação

Dos 51 episódios de interações gerais das crianças, cerca de 43% deles envolveram cuidados das crianças na relação com Caio (08 meses). Aproximadamente 86,30% das interações que envolveram práticas que eram co-reguladas e 13,70% destas práticas foram consideradas interações reguladas; no fluxo destas interações, identificou-se que 36% delas iniciaram reguladas e tempo depois se transformaram em interações co-reguladas. Observou-se que 90,90% das interações dadas no segundo mês de videogravação com Caio eram diádicas e 9,10% eram triádicas.

O tempo mínimo e máximo referente as cenas de vídeos em que ocorreram as interações envolvendo cuidados variou de 02 segundos a 01 minuto e 50 segundos, sendo que tempos menores (≤. a 01 minuto) concentraram 81,81% das interações envolvendo cuidado e os tempos maiores (> a 01 minuto), 18,19%.

Os parceiros que se envolveram em tempos menores de interação com práticas de cuidado com Caio (≤. a 01 minuto) foram Luna, Ana, Joana, Lucas e Vini, sendo que nessa composição

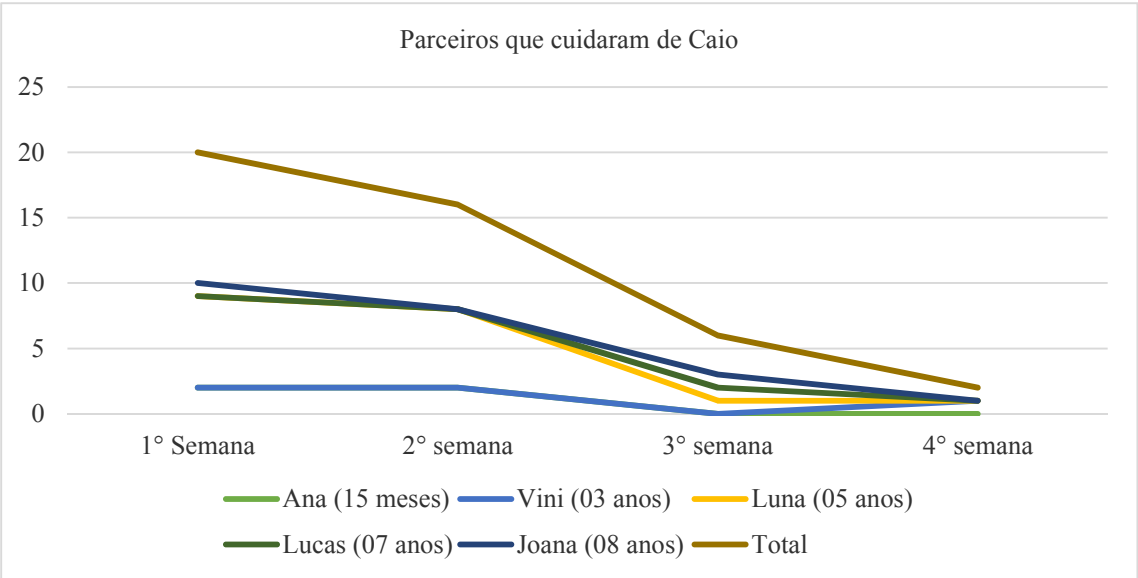
havia 4,55% de interação triádica, dada pela combinação (Caio/Luna/Joana). As demais interações (95,45%) nesse tempo menor, eram diádicas com combinações de parceiros como (Luna/Caio), (Joana/Caio), (Lucas/ Caio), (Vini/Caio). A parceira de interação que se envolveu em tempos maiores na interação com Caio (> a 01 minuto) foi Luna, sua irmã mais velha.

Tabela 11: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no segundo mês.

2° Mês	Cuidado	Reguladas	Co-reguladas	Tempo
02/08/2016	2	1	1	37 seg a 57 seg
06/08/2016	8	0	8	07 seg a 01 min e 50 seg
11/08/2016	5	1	4	02 seg a 01 min e 22 seg
12/08/2016	3	0	3	10 seg a 30 seg
19/08/2016	1	0	1	24 seg
20/08/2016	2	1	1	52 seg a 01 min
01/09/2016	1	0	1	40seg
03/09/2016	0	0	0	0
Total	**22**	**3**	**19**	**02 seg a 01 min e 50 seg**

As crianças que cuidaram de Caio (08 meses), no segundo mês de videogravação foram Luna – 05 anos, que concentrou, em valores aproximados, cerca de 64% de práticas, especialmente na primeira e segunda semana de videogravação; 17%, envolveram práticas com o bebê focal 1, Ana (15 meses) e, na sequência, Joana, 08 anos (9%), Lucas, 07 anos (5%) e Vini, 03 anos (5%). Luna, irmã de 05 anos, foi quem concentrou maior quantidade de cuidados na interação com Caio.

Figura 22: Parceiros que cuidaram de Caio (08 meses), no segundo mês.



Os locais onde as práticas ocorreram se deram enquanto ele esteve posicionado no carrinho de bebê (66,66%). Desta porcentagem, ele esteve dentro do carrinho posicionado mais acentuadamente na varanda (57,14%), depois, em menor proporção, na Sala 1 (4,76%) e na cozinha (4,76%), sempre levado por cuidadoras; ainda, em 33,34% ele esteve posicionado dentro de uma bacia, na varanda e na sala.

Terceiro mês de videogravação

As práticas de cuidado estiveram presentes nas interações das crianças com Caio (09 meses), nesse terceiro mês de acompanhamento. Dos 75 episódios de interação das crianças, cerca de 27% destes episódios envolveram práticas de cuidado de crianças com Caio.

Observou-se que 100% das interações envolvendo cuidado, durante esse período eram co-reguladas, sendo que 90% desses cuidados foram observados na interação de Caio com crianças/adolescente (entre 03 anos e 14 anos), e dessas interações, 85% eram diádicas e 5% quadriádicas. Os 10% restantes envolviam interações de Caio com outros bebês, em que eram co-reguladas e (5%) eram diádicas e (5%) triádicas.

O tempo mínimo e máximo referente as cenas de vídeos em que ocorreram as interações envolvendo cuidados variou de 06 segundos a 03 minutos e 18 segundos, sendo que os tempos menores foram mais frequentes (65%) e as interações mais prolongadas menos frequentes (35%). Os parceiros que se envolveram em tempos menores de interação com práticas de cuidado com Caio (≤ a 01 minuto) foram Luna, Joana e Rui, sendo que todas as composições dadas nesse tempo menor foram de interações diádicas. Os parceiros de interação que se envolveram em tempos maiores na interação com Caio (> a 01 minuto), foram Luna, Joana, Ana, Ester e Iam. Foram encontrados nesse período 5% de interação triádica formada pela combinação de parceiros (Caio/ Ester/Lalinha) e 5% quadriádica, formada pela combinação de parceiros (Caio/Joana/Luna/Lucas), que superaram a um minuto de interação. Afora essas interações mencionadas, todas as outras eram diádicas. Lucas e Lalinha, embora tenham aparecido em algumas combinações não se envolveram em práticas de cuidado com Caio, apenas estavam juntos quando estas ocorreram.

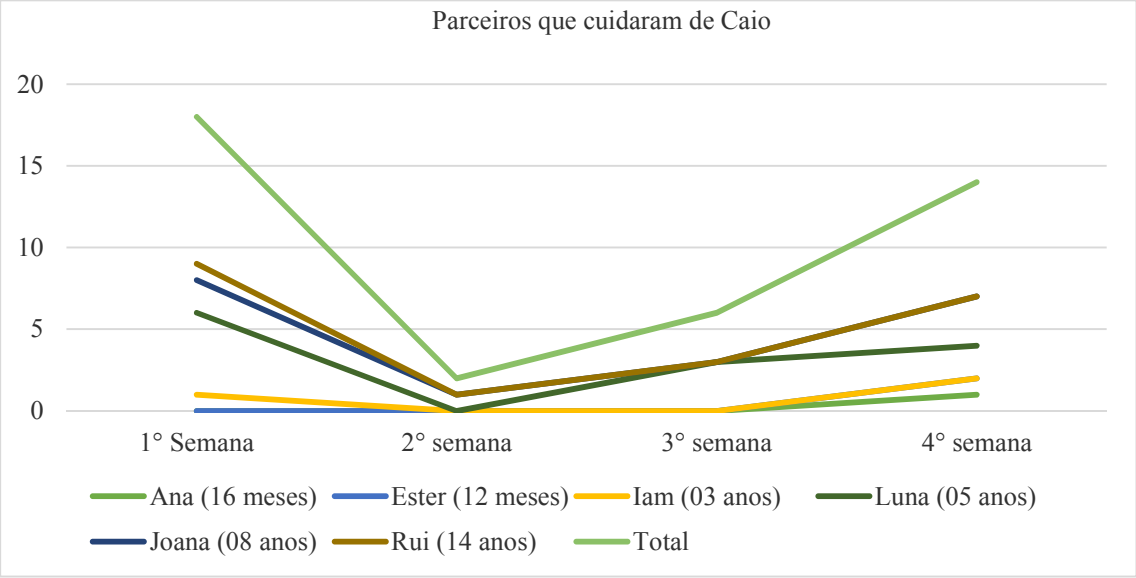
Foi possível observar maior número de interações diádicas (90%), que triádica (5%) e quadriádica (5%), no total dos tempos maiores e menores.

Tabela 12: Cuidado, interações e tempo estimado de episódios, no terceiro mês.

3° Mês	Cuidado	Reguladas	Co-reguladas	Tempo
09/09/2016	3	0	3	08 seg a 01 min e 02 seg
11/09/2016	8	0	8	10 seg a 01 min 10 seg
16/09/2016	0	0	0	0
18/09/2016	1	0	1	6 seg
23/09/2016	2	0	2	12 seg a 03 min e 18 seg
25/09/2016	1	0	1	01 min e 36 seg
30/09/2016	3	0	3	09 seg a 01 min e 46 seg
02/10/2016	2	0	2	17 seg a 02 min a 32 seg
Total	**20**	**0**	**20**	**06 seg a 03 min e 18 seg**

As crianças que cuidaram de Caio (09 meses) no terceiro mês de videogravação foram Luna – 05 anos, que concentrou cerca de 50% de práticas, especialmente na primeira e terceira semana de videogravação; 30% envolveram práticas de cuidado feitas por Joana (08 anos) e, na sequência, Rui, 14 anos (5%), Iam, 03 anos (5%), Ana , 16 meses (5%) e Ester, 12 meses (5%).

Figura 23: Parceiros que cuidaram de Caio (09 meses), no terceiro mês.



Os locais onde as práticas ocorreram se deram principalmente na varanda (65%) e na sala 1 (35%), sendo que desse total, em 55% das vezes ele esteve posicionado no carrinho de bebê, 35% tinha livre locomoção e 10% ele estava no berço. Caio esteve boa parte desse

período muito tranquilo e entretido com objetos, assim como as crianças, ao redor, estavam entretidas com outras crianças, brinquedos e brincadeiras.

6.4.4 Práticas e tipos de cuidado, na interação com Caio

Primeiro mês de videogravação

Luna (05 anos) foi a criança que realizou notadamente mais práticas de cuidado e foi possível observar que as interações traziam, em torno dessas práticas, tonalidades de atenção e solicitude. Luna, por exemplo demonstrou cuidado na interação com Caio (07 meses) que se caracterizava por: brincadeiras (que envolviam dança, imitação, sustinhos, cócegas) e conversas, incluindo nomeação de objetos e situações, quando ele estava sozinho, em determinado cômodo da casa e às vezes, sem a presença de algum brinquedo.

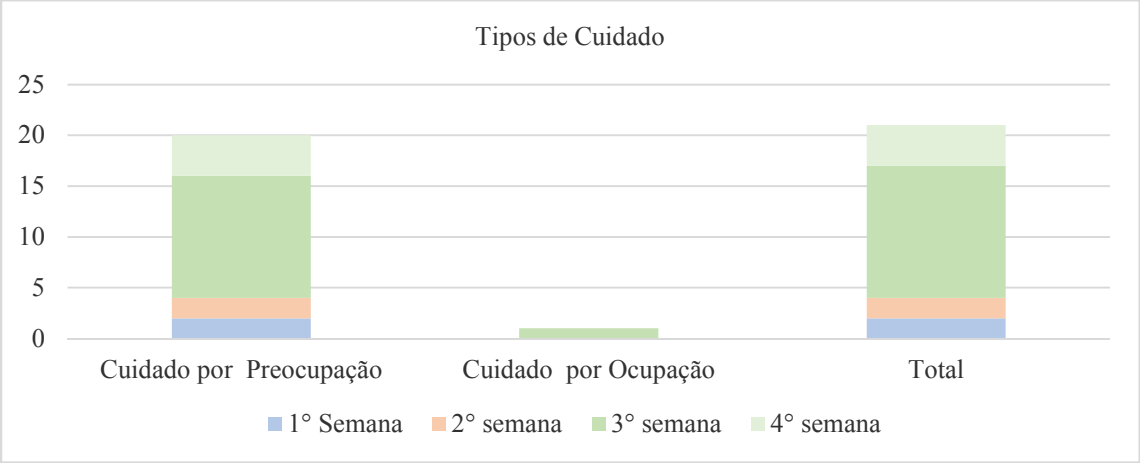
As trocas envolviam carinhos no bebê (muitos sorrisos, beijinhos). O diferencial das interações de Caio e Luna é que eram cercados de significativa afetividade. Luna se preocupava nitidamente com Caio, como em situações como: se trombasse no carrinho do bebê, pedia-lhe desculpas, nivelava seu corpo ao dele e o acarinhava; ou se precisasse pegar um brinquedo de suas mãos, carinhosamente o trocava por outro; sempre tinha uma preocupação de entregar os objetos e alimentos nas mãos do irmão; na maioria das vezes, ela falava com ele em manhês, além de mostrar a ele ou a quem tivesse perto, suas conquistas e capacidades (*Atenção*)

Luna também buscou ajeitar sua manta no berço, ajeitar a roupinha, ofertar alimentos e brinquedos, quando o bebê chorava (*Solicitude*)

Lucas (07 anos) também ofereceu cuidados como: ajeitar o bebê no berço, brincar com o bebê em momentos em que ele estava sozinho e de costas para as pessoas na varanda (*Atenção*). Joana (08 anos), também buscou brincar com Caio quando ele estava sozinho; e, às vezes, de longe, ela mandava beijos ao bebê (*Atenção*). Caio se mostrava sempre receptivo a carinhos, eram raríssimas as vezes, em que não correspondia a uma interação dirigida a ele, de afeto, de atenção.

No primeiro mês, as práticas de cuidado, nas interações das crianças e Caio foram mais modalizadas por preocupação que por ocupação.

Figura 24: Tipos de cuidado com Caio (07 meses), no primeiro mês.



Das 21 interações envolvendo práticas de cuidado com o bebê, 95% foram práticas moduladas por preocupação e 5%, por ocupação. Dessas práticas por preocupação, 80% foram iniciadas por Luna (05 anos), irmã mais velha de Caio (07 meses). Apenas foi considerada como cuidado modalizado por Ocupação (5%), quando Luna ajeitou sua manta, a pedido de uma das cuidadoras, sem ter iniciado qualquer troca mais efetiva com o bebê, e logo após ajeitá-la por cima do corpo de Caio, saiu rapidamente de perto do bebê.

Segundo mês de videogravação

Luna (05 anos) foi a criança que realizou notadamente mais práticas de cuidado e foi possível observar que as interações traziam em torno dessas práticas, tonalidades diversas nas expressões de cuidado, envolvendo atenção, preocupação e solicitude. De maneira sequencial, na proporção maior para menor de expressões de cuidado observadas, foi possível perceber entre Luna e Caio (08 meses) expressões variadas como ir ao encontro do bebê quando ele chorava, conversando com ele, ajeitando-o na bacia, fazendo-lhe carinho para acalmá-lo, dentre outros. (*Solicitude*)

O cuidado se dava quando Luna brincava com Caio e jogava o balão para cima com ele e para ele; ou, colocava cadeiras do lado do carrinho para amparar o balão, impedindo que o balão caísse e Caio pudesse alcançá-lo; ou quando brincava com Caio de esconde-esconde, percebendo-o distante e sem nenhuma interação com ninguém; ainda, quando Luna nivelava seu corpo ao dele, tocava-o e conversava com ele, dizendo frases como: "Você tá papando gostoso?" e o abraçava; ou, "Tá vendo eu, né, gostoso?" Dessa maneira, Luna também esteve atenta em situações em que percebeu o bebê sozinho, lhe dirigiu a atenção lhe chamando a distância pelo nome "Caiooo" (*Atenção*).

Foi possível verificar Luna apreensiva nas interações quando outro bebê tentava lhe tirar brinquedos; parecia se sentir responsável por Caio ou se a segurança física de Caio parecesse em risco.

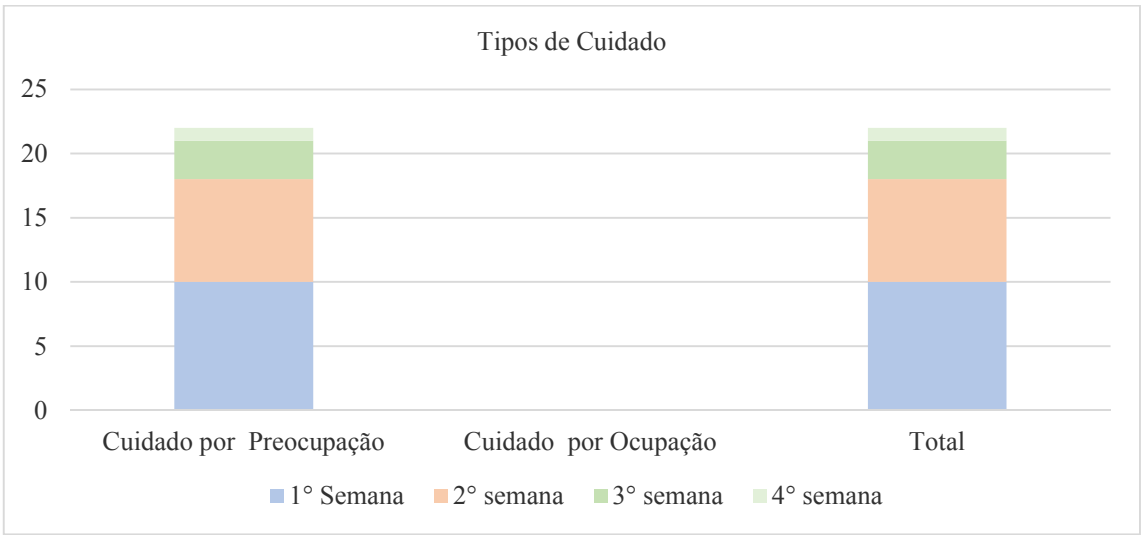
A exemplo disso, viu-se Luna muito brava com outro bebê quando o mesmo tentou pegar o balão de Caio: "Deixa!", enquanto tirava a mão da outra criança. Quando Caio estava desajeitado em uma bacia (algo que era recorrente, inclusive) e ela dizia para as cuidadoras "De novo tiaaaa","Ele caiu, tia". Interessante que o bebê deixava de choramingar no momento exato em que ouvia a voz de Luna e ela, sem esperar a ajuda das cuidadoras, tentava levantá-lo e arrumar sua posição. E, enquanto não recebia a ajuda de outros, Luna acariciava o rosto de Caio, depois auxiliava a cuidadora e dava a chupeta na boca de Caio, enquanto dizia: "Pronto! Chola não!" Ou, em momento que Joana relatou que tinha sangue no nariz de Caio e Luna imediatamente se levantou de onde estava e fora na direção dele, um tanto aflita, observou-o e se colocou diante dele dançando para ele, como maneira de entretê-lo do que se passava *(Preocupação/tensão e solicitude).*

As expressões de cuidado ocorridas nas interações de Joana (08 anos) e Caio (08 meses) se mostraram quando Joana pegava objetos que caíam das mãos de Caio; ou quando foi em direção a Caio, que estava sozinho no carrinho, fez carinho em seus cabelos, olhou-lhe a face, suas orelhas (*Atenção*) e identificou que havia um sangramento e foi avisar imediatamente a cuidadora do fato, com pedidos de ajuda *(Preocupação/tensão)*

A expressão de cuidado ocorrida na interação de Lucas (07 anos) – Caio (08 meses) se deu quando Caio esteve sozinho. Lucas deu uma partitura de seu irmão para Caio brincar. Logo quando percebeu que Caio poderia rasgar a partitura do seu irmão, Lucas, retirou cuidadosamente a partitura das mãos de Caio e a substituiu imediatamente por uma folha branca de papel *(Atenção).* E, na interação de Vini (03 anos) e Caio (08 meses), Vini, num gesto quase imitativo da cuidadora, olha para Caio e coloca a mão na mamadeira como gesto de amamentá-lo *(Atenção)*

No segundo mês, as práticas de cuidado, nas interações das crianças e Caio foram todas modalizadas por preocupação.

Figura 25: Tipos de cuidado com Caio (08 meses), no segundo mês.



Das 22 interações envolvendo práticas de cuidado com o bebê, 100 % foram moduladas por Preocupação (Atenção, Preocupação e Solicitude) e nenhuma prática foi modalizada por Ocupação. Dessas práticas modalizadas por preocupação, 63,64% foram desencadeadas nas interações de Luna (05 anos) e Caio (08 meses). As demais envolvendo preocupação com o bebê foram vistas nas interações dos bebês focais, Ana, 15 meses e Caio, 08 meses (18,18%), na sequência, Joana, 08 anos (9,10%), Lucas, 07 anos (4,54) e Vini, 03 anos (4,54).

Terceiro mês de videogravação

Luna (05 anos) foi a criança que realizou mais práticas de cuidado com Caio (09 meses). Foi possível observar que as interações traziam em torno dessas práticas, tonalidades diversas nas expressões de cuidado, envolvendo fundamentalmente atenção e solicitude.

Foi possível perceber Luna dançar e sorrir para ele quando ele estava sozinho (e ela fazia isso repetidas vezes); ela empurrava o carrinho de bebê ou se colocava por cima do berço para estar mais próxima dele; ela o chamava expressivamente ("Nenê! Nenê!"); brincava, cantava, conversava com ele (frequentemente em manhês) e o beijava.

Luna se comunicava com ele, para ele e sobre ele, de como ele estava, sobre o que ele fazia, de suas histórias familiares ou dos sucessos do seu desenvolvimento. Se referia a ele dizendo "Ele morde na gente, tia. E é doído hein!" "Ele vai morder, fica olhando" .

Luna sempre conversava com ele: "Comeu o biscoito tudo?" "Qué mais?"; ou, se dirigia, após ele ter comido um biscoito - "Ele comeu tudinho, tia" - com grande tonalidade afetiva dirigida a ele. Ela lembrava de histórias e as narrava, de quando ela trocava as fraldas dele, em sua casa; ou das papinhas que sua mãe dava para eles. Luna também comentava acerca do desenvolvimento do irmão: " O dentinho do Caio tá nascendo, tia! É bem pequenininho" "Ele comeu tudinho com os dentes dele!" "Ele tem dente, tia!" (*Atenção*).

Luna chamava sua atenção, brava, na iminência de perigos: "Não vai lá na frente não, ô Ba...ba...Zé mané!" Luna também mostrava para as pessoas ao redor quando Caio tinha algum machucado ou as corrigia (quando algum adulto dizia para ter cuidado quando ela ofertava rosca ao Caio), dizendo que Caio não iria engasgar com rosca porque rosca "não era osso". Luna estava sempre a postos quando parecia que Caio precisava de ajuda, como exemplo quando ela verificava a boca de Caio, inclusive com mais duas crianças (Lucas e Joana) para se certificarem de que o mesmo não havia engolido um pedaço de papel que carregava nas mãos *(Preocupação/tensão)*.

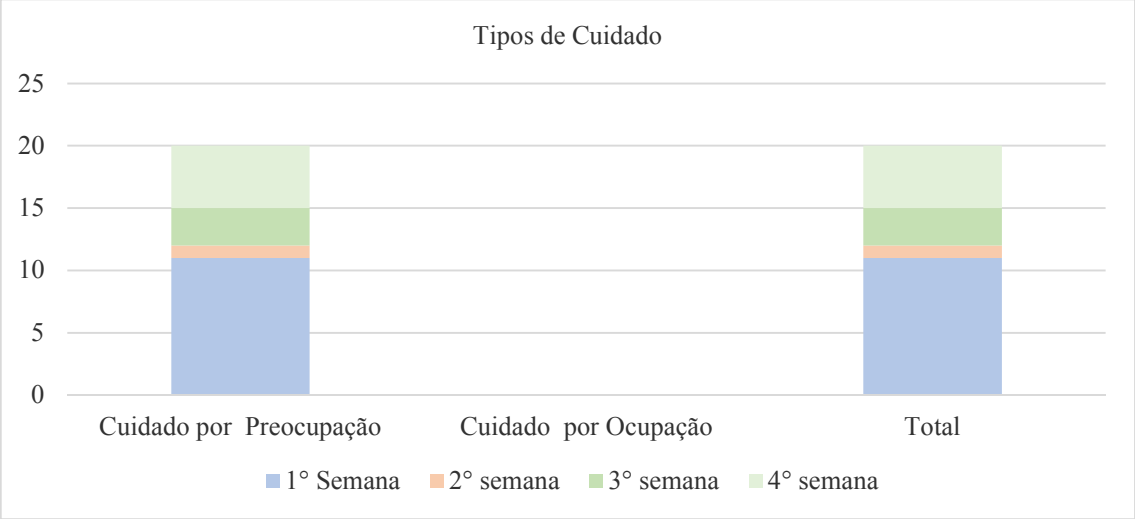
Luna, depois que ele choramingava, traduzia o choramingo como: "Ele queria um biscoito!", ao mesmo tempo em que lhe dava um biscoito. Se Caio demonstrasse desejo de comer algo que Luna tinha em mãos, ou se chorasse e ela interpretasse que o choro era de fome, ela sempre o alimentava espontaneamente *(Solicitude)*.

Nesse sentido, Joana (08 anos) também se preocupava com Caio (09 meses) e o que se via era que Joana se preocupava com as crianças mais jovens, especialmente os bebês. Chamava a atenção, a maneira com que ela também ofereceu atenção para Caio, nesse período. Joana também dançava, brincava, sorria, conversava com ele, às vezes, até de maneira brincalhona ("esse cagão aqui!"), depois que Caio tinha se sujado muito e precisou tomar banho. Joana subia às vezes, no berço para se comunicar com ele, oferecia objetos para entretenimento de Caio quando ele estava sozinho (*Atenção)*

As outras crianças como Iam (3 anos), seu irmão, se aproximou dele quando esteve sozinho e influenciado pela câmera filmadora, disse querer uma fotografia dos dois juntos. Nesse episódio, ele o tocou com carinho (*Atenção)* e ofereceu a chupeta para Caio, depois que ouviu um choramingo do irmão (*Solicitude)*.

Ester (12 meses), ao vê-lo olhando para ela, ofereceu sua chupeta, chupeta essa que tinha acabado de ser ofertada para ela, por sua irmã, Lalinha (03 anos). Ana (16 meses) ao vê-lo sentado no chão, caminhou e sentou junto com Caio (09 meses), quando ele a olhou, ela ofereceu um copo e depois, bolacha, chegou a dar uma bolacha na boca dele. Rui (14 anos), quando verificou que o cinto de segurança de Caio estava aberto, parou imediatamente de tocar o instrumento musical, aproximou-se de Caio, verificou que o cinto estava estragado e o amarrou para que Caio não caísse do carrinho (Solicitude e Preocupação/tensão).

Figura 26: Tipos de cuidado com Caio (09 meses), no terceiro mês.



Das 20 interações envolvendo práticas de cuidado com o bebê, 100% foram moduladas por Preocupação envolvendo nesse cuidado uma tonalização do cuidado via Atenção, Preocupação e Solicitude. Nenhuma prática ocorreu por Ocupação.

6.4.5 Descrição e ilustração de episódios de Caio, envolvendo cuidados

Nome do episódio 1: "***Que delícia! Que delícia!"*** (Primeiro mês de videogravação)
Data: 22/07/16 Duração: 07'05" – 8'07"
Crianças envolvidas: Caio (7 meses) e Luna (5 anos)
Cuidado orientado por Atenção

Situação: A gravação foi feita entre as 18h e 18:30, na sala 02. Quando a pesquisadora chegou, bebê estava no berço e Luna estava ao lado do berço brincando com ele. Só havia os dois na sala, na cozinha haviam cuidadoras e algumas crianças na varanda. As interações de Luna e Caio se deram quase todo o tempo de videogravação nesse dia, com pausas, nos momentos em que ela saía, mas ela voltava em vários instantes, e os episódios se assemelhavam a esse, aqui, descrito.

Descrição: Luna subiu nas grades do berço e estava brincando de fazer leves cosquinhas em Caio. Ela aproximou seu rosto ao dele, e sorria para ele e tirava as mãos, ele sorria. Luna se virou para a pesquisadora e disse: Ele está aprendendo a sentar, tia! Luna tocou nele e disse: Que delícia! Que delícia! Luna ajeitou a manga da sua blusa, depois subiu em seu berço, fazendo vários sons e jogando um pouco de seus cabelos nele, ele vocalizava, balançava as pernas, olhava para ela e sorria. Luna desceu e depois, gesticulou os braços para ele, muitas vezes e dizia: "Faz, faz!" e ele vocalizava e fazia igual, a imitava. Luna lhe deu um brinquedo, acariciou seu rosto, logo depois saiu.

Figura 27: Cenas do episódio *"Que delícia! Que delícia!"*

Nome do episódio 2: ***"Ele caiu, gente!"!"*** (Segundo mês de videogravação)
Data: 11/08/16
Duração: 07'31" – 08'53"
Crianças envolvidas: Caio (8 meses) e Luna (05 anos)
Cuidado orientado por Solicitude e Preocupação/tensão

Situação: A gravação foi feita entre as 18h e 18:30, na varanda. Duas cuidadoras sentadas em volta da mesa conversavam. Luna e Caio estavam na varanda. Luna, próximo as cuidadoras, Caio, dentro de uma bacia, no chão, do outro lado da mesa.

Descrição: Caio choramingou, parecia desconfortável na bacia devido a sua posição, ora com o corpo pendido para frente, ora para o lado. Luna foi imediatamente em sua direção e disse: "De novo, tia!", mas ninguém a escutou, as cuidadoras continuaram conversando. Ao chegar perto de Caio, Luna disse: "Plonto. Chola não!". Ela olhou para Caio, e olhou para uma das cuidadoras e pediu ajuda. A cuidadora continuou conversando, parecia não ouvi-la, então Luna se voltou para a outra cuidadora, ficou parada um instante de frente para ela, elas continuaram a conversa e Luna se abaixou e começou a ajeitar Caio na bacia, ela começou a pegá-lo, mas soltou imediatamente após uma vocalização de Caio que lembrava um choramingo. Ela olhou novamente para as cuidadoras e depois para a pesquisadora: "Ele caiu, tia!" ela ficou inquieta próxima a bacia e quando Caio expressou outra vocalização semelhante a um início de choramingo, ela olhou para ele e olhou novamente para as cuidadoras falando em tom mais enérgico: " Ele caiu, geeeeenteee!" As cuidadoras continuaram conversando, não pareciam ouvi-la, embora estivessem bem próximas e Luna tentou novamente ajeitá-lo na bacia. Luna, no entanto, apresentava dificuldades e o soltou quando ele vocalizou algo que parecia o início de um choramingo e olhou novamente para as cuidadoras, dessa vez com um tom de súplica: " Ele caiu, geeeeenteee!" e Caio iniciou um choro. Luna tentando ajudá-lo, enquanto olhava para as cuidadoras e uma delas disse: "Ajuda ele!" e Luna respondeu: "Eu não consigo, tia!". Nesse momento, Caio, expressando choro, Luna o acariciou com uma das mãos, a cabeça de Caio, enquanto esperou a cuidadora que se levantou e foi, por trás, ajeitar o corpo de Caio na bacia. Enquanto a cuidadora o levantou, Luna arrumou a manta, ajeitou os brinquedos dentro da bacia. A cuidadora ajeitou Caio e continuou conversando com a outra cuidadora, e Luna, ainda nivelada na altura e de frente para Caio, o ajeitava quando percebeu que a chupeta de Caio tinha caído de suas mãos e Luna pegou a chupeta, olhou para ele e colocou a chupeta em sua boca. Caio se tranquilizou. Após colocar a chupeta, Luna levantou e saiu.

Figura 28: Cenas do episódio *"Ele caiu, gente!"*

Nome do episódio 3: "***Tá com fome?***" (Terceiro mês de videogravação)
Data: 23/09/16
Duração: 08'49 – 12'07''
Cuidado orientado por Solicitude

Crianças envolvidas: Caio (9 meses) e Luna (5 anos)

Situação: A gravação foi feita entre as 18h e 18:30 e ocorreu na varanda. Luna estava sentada na mesa, comendo, enquanto alguns adultos passavam pela varanda levando compras para dentro da casa. Caio estava engatinhando e olhando o movimento das pessoas, quando vê Luna comendo algo.

Descrição: Caio viu a irmã na mesa e se aproximou engatinhando, se apoiou na cadeira e ela olhou para trás, ele se sentou e os dois se olharam. Luna sorriu e direcionou seu corpo para Caio. Passou um carrinho de compras e Luna disse: "Não vai lá na frente, não ô, bá bá, zé mané!", ele olhou para ela, vocalizou e levantou os braços para cima e ela lhe deu um pedaço de rosca. Ele levantou as mãos novamente, vocalizou, enquanto Luna disse: "Ele tem dente, tia!" Ele sempre olhando para ela e para a rosquinha e ela brincou, levantou a rosquinha e disse: "você não pega minha rosquinhaaa!" E ele olhou para cima. Ela ofereceu um pedaço, ele levou as mãos para pegar e ela disse: "Não, na boca e colocou na boca dele". Ele aproximou a face da perna de Luna e ela disse: "você não morde em mim, não!" "Ele morde na gente e doído, hein?" Luna olhou para a pesquisadora e disse: "Daqui a pouquinho ele vai mordê, tia, fica olhando". Nesse instante Caio se aproximou e mordeu a perna de Luna. Ela sorriu, ele vocalizou e ela deu outra rosca: "Tá com fome?", ele ameaçou morder e ambos sorriram. Ele vocalizou novamente e Luna disse: "Ele gosta que eu dou para ele!" "Ele quer que eu dou na mão dele!". Ele abraçou as pernas de Luna e mordeu novamente e Luna, deu outro pedaço de rosca. Depois, Luna se distraiu contando histórias para a pesquisadora, mas continuou a ofertar quando ele pedia.

Figura 29: Cenas do episódio *"Tá com fome?"*

6.5 Interações bebê-bebê: os encontros de Ana e Caio

Os bebês se encontraram algumas vezes durante o percurso das videogravações e foi possível perceber que Ana parecia exibir comportamentos de cuidados, com relação a Caio. Ana, quando escutava seu choramingos, voltava seu olhar para Caio, vocalizava, sorria, batia suas mãozinhas na barriga dele, ele parando de choramingar. Mas, se ela desviasse o olhar, Caio voltava a choramingar novamente. Ana também se dirigia engatinhando em direção a Caio quando o ouvia chorar e, ao chegar perto dele, podia tocar seu pé, levantava e ficava olhando para ele.

Houve momentos em que viu, de longe, a chupeta de Caio caída no chão, dirigiu-se até ele, levantou-se com apoio, depois de pegar a chupeta, colocou a chupeta em cima da mesa do carrinho de Caio e só então saiu de perto dele. Houve também situação em que Caio deixou a chupeta cair dentro de seu carrinho e Ana dentro de um berço de frente a ele, viu e ouviu seus choramingos.

Ana olhou diversas vezes para Caio enquanto ele choramingava pela chupeta, sem conseguir, contudo, pegá-la. Ana levou os braços de diferentes maneiras pelas grades do berço, na tentativa de pegar a chupeta de Caio, sem alcança-la, até que uma cuidadora passou e colocou a chupeta na boca de Caio. Nesse momento, Ana levantou e abaixou o corpo muitas vezes, reação que normalmente tinha quando ficava satisfeita com algo. Depois, sorriu, olhou para ele e sorriu para a cuidadora. Ana também ofertava alimentos para Caio, quando ouvia seus choramingos.

Para melhor demonstrar isso, serão mostradas aqui algumas descrições e ilustrações de episódios envolvendo os dois bebês:

Nome do episódio 1: ***"O que foi?"*** (Terceiro mês de videogravação com Ana)

Data: 09/05/16

Duração: 14'25 – 15'16''

Cuidado orientado por Solicitude

Crianças envolvidas: Ana (12 meses), Caio (5 meses) e Luna (5 anos)

Situação: A gravação foi feita entre as 18h e 18:30. As crianças estavam na varanda. Luna e Caio eram recém-acolhidos. Luna brincava num canto da varanda e chamava Ana, de longe. Caio estava dentro do carrinho e de costas para Luna. Ana estava em pé, apoiada no carrinho de Caio.

Descrição: Caio estava no carrinho. Ana olhando na direção a Luna, que a chamava de longe, repetidas vezes, pelo nome. Ana olhou em direção a Luna. Caio, nesse momento se expressou baixinho, fazendo sons que se assemelhavam a um choramingo. Ana dirigiu seu olhar para Caio e, na sequência, olhou para a pesquisadora. Ana voltou a dirigir seu olhar para Caio, sorriu para ele e tocou a sua mão. Caio parou de choramingar. Luna chamou Ana. Ana olhou na direção de onde estava Luna. Caio voltou a se expressar novamente por meio de vocalizações que lembrava um choramingo. O som era baixo e a expressão facial quase não se alterou, mas era contínuo. Ana olhou novamente para Caio, inclinou-se levemente com a cabeça, com o olhar na direção dele, sorriu para ele e colocou a mão em sua barriga. Luna chamou novamente Ana e apareceu por trás de Ana, pegando-a no colo e retirando-a da Cena.

Figura 30: Cenas do episódio *"O que foi?"*

Nome do episódio 2: **"Quer a bolacha?"** (Terceiro mês de videogravação com Caio)
Data: 02/10/16
Duração: 13'42 – 16'14''
Cuidado orientado por Atenção e Solicitude

Crianças envolvidas: Ana (16 meses), Caio (9 meses) e uma cuidadora

Situação: A gravação foi feita entre as 18h e 18:30. Caio está sentado no chão da sala 01 comendo uma bolacha. Ana estava na varanda, quando entrou na sala e começou a interagir com Caio.

Descrição: Ana entrou na sala 01, com um copo vazio na boca, retirou o copo da boca e ficou balançando o copo, o levantou e vocalizou: "Ná Ná!", ela se aproximou de Caio, que estava sentado sozinho, no chão da sala. Caio olhou para ela e ela ofereceu o copo. Ele não pegou, ela se sentou junto com ele no chão. Caio estendeu o braço para ela e ela ofereceu o copo novamente, dando uma arrastada com o corpo para perto dele, mas Caio não alcançou o copo. Ana voltou a levantar o copo e olhar de onde vinha a voz de uma cuidadora. A cuidadora se aproximou e colocou duas bolachas no copo de Ana. Caio viu as bolachas sendo colocadas. Ele estendeu o braço e pegou uma e ia pegar a outra, mas recuou. Olhou para Ana, ela também o olhou e balançou o copo. Ana brincou um pouquinho com o copo e pegou sua bolacha que estava nas mãos de Caio de volta. Ele abriu a boca, ficou visivelmente incomodado, choramingou e tentou pegar a bolacha novamente de Ana que estava no copo, ela não deixou e vocalizou: "Ná!" Ana fez isso, mas imediatamente pegou a bolacha que Caio queria, levantou o braço e deixou ela no chão, perto de Caio. Ele pegou a bolacha que ela colocou perto dele e colocou na boca, ela fez o mesmo, com a outra bolacha dela. Caio ficou olhando para ela. Ana virou o copo com as bolachas em sua boca, como se vertesse água, ele olhou para ela, fez uma expressão de choramingo, balançou braços e pernas para cima e para baixo. Nesse instante, Ana pegou uma bolacha e colocou a bolacha na boca de Caio. Esperou um pouquinho, ele chupou a bolacha, e ela retirou. Caio parecia querer mais e vocalizou alto, mas ela se afastou da cena, nesse momento, quando viu alguém se aproximar.

Figura 31: Cenas do episódio *"Quer a bolacha?"*

7 DISCUSSÕES

Como verificado em revisão bibliográfica, vários estudos pontuam que, em diversos contextos, as interações de crianças e adultos são priorizadas nas investigações (Santos & Motta, 2014; Cruz; Cavalcante & Pedroso, 2014; Tomás & Vectore, 2012; Golin; Benetti & Donelli, 2011; Barros & Fiamenghi 2007; Nogueira & Costa, 2005), havendo menor número de trabalhos que enfoquem nas interações das crianças entre si (Barros e Fiamenghi, 2007), sobretudo, no caso das interações de crianças com bebês.

Os estudos sobre interações de crianças pequenas são realizados, sobretudo, com bebês em contextos de creches (Amorim, 2012; Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012; Anjos, Amorim, Franchi e Vasconcelos & Rossetti-Ferreira, 2004), indicando que pouco se estuda sobre processos interacionais de bebês e, menos ainda, de bebês em contexto de acolhimento. Como já pontuado anteriormente, discute-se que há uma invisibilidade relacionada aos bebês em situação de acolhimento institucional no contexto brasileiro (Moura & Amorim, 2013).

Verificou-se, também, em trabalhos publicados e em observações em contexto de acolhimento institucional, de que há uma ideia dominante de que adultos cuidadores devem evitar se apegar às crianças em situação de acolhimento e, particularmente, de se apegar aos bebês de modo a que bebês e funcionários não sofram com os rompimentos inerentes a esses espaços (com a saída da criança da instituição) (Moura, 2017; Moura & Amorim, 2018).

Considerando tais concepções/práticas e a baixa relação adulto/criança no contexto institucional, traçou-se a hipótese de que as relações mais presentes com os bebês são estabelecidas pelas próprias crianças acolhidas, abrindo espaço para se verificar modos de ocorrência de interação das crianças. A partir da lacuna ligada a essa questão, foi delimitado o objetivo da presente pesquisa, cuja meta foi compreender *se* e *como* ocorrem interações de bebês e crianças que vivem em contexto de acolhimento institucional. Dentre as inúmeras possibilidades ligadas a essa frente de estudos, definiu-se especificamente pelo recorte de práticas de cuidado nas interações estabelecidas.

À análise dos dados de dois bebês sujeitos focais acolhidos em instituições, o presente estudo verificou um número significativo de ocorrências de interações das crianças com os bebês focais, inclusive interações em que as práticas de cuidado se fizeram presentes e permeadas de trocas afetivas.

No que se refere às **interações estabelecidas com Ana,** observou-se que, desconsiderando o primeiro dia de gravação, em que o conjunto das crianças esteve muito

mobilizado no entorno do bebê focal (frente à atração da filmadora), as interações foram relativamente equivalentes no período, tendo uma característica mais co-regulada. As interações ocorridas com Ana, ainda foram mais numerosas e mais co-reguladas quando Ana era colocada na varanda e ela tinha maior possibilidade de contato com as demais crianças, no espaço compartilhado. Mais ainda, caso Ana fosse colocada no chão, ela tinha maior acesso a outros espaços, por meio do seu deslocamento pela locomoção, podendo participar mais ou estar mais próxima de seus parceiros de acolhimento.

Interações foram menos frequentes e mais reguladas quando Ana estava em berços, chiqueirinhos, carrinhos, ou em locais como a sala 2 ou o quarto, lugares mais isolados e longe das outras crianças.

O local, portanto, mostrou-se de fato significativo no estabelecimento (ou não) das interações, como pode ficar evidenciado nos dois casos. As frequências se mostraram mais baixas nos momentos em que Ana esteve doente, como no dia 29/03 - em que ficou mais isolada e menos ativa, no berço. Porém, em outro momento (09/05/16), quando Ana se recuperava de uma pneumonia, ela teve-se mais interações co-reguladas, do que reguladas, quando ela permaneceu pouco no berço e mais no colo de cuidadora.

As crianças que interagiram com Ana eram de ambos os sexos e tinham faixas etárias diferentes, nenhuma delas tendo qualquer grau de parentesco com o bebê focal. Algumas delas demonstraram ter maior proximidade afetiva do que outras e se faziam boas mediadoras nos processos interativos. Ana interagiu com poucos bebês. Possivelmente, essa menor ocorrência se deveu ao fato de terem poucos bebês na instituição e, quando havia, aqueles ficavam geralmente afastados do contato com outras crianças, em quartos ou carrinhos, dificultando o possível estabelecimento de interações.

Ana, demonstrou ser um bebê ativo, que buscava interagir com as crianças. Quando no chão, com maior acesso ao deslocamento autônomo (Costa e Amorim, 2018), Ana ia atrás das crianças. Ela também demonstrava recusas com relação aos parceiros com quem não queria interagir e fazia isso mediante afastamentos, choramingos, dentre outros, particularmente quando algum parceiro forçava uma interação com ela.

No que se refere às **interações ocorridas com Caio,** observou-se menor frequência no número de interações, nos dois primeiros meses, aumentando no terceiro mês de observação. As interações no primeiro mês foram mais co-reguladas do que reguladas, invertendo a situação no terceiro mês de observação, quando ocorreu um aumento de interações, mas notadamente mais reguladas (sem correspondência do parceiro).

O baixo índice de interações é interpretado como devido ao local onde Caio era colocado, já que inicialmente ele era frequentemente posicionado sozinho ou distante, de costas às crianças (carrinho, bacia, berço), além de ele ser colocado em ambientes de que as demais crianças não participavam. Novamente, em momento em que ele esteve doente (03/09/16), no fim do segundo mês, Caio teve apenas interações reguladas, ao estar sozinho no berço, no quarto, longe das demais crianças.

A maior frequência de interações co-reguladas no primeiro mês deveu-se ao fato de ele ter interagido bastante com a irmã Luna, que lhe dirigia um contato mais direto e afetivo. Luna se mostrava tão responsiva a Caio, que mesmo quando ela esteve doente (terceiro mês de videogravação com Caio), ela interagia de forma co-regulada com o irmão.

Conforme ele passou a ser colocado de frente ou mesmo no chão, situando-se mais proximamente de brincadeiras das outras crianças ele interagiu mais (apesar de ser basicamente regulado pelas demais crianças, do que estar em co-regulação) e o número de interações aumentou consideravelmente. Análise do dado reitera assim que a organização do ambiente se mostra como um importante circunscritor (Rossetti-Ferreira, Amorim & Silva, 2004) nas possibilidades do bebê de estabelecimento de interações, promovendo inclusive o aumento de iniciativas do próprio bebê. O fato de as interações serem mais reguladas no segundo e terceiro meses de gravação pode ter relação com mudança no envolvimento da irmã Luna, já que ela passou a estar bastante direcionada para as brincadeiras com as outras crianças acolhidas.

Durante todo esse período, Caio interagiu com crianças de ambos os sexos, de faixa etária diferentes, apesar da preponderância de episódios interativos com sua irmã, com quem Caio tinha forte relação afetiva. Ainda, Caio interagiu mais com outros bebês, em comparação ao caso de Ana. A análise interpreta-se que, no período de videogravação dele, havia mais bebês na instituição de acolhimento e, ocasionalmente, eles eram colocados no mesmo local; ainda, as interações se deviam ao fato de os outros bebês – que tinham já locomoção mais autônoma - iam em direção a Caio, como no caso descrito de Ana.

Verificou-se assim que, de maneira geral, tanto no caso de Ana como de Caio, os arranjos espaciais e o posicionamento das crianças podiam facilitar ou dificultar o acesso às outras crianças, (des)centrando a relação com o adulto cuidador (Carvalho & Meneghini, 2011). A decisão sobre onde o bebê ficava – cômodo da casa, local no cômodo (berço, carrinho, colo ou chão) e direcionamento (de frente ou de costas) (Amorim, Eltink, Vitoria, Almeida, & Rossetti-Ferreira, 2004) dependia, dentre outros, de fatores ligados à criança (idade, doença), condição do ambiente (temperatura do dia) e disponibilidade da cuidadora,

fortemente atrelados à concepção de cuidado da funcionária presente naquele turno. A depender de onde estavam as crianças mais velhas ou onde bebês fossem colocados, os bebês podiam ficar muito tempo sem estabelecer qualquer interação, rompendo-se a lógica de que o desenvolvimento não ocorre pelo indivíduo de forma isolada, mas na interação e relação, em contextos culturalmente organizados (Rossetti-Ferreira; Amorim; & Silva, 2004). No caso da instituição de acolhimento, análise dos casos evidencia que, no funcionamento da instituição, ainda há um circunscritor histórico que se atualiza, que é a prática de que os bebês ficam preferencialmente em berços. O estilo institucional de cuidar continua ainda fortemente presente, a despeito de inúmeras mudanças nesse campo, como afirmam Groark e McCall (2011).

Tais fatos vão de encontro com o que Rossetti-Ferreira, et al., (2011) defendem, de que é necessário se pensar em novos arranjos estruturais e relacionais, para que sejam viabilizadas formas de melhor acolher e possibilitar processos desenvolvimentais mais ricos aos bebês.

Cavalcante e Costa (2012) também defendem posições semelhantes às acima, no que concerne a organização dos espaços de acolhimento, as autoras pontuando que se combinassem os arranjos e a organização espacial, isso seria significativo na maior ocorrência de interações das crianças e em comportamentos que objetivassem promover o bem-estar do outro, nas relações infantis.

Nesse sentido, considerando a ocorrência dessas interações, Carvalho (2011, p.156) discute a importância de a criança exercer movimentos livres, coordenados nos espaços para que possa melhor se desenvolver, pois assim, "ela experimenta seu corpo no espaço e conhece o espaço através de seu corpo". A autora ainda apresenta uma série de orientações para que esses espaços facilitem os processos de desenvolvimento de bebês.

Tais possibilidades são discutidas por Costa (2016) que, ao analisar processos interativos de bebês em creche, afirmam que os parceiros de interação são potentes participantes de processos de desenvolvimento na relação com os pares. No cotidiano do ambiente, inclusive devido à sua imaturidade motora, em seus encontros, são colocados desafios não presentes na relação com o adulto, exigindo dos bebês novos recursos motores, locomotores e expressivos. Conforme as autoras apontam, isso mostra a importância de se repensar e promover, seja de maneira direta ou mediada, maneiras de favorecer esses contatos das crianças entre si.

Com relação aos parceiros de interação, a literatura também aponta que interações de irmãos são mais intensas, prolongadas e afetuosas (Carreño e Avilla, 2002). Nesse sentido, foi

possível perceber um grande número de interações co-reguladas e carregadas de afeto na relação de Luna com Caio. A despeito disso, crianças mesmo sem grau de parentesco, como no caso de Ana, mas que compartilham de vivências significativas, também podem vir constituir, nesse histórico, suas relações umas com as outras. No caso de Ana, especialmente Joana, Henrique e Luna, mostraram-se significativos parceiros interativos na instituição, estabelecendo com eles trocas sociais e afetivas.

No que se refere aos **cuidados** nas interações de crianças e bebês e entre os bebês, chamou a atenção, que no conjunto das videogravações de Ana e Caio, as interações se mostraram mais co-reguladas. As interações reguladas, embora menos frequentes, foram vistas não só quando os bebês estavam mais isolados, mas também em momentos em que os bebês eram cuidados pelos seus parceiros de interação. Nessas situações, por vezes, os bebês olhavam ou emitiam algum sinal expressivo, apesar de que os parceiros, preocupados com o bebê (como em tirar algum objeto da boca, em arrumar a manta, etc), não pareciam perceber as expressões ou a elas não correspondiam.

No que tange a cada bebê, verificou-se que ocorreram aproximações e diferenças na maneira com que os cuidados foram ofertados. Os jeitos de cuidar variavam conforme o parceiro e sofriam nuances em termos de quantidade ou na orientação dos cuidados ofertados - se por atenção, solicitude ou preocupação/tensão.

Sobre os cuidados dirigidos a Ana e por Ana, muitos foram os parceiros que cuidaram dela, apesar de não terem qualquer parentesco. Os parceiros de cuidados eram de ambos os sexos e tinham em média entre 05 e 08 anos de idade. Parceiros como Joana, Henrique, e Luna foram os que mais interagiram com ela, ofertando diversos tipos de cuidados. Mas, foram Joana e Henrique os únicos a demonstrarem todas as nuances de cuidados na relação com Ana, integrando em suas ações, a atenção, solicitude e preocupação em protegê-la de perigos.

No geral, nos episódios de Ana, os cuidados ocorreram, em sua grande maioria, em tempos menores do que um minuto. Particularmente, Joana e Henrique foram os parceiros que estiveram mais envolvidos nos episódios em que as interações de cuidado ultrapassavam a um minuto de interação, mostrando como eram responsivos a Ana, dada sua aproximação e à frequência das práticas de cuidado recorrentes no atendimento às suas necessidades.

De maneira geral, a *atenção* foi dirigida a Ana quando ela estava sozinha, e isso apareceu envolvendo todas as crianças que dela cuidaram, com destaque aos episódios de interação com Henrique (08 anos). Este dirigia a atenção a Ana, as interações com ela se estabelecendo através de chamar pelo nome; cantar e dançar para ela; conversar, sorrir e

brincar com ela; imitar, tocar e ofertar brinquedo, sendo essa forma de cuidar, também comum a algum dos outros parceiros.

Dentro desse tipo de cuidado dirigido ela, foram frequentes práticas como se lançar ao chão e engatinhar com ela, dar apoio ao andar, expressar-se através de formas carinhosas na maneira de se dirigirem a ela (abraços, beijos, toques carinhosos nas mãos, na barriga), usando inclusive o "baby-talk"(Lordelo e Carvalho, 1999). Ainda, apareceram de forma recorrente práticas de substituir brinquedos e consolá-la enquanto faziam isso, troca de olhares envolvendo face a face, pegar no colo, balançar, jogar para cima, nomear situações e objetos, oferecer cadeira para o bebê sentar, nivelamento do corpo, leituras para o bebê, quando da atenção a Ana.

O cuidado mediante *solicitude* ocorria quando o bebê apresentava expressões que eram interpretadas pelos pares como querendo ou precisando de algo, como quando se expressava por meio do olhar, sorrisos, vocalizações e choramingos dirigidos a algum parceiro; ou, intensificando vocalizações ou choramingos, quando não tinha nenhum parceiro por perto, evidenciando modo particular do bebê se expressar. Resultado disso é que as crianças (Joana, Henrique e Luna) se dirigiam a ela, no sentido de verificar o que estava ocorrendo, dispenderam cuidados.

Em decorrência de choramingos, as demais crianças buscavam interpretar e significar o que Ana precisava - "Você não tá legal" ou "Você não tá feliz? Mas vai ficaaaar!" -, passando a realizar ações diversas de cuidado. Ou, a soltavam, caso interpretassem que era porque ela não queria muito contato corporal, passando a ter outras ações como dar objetos ou carinhos. Ainda, em situações como de queda, levavam ao encorajamento dado por essas crianças, no sentido de ela se levantar e voltar a andar.

Tais ações foram observadas como realizadas inclusive por Ana (12 meses) na interação com Caio (05 meses), quando os cuidados foram vistos pela primeira vez. Com diferença de sete meses de idade em relação a Caio, Ana buscava realizar cuidados na relação com Caio, parecendo reconhecer de alguma maneira a outra criança, sendo solidária a ele. Em virtude de choramingos de Caio, ele atraía o olhar de Ana, que vocalizava para ele, ia em sua direção, sorria e batia as mãos delicadamente na barriga dele, tocava seus pés. Ana vocalizava, apontava e ia em direção a Caio e sorria para ele, além de ofertar alimento e chupeta.

Cuidados que envolviam preocupação/*tensão* apareceram de maneira mais frequente em parceiros como Joana, Luna e Henrique e menos frequente em parceiros como Lucas. Essas crianças se mostraram preocupadas, aflitas e saíram em defesa de Ana, em momentos

em que alguém queria tomar brinquedos dela; ou quando estes agiam de forma desajeitada na lide com o bebê, como ocorreu na relação de Joana com Lucas - "Voce tá doido? Ela não é boneca não!"; ou ainda, quando Luna e Henrique falavam "Solta ela!", para que as demais crianças não machucassem Ana. A tensão se expressava por meio do tom da voz ao explicar o que podia ou não fazer; ou quando havia um perigo iminente.

Sobre os cuidados dirigidos a Caio, ele fora cuidado por outras crianças, de ambos os sexos, sendo estas Rui, Iam, Lucas, Ester e a própria Ana. No entanto, foi sua irmã Luna, de 05 anos, quem lhe dedicou maior número de interações e cuidados; foi ainda na relação com ela que se viu todas as três formas de cuidado aqui discutidas sendo efetivadas, envolvendo atenção, solicitude e preocupação/tensão (proteção diante de perigos).

Os episódios de cuidados ocorreram, em sua grande maioria, em tempos menores do que um minuto, sendo que, Luna esteve presente, de maneira predominante nos episódios em que as interações de cuidado eram tanto menores como ultrapassavam a um minuto de interação. Apenas no terceiro mês de videogravação é que Caio foi visto com outras crianças - como Joana, Ana, Iam e Ester - interagindo com ele, por mais do que um minuto, quando havia engajamento na oferta de cuidados a ele.

Luna aparece de maneira expressiva se dirigindo a Caio em muitos momentos em que o bebê esteve sozinho, sendo este o contexto de cuidados que mais ocorreu envolvendo as várias crianças (Joana e Ana), sendo menos expressiva na relação dele com os meninos (inclusive seu irmão).

Luna dirigia a *atenção* a Caio de maneira íntima, com movimentos diferenciados, em comparação aos demais parceiros. Além de cuidados mais comuns ofertados pelas crianças (como cantar, dançar, conversar, etc), quando Caio estava sozinho, apresentavam-se trocas afetivas através do jeito de falar, dos toques carinhosos, em situações de cuidado, que combinava ação com gesto de carinho.

Tais ações de atenção, particularmente as realizadas por Luna, mostravam grande complexidade, se considerarmos que se trata de uma criança de tão tenra idade (05 anos). Nesse sentido, em seus cuidados, ela conversava com Caio, falando de suas conquistas, para ele e para as pessoas ao redor, mencionando coisas acerca do seu desenvolvimento. Ainda, realizava oferta cuidadosa de alimentos, nomeando objetos e situações. Também, substituía brinquedos, quando retirava algum de suas mãos; e, às vezes, caso sua ação se desse de modo meio desajeitado, ela pedia desculpas para ele, mostrando na relação com o irmão, sensibilidade no cuidado para com ele.

A substituição de objetos por outros era algo que acontecia não somente com Caio, mas fora visto também em ocorrências de cuidados dirigidos a Ana. Essa prática de substituir objetos quando se tirava algo das mãos do bebê foi considerada como algo que envolveu muita perspicácia de risco associada à delicadeza de busca de bem-estar do bebê.

Os cuidados envolvendo *solicitude* nas interações das crianças com Caio, ocorriam quando em decorrência de choramingos ou outras expressividades de Caio, como levantar os braços, emitir vocalizações, dentre outros. Nessas situações, as crianças se dirigiram a ele, no sentido de verificar e interpretar o que estava ocorrendo, ambos os irmãos de Caio (Luna e Iam) sendo os mais solícitos.

Em decorrência de choro e choramingo, Luna ia imediatamente em direção a Caio, interpretava o que ele queria e, às vezes, até verbalizava a necessidade dele para quem estava perto e para ele próprio. Assim, se ela entendia que ele estava com fome, ela conversava com ele e lhe ofertava-lhe alimentos; ou dava-lhe brinquedos, ajeitava sua roupa, ajeitava seu corpo, tentando acalmá-lo com carinho. O irmão Iam, em decorrência de choramingo, também ia em direção a ele, chegando a lhe ofertar a chupeta.

À análise, chamou atenção, a sensibilidade inclusive dirigida por pares bebês. Nesse sentido, Ana vocalizava, apontava, ia em direção a Caio e sorria para ele; ofertava alimento, quando ele manifestava choro ou lhe entregava a chupeta, apenas mediado pelo olhar de Caio, face a face, como fizeram Ana e Ester.

Ainda com relação aos cuidados dirigidos a Caio, as crianças manifestaram mais *preocupação/tensão* na tentativa de oferecer soluções para garantir sua proteção, fazendo busca, em última instância, da ajuda de cuidadoras. Crianças que cuidaram de Caio, tiravam pedaços de papel da boca do bebê; fechavam seu cinto de segurança; conversavam com ele, explicando o que se podia ou não fazer para não se machucar, dentre outras coisas.

A existência de um grupo de crianças com idades diferentes pode apresentar grandes potencialidades para o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças mais novas e há estudos que mostram que crianças mais novas se impressionam com as crianças mais velhas e nas trocas recíprocas das interações, as crianças mais novas podem cooperar, vocalizar e imitar mais, na interação com as mais velhas, além de aprender o que, sozinhas ou com crianças da mesma idade, não seriam capazes, adiantando o seu desenvolvimento (Arezes & Colaço, 2014).

A criança, nesse sentido, adquire habilidades comunicativas, regula aspectos emocionais, desenvolve autonomia (Arezes & Colaço, 2014; Carvalho, 2000), pela vivência significativa dada nas relações entre parceiros de mesma idade ou próxima. Pode-se dizer que,

na situação, acima de tudo, contribuem para promover um sentimento de segurança e de instituírem relação que vão constituindo a todos como parte de um grupo que as integra no mundo social.

Frisa-se ainda, aspectos relacionados ao gênero, como importante nos achados dessa pesquisa. Pela literatura disponível, é comum verificar, que os cuidados parecem ser mais viabilizados por crianças do sexo feminino, sendo estas, às vezes, as irmãs mais velhas (Baia-Silva, 2006; Lordelo & Carvalho,1998). Hipótese é de que essa prática mais fortemente ligada ao sexo está presente na vida da criança desde a tenra idade, enraizada em ideias de gênero presente na cultura, em que a mulher é a figura central ao cuidado. Embora isso tenha aparecido nesse estudo, foi verificado também a presença de vários meninos, nas interações e desempenhando práticas de cuidado implicadas com o real bem-estar dos bebês.

A exemplo disso, Lordelo e Carvalho (1998), afirmam por exemplo que o registro peculiar da fala, com entonações geralmente exageradas e cheias de afeto, chamado por elas de "*baby – talk*" ou o conhecido por "manhês" é geralmente encontrado em meninas nas interações com crianças mais novas. Os dados do presente trabalho evidenciam que esse modo de falar ao bebê aparece em quantidade expressiva de momentos em que a menina fala com o bebê. No entanto, destaca-se aqui o fato de que também os meninos se comunicavam com ambos os bebês utilizando-se do "*baby-talk*". Essas práticas viabilizadas por meninos tinham ainda caracterizações semelhantes às das meninas, na qualidade afetiva dirigida em suas interações com os bebês.

Outro aspecto de destaque nos estudos de caso conduzidos é que mostrou-se mais visível o cuidado dos meninos dirigidos à Ana, do que a Caio. Hipótese é de que tal diferença se daria pela particularidade de Ana, que apresentava maior expressividade nas trocas interativas com as outras crianças, em comparação com Caio, que era uma criança mais quieta. Certamente, outros elementos interacionais/contextuais entram no dialogismo das relações das crianças com Ana e Caio. Mas, para compreender isso, outros processos de análise precisariam ser realizados, saindo do escopo dessa tese.

Ao se considerar os pares de irmãos, pressupõe-se que, uma vez que essas crianças trazem consigo uma história de interações pregressas, em que existe um conhecimento prévio e mútuo do outro, de maneira mais próxima, os processos interativos são circunscritos e reatualizados na nova situação. A isso se refere ao fato de que a confiança e intimidade dificilmente podem ser atribuídos a interações isoladas (Carvalho, 2000) e que essas relações podem ser construídas dentro de uma instituição de acolhimento ou podem estar presentes, particularmente - mas não unicamente - no caso de irmãos.

Carvalho (2000) e Cavalcante (2008) discutem que essas relações das quais se pode ver comportamentos de cuidados nas interações infantis são importantes para o desenvolvimento social das crianças, pois trazem refinamento nas habilidades sociais, especialmente em crianças que vivem em instituições de acolhimento. Cavalcante salienta ainda que a criança encontra nessas relações, apoio para superar o distanciamento da família e as situações de enfrentamento dentro de uma instituição de acolhimento.

Assim, a atenção, o consolo, o entretenimento, a ajuda à outra criança em situação de acolhimento, tão presentes nesses achados com ambos os bebês "enseja a construção de relações sócio-afetivas com certo nível de estabilidade pela criança, ou pelo menos, alivia a angústia gerada pela ausência de um adulto disponível nessas trocas" (Cavalcante, 2008, p.106).

Cuidados nas interações das crianças, como por exemplo, tirar o bebê do berço, em virtude de choro ou choramingo, para acolhê-lo e brincar com ele, se mostraram eficientes na mediação de processos interativos do bebê. Ao ser retirado do berço por uma criança, sem nenhuma solicitação de adultos, aliás, estes alienados desses feitos, faziam com que o bebê tivesse mais condições de, a partir dali, estabelecer novas interações, podendo usufruir ainda de maior autonomia na exploração de espaços por meio da locomoção (quando presente na criança) e do contato social e afetivo com outras crianças.

A brincadeira também tem sido enfatizada como algo que traz benefícios às crianças, já que por meio dessas atividades, parece haver uma minimização e mesmo uma elaboração do sentimento de tristeza provocado pelos múltiplos rompimentos vividos (Alexandre & Viera, 2004; Cavalcante, 2008). Nos casos analisados, é possível ver que as crianças promoviam ou se inseriam em brincadeiras, em alguns momentos nos quais cuidavam ou eram cuidadas, resultando que através das tramas afetivas do brincar, tecia-se um modo de se apoiarem.

Os parceiros que cuidaram dos bebês eram parceiros visivelmente mais afetivos nas interações com os bebês, em comparação com os demais, que cuidaram menos. Diante disso, era significativa a proporção das interações dessas crianças com o bebê, envolvendo cuidados viabilizados pela atenção, solicitude e preocupação/tensão, das quais ainda se ressaltava mais cuidados por atenção e solicitude.

Nas interações dos quais essa afetividade estava presente, verificou-se, no caso de Ana, exemplo de transformação na relação: se inicialmente as interações pareciam um pouco irritantes para Ana, como no primeiro mês de videogravação, elas passaram a ser até mesmo requisitadas pelo bebê. No último mês, Ana demonstrava - em relação à Joana -

comportamentos semelhantes aos descritos como tipicamente de apego (Bowlby, 1969/1990; Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978), indicando, a construção de uma relação diferenciada entre o bebê e a outra criança.

Em situações em que os perigos eram iminentes, houve tensões das crianças mais velhas, na antecipação de perigos aos bebês, agindo imediatamente para transformar a situação, ao se colocar diante dos bebês, ou retirando-os de determinado lugar considerado pelo par como oferecendo risco de acidente.

Tais cuidados pareciam estar visivelmente relacionados à empatia com que as crianças demonstraram (Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012). Sobre este tema, Hoffman (1984) discute duas formas distintas de compreender uma pessoa a partir da perspectiva dela, que se resume em componentes emocionais (capacidade de sentir o que o outro sente) e cognitivos (capacidade de compreender a situação na perspectiva do outro).

Falcone (1999) vai discutir ainda o componente comportamental, que seria a habilidade de expressar a compreensão e o reconhecimento para com os sentimentos e pensamentos do outro. De acordo com Justo, Carvalho e Kristensen (2014), duas são as características no modo de agir empático. Por um lado, sensibilizado com o outro, o indivíduo ajuda o outro no alívio do que é desconfortável; e, por outro lado, ao presenciar o desconforto do outro, há um sofrimento pessoal por meio do qual o sujeito tende a elaborar formas de aliviar o próprio sofrimento.

No presente estudo, nesse contexto específico, aparentemente, as crianças se dirigiam aos bebês de modo a aliviar o sofrimento do outro, com o intuito de sanar as necessidades e promover um bem-estar genuíno aos bebês.

Nesse sentido, quando a criança adota o papel do outro como referência (Bianchini; Gomes, 2018) ou se coloca no lugar do outro, através de uma compreensão da perspectiva do outro (Krznaric, 2015), constrói-se uma relação afetiva com o outro, por meio da empatia. Como Bussab (1997) aponta, quando se consegue focalizar o outro, mesmo a despeito da sensação de ansiedade que é gerada em si por causa de determinada situação, pode-se dizer que o cuidado assim preconizado é potencializado, havendo preocupação com o outro, correlacionando-se com o aumento de empatia (Strayer e Schroeder, 1989) citado por Bussab (1997). Com isso, promove-se a construção de habilidades sócio-afetivas e de comportamentos pró-sociais.

Nesse estudo, em particular, no que concerne às diferenças de idade das crianças mais velhas, com os dois bebês estudados, variavam em média de dois a 13 anos. Tal fato entra em contradição com a prerrogativa de que demonstrações de cuidado só ocorrem com crianças

após cinco-seis anos de díade (Amorim, Anjos & Rossetti-Ferreira, 2012); ou que tenham pelo menos quatro anos de diferença entre criança mais velha e mais nova, como variável possível de que um possa assumir a perspectiva do outro e, com isso, possa emergir um comportamento de cuidado, como defendido por Cicirelli (1973, apud Lordelo & Carvalho, 1998).

No que tange aos cuidados considerados empáticos bebê e bebê (entre Ana e Caio), a contraposição discutida acima se acirra, tais achados estando em consonância com os estudos de Bussab (1997), Bussab, Carvalho e Pedrosa (2007) e Amorim, Anjos e Rossetti-Ferreira (2012), em que as autoras apontam a indícios de comportamentos pró-sociais e de padrões empáticos mesmo em bebês.

Independente de diferenças de idade nessas interações, é possível perceber que entre bebês ocorreram interações com cuidados e trocas afetivas. Carvalho (2000) sugere que as diferenças de idade que sejam maiores que 24 meses podem vir a favorecer a ocorrência de cuidados, mas isso não quer dizer que não aconteça antes e de modos diversificados, a depender do contexto.

Com relação, mais especificamente à relação dos irmãos Luna e Caio, entende-se tratar-se de crianças que já tinha uma relação vincular antes mesmo de entrar na instituição de acolhimento. Nesse sentido, pode-se pensar na proposição de Bowlby (1969/1990) que chama de figura de apego subsidiária, aquela que assume cuidados do outro. Quando um irmão assume o cuidado de outro, mantendo um contato mais prolongado e diário na oferta de cuidados em situações de afastamento definitivo ou não dos familiares, ele cumpre papel importante no desenvolvimento social e afetivo do outro (Cavalcante, 2008). No caso de acolhimento de crianças tão pequenas, apartadas dos seus pais e demais familiares, a relação afetiva entre irmãos deve ser preservada nesses espaços, como forma mesma de organização institucional.

Quando uma figura passa a se constituir como de apego, como capaz de ofertar confiança e segurança para exploração do ambiente, e que isso ocorre independente de sexo ou idade; ainda, quando essas pessoas/figuras acabam por ser cruciais para o desenvolvimento das crianças mais novas, tendo papel constitutivo no processo de socialização e de inserção na cultura, entende-se como se devendo, especialmente no caso de irmãos, mantê-los juntos, particularmente nessa situação acolhimento institucional (Alexandre e Vieira, 2004; Carreño e Avilla, 2002).

No empreendimento dessas análises, o que se viu é que as crianças demonstravam explicitamente que via/enxergavam os bebês, que os incluíam, que os compreendiam como

necessitados de algum cuidado, fazendo algo por eles. Assim, os cuidados foram mais modulados por Preocupação, naquilo que envolveu atenção, solicitude e preocupação/tensão no sentido de proteger o bebê de perigos. O mesmo foi visto na interação de bebês, ainda que isso apenas caracterizasse em suas trocas, os prenúncios de um cuidado ao outro.

O cuidado por Ocupação esteve pouco presente nas interações e relações das crianças com os bebês, aparecendo quando as crianças mais velhas atendiam às solicitações feitas pelas cuidadoras no sentido de ofertar ou fazer algo pelo bebê, como: ajeitar a manta, ofertar alimento, tirar algo da boca do bebê ou pegar o bebê que saiu engatinhando para outro cômodo.

Ainda, ocupados com a tarefa solicitada pela cuidadora, foi possível ver evidências de que o cuidado como tarefa, pode também ser uma tarefa com traços de preocupação com o outro. A exemplo disso, uma criança que cumpriu a tarefa de retirar o papel da boca do bebê, não só retirou o papel como, sem nenhuma solicitação do adulto, substituiu-o por um brinquedo, o que evidencia, como dito, a presença de empatia da criança no cuidado ao bebê.

Importante observar que todos esses circunscritores que participaram das interações e dos cuidados das crianças com os bebês estiveram relacionados ao panorama dado pelos horários em que as videogravações foram realizadas. A isso se associam os horários de chegada das crianças de creches e escolas. A plasticidade, adaptabilidade e competência das crianças são vistas dentro de uma situação específica, tanto que, com a oportunidade de videogravar em outros horários, foram observadas diferenças, ou seja, os bebês ficavam mais sozinhos, ora quietos ora muito inquietos em seus berços, às vezes, sem nenhum adulto ou criança para interagir. Não se sabe precisar as condições ou o tempo em que ficavam sozinhos, antes das gravações.

Por fim, nesse estudo, o uso das categorias de cuidado, inspiradas em Heidegger tiveram sentidos diferentes, dos quais abarcam a afetividade, a empatia e o cuidado mais corpóreo nas interações de crianças. No entanto, como dito na introdução, entende-se que Heidegger se desliga da ideia de empatia, afetos, corpo, interpessoalidade e intersubjetividade (Habes, 2008). Para aprofundamentos filosóficos que englobem uma continuação nas buscas dessa construção de sentidos do cuidado de crianças, talvez seja interessante explorar outros filósofos/concepções (como Merleau-Ponty) que abordem aspectos afetivos, empatia, vínculos, aspectos da intercoporeidade, co-corporeidade, e até mesmo, o amor (R. Furlan, comunicação pessoal, 31 de maio de 2019).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa verificou e apresentou um enorme conjunto de interações de crianças, dentre elas, envolvendo práticas de cuidados com bebês. Isso permite considerar que, a despeito do inerente sofrimento e das inúmeras dificuldades vividas nos espaços de acolhimento, em suas rotinas diárias, as interações de crianças com os pares podem contribuir para promover um amplo leque de aspectos do desenvolvimento das crianças. A possibilidade de uma organização institucional que garanta a possibilidade interacional contribuirá para que se efetivem trocas sociais entre as crianças e, nesse contexto situado, trocas afetivas significativas poderão estar presentes nas interações de crianças, particularmente delas com bebês.

A ocorrência de interações envolvendo práticas de cuidados de crianças com bebês e entre bebês mostraram que as crianças, especialmente as mais velhas se preocupam com as crianças mais novas, e dispensam diversos modos de cuidar dos bebês.

As interações mostraram que crianças mais velhas são responsivas com crianças mais novas e com os bebês acolhidos, evidenciando comportamentos pró-sociais dessas crianças, empatia e relações afetivas intensas, especialmente na relação entre irmãos, mostrando como espaços de acolhimentos também podem e devem ser promotores de desenvolvimento, em condições das quais interações de crianças podem ofertar segurança, proteção, apoio (Siqueira, 2006), além de benefícios para as crianças (Bianchin; Gomes, 2018)

No que tange aos cuidados envolvendo parentesco, incluiu-se a presença de cuidado entre irmãos e a isso corrobora-se o fato de reforçar o não desmembramento de irmãos, seja na rotina diária da instituição ou em virtude de encaminhamentos para família acolhedora ou adoção, como defende o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Ainda que esses elementos sejam considerados, ressalta-se o fato de que os ambientes nessas instituições precisam ser repensados de modo que se favoreça o contato das crianças com os bebês, já que estes foram vistos em muitos momentos, isolados e sozinhos em ambientes, apartados das demais crianças.

Nesse sentido, faz-se importante pensar a implementação de políticas públicas no que concerne à organização dos espaços da instituição de acolhimento de maneira que favoreça a ocorrência de interações dos bebês com outras crianças e a construção de roteiros detalhados de observação, com base em pesquisas nacionais realizadas, com o refinamento desse olhar contextualizado para os locais, arranjos espaciais que facilitam as interações de crianças e reforcem os cuidados nas interações e relações dos adultos com as crianças, sobretudo

envolvendo bebês. Instrumentos assim podem ser importantes para a atuação da equipe técnica e funcional das instituições de acolhimento, bem como da observação e avaliação de diferentes profissionais que trabalham em parceria nessa rede de proteção à criança e adolescente acolhido.

O estudo mostrou não a ausência de relação afetiva entre o adulto cuidador e os bebês, mas um certo distanciamento e cautela na execução das funções para que não se pegasse no colo ou não se vinculasse emocionalmente a eles, com a justificativa de que isso poderia se produzir "manha" nos bebês. Essa noção era imposta pela própria maneira de gerir a instituição. Nesse sentido, é importante que os gestores, equipe técnica e cuidadores repensem suas práticas nos cuidados ofertados às crianças, sobretudo, os bebês e promovam cuidados para além dos básicos (da alimentação e higiene) nesses contextos, possibilitando a construção de relações afetivas e vínculos na relação com estes, ações imprescindíveis para o cuidado integral e o avanço nos aspectos que tangem ao desenvolvimento infantil.

Embora as crianças tenham se mostrado bastante afetivas e cuidadosas com relação ao bem-estar dos bebês e outras crianças, tais processos devendo ser promovidos na organização de instituições de acolhimento, entende-se e reforça-se aqui que as crianças acolhidas não se fazem substitutas dos adultos nos cuidados cotidianos, em situações de saúde ou outras situações que lhes exija. O adulto é o medidador central e indispensável na oferta do afeto e do cuidado aos bebês e às demais crianças, em suas diferentes dimensões das tarefas realizadas. Nesse sentido, programas de formação aos cuidadores devem ser expandidos para que a qualidade de atendimento e o papel de mediação possa ser mais amplamente explicitado e conduzido (Moura & Amorim, 2018).

Espera-se que esse estudo possa servir de inspiração para que outros estudos possam ser efetivados e melhor aprofundados, no que concerne aos processos interativos envolvendo crianças e bebês em situação de acolhimento, abarcando questões referentes ao gênero, ao cuidado como possível desencadeador nos processos interativos de bebês, ao desenvolvimento de empatia na interação de bebês / crianças acolhidas, ou mesmo, no desenvolvimento no planejamento pedagógico para construção de espaços promotores das interação das crianças, bem como no reforço das trocas afetivas e sociais de adultos nos cuidados aos bebês.

9 REFERÊNCIAS[28]

Ainsworth , M.D.S.; Blehar, M.C.; Waters, E. & Wall, S. (1978). Patterns of Attachment. *New Jersey*: Lawrence Erlbaun Associates.

Alexandre, D.T., & Vieira, M.L. (2004). Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo. *Psicologia em Estudo*, *9* (2), 207-217.

Almeida, I.G. (2014). *Processo de recepção e acolhida da criança em instituições de acolhimento: proteção e/ou (re) vitimização?* Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Brasil.

Almeida, R. S (2008). O cuidado na primeira seção de Ser e Tempo. *Existência e Arte-Revista Eletrônica do Grupo PET* - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano IV - Número IV – janeiro a dezembro.

Altoé, S. (2008). *Infância perdida*. O cotidiano nos internatos-prisão. Rio de Janeiro. Centro edelstein de pesquisas sociais.

Altoé, S., Silva, M., Pinheiro, B.S (2011) A inconstância dos laços afetivos na vida das crianças e adolescentes abrigados. *Revista psicologia política*; *11*(21)*:* 109-122.

Amorim, K. S. (2012) Processos de significação no primeiro ano de vida. Psicologia: *Teoria e Pesquisa*. [online]. vol.28, n.1, pp. 45-53.

Amorim, K. S. (2012). *Linguagem, comunicação e significação em bebês.* Tese (livre-docência). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ribeirão Preto, SP. Brasil.

Amorim, K. S., Anjos, A. M., Rossetti-Ferreira, M. C (2012) Processos interativos de bebês em creche. Psicologia: *Reflexão e Crítica*. [online]. vol.25, n.2, pp. 378-389.

Amorim, K. S, Rossetti - Ferreira, M.C (2008) Dialogismo e a investigação de processos desenvolvimentais humanos. *Paidéia* (Ribeirão Preto) [online]. vol.18, n.40, pp. 235-250. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000200003.

Amorim, K.S., Eltink, C., Vitoria, T., Almeida, L. S & Rossetti-Ferreira, C. (2004). Processo de adaptação de bebês a creche. In: Rossetti-Ferreira, M.C., Amorim, K. S., Silva, A.P.S., & Carvalho, A. M. A. *Redes de significação e o estudo do desenvolvimento humano*. São Paulo, SP: Artmed.

[28] De acordo com o estilo APA *(American Psychological Association)*

Anaf, C., Patrício, I., Magalhães, G., Policelli, R., Ferreira, R., Carmargo, V. (1998) Atendimento a crianças e adolescentes institucionalizados: reflexões sobre a vivencia institucional da família e do serviço de psicologia forense. *Psikhe*; *1*(3): 24-32, maio/nov.

Anaf, C., Paiva,D.A. (2000). Uma experiência numa instituição de abrigo. *Psikhe*; *5*(2): 52-57, jul.-dez.

Anjos, A. M., Amorim, K. S., Franchi e Vasconcelos, C. R., Rossetti-Ferreira, M. C. (2004). Interações de bebês em creche. *Estudos de psicologia*. (Natal) [online]. vol.9, n.3, pp. 513-522. Recuperado em http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300014.

Arpini, D. M. (2003) Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, *23*(1): 70-75. Recuperado em http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000100010

Arezes, M., Colaço, S. (2014). A interação e cooperação entre pares: uma prática em contexto de creche. In: *Interacções*, p. 110-137. Disponível em http://www.eses.pt/interaccoes.

Ayres, L. S. M, Coutinho, A. P. C., Sá, D. A. de; Albernaz, T. (2010). Abrigo e abrigados: construções e desconstruções de um estigma. *Estudos e pesquisas em Psicologia*. (Impr.); *10*(2): 420-433, ago. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812010000200009&lng=pt&tlng=pt.

Ayres, L. S. M., Cardoso, A. P., Pereira, L. C (2009). O abrigamento e as redes de proteção para a infância e a juventude. *Fractal revista de Psicol*ogia; *21*(1): 125-135, jan.-abr.

Azeredo, J. L (2017) Selbstorge – Cuidado de Si e Fürsorge – Preocupação a partir de Heidegger: Análise ontológica em relação a educação. In: *Revista Linguagem, Ensino e Educação.* Criciúma, v.1, março.

Azôr, A.M. G.C.C.V, Vectore, C. (2008). Abrigar/desabrigar: conhecendo o papel das famílias nesse processo. *Estudos de Psicologia*. Campinas, SP. *25*(1): 77-89.

Baia - Silva, S. D. (2006). *Diferenças de Gênero na interação entre irmãos em uma Comunidade Ribeirinha Amazônica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.

Barros, R. C, Fiamenghi, G. A. (2007). Interações afetivas de crianças abrigadas: um estudo etnográfico. *Ciência e saúde coletiva*. vol.12, n.5, pp. 1267-1276.

Barros, N. S., Naiff, L. A. M. (2015). Capacitação para educadores de abrigo de crianças e adolescentes: identificando representações sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia.* (Impr.); *15*(1): 240-259.

Bazon, M. R, Alvez, Z. M.M. B (2000). Avaliando a implementação de um modelo de atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco psicossocial. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano.*V.*1*(10): 61-73, jan./jun.

Bianchin, L. F., Gomes, K. M (2018). O desenvolvimento da empatia e vínculo afetivo em crianças e adolescentes abrigados. *Revista de Iniciação Científica*, UNESC, Criciúma, v. 16, n. 1.

Borrione, R., Chaves, M. (2004). Análise documental e contexto de desenvolvimento: estatutos de uma instituição de proteção à infância de Salvador, Bahia. *Estudos de psicologia.* (Campinas); *21*(2): 17-27, maio-ago.

Bowlby, J. (1969/1990). *Apego e Perda* (Apego, vol. I). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Brasil, Coordenadoria da Infância e juventude (2009). *Orientações técnicas*: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília- DF.

Brito, C. V., Souza, J. C. (2011). Qualidade de vida dos educadores sociais em abrigos de proteção a crianças e adolescentes. *Psicologia Teoria e Prática, 13*(1): 89-100, maio.

Bruner, J (1997). *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artes Médicas

Bruner, J. (1983). *Como as crianças aprendem a falar*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Bussab, V. S. R (1997). O desenvolvimento de comportamentos pró-sociais na criança: considerações sobre natureza dos fatores e processos envolvidos. *Temas Psicol.,* 3.

Bussab, V. S. R, Pedrosa, M. I., Carvalho, A. M. A. (2007). Encontros com o Outro: Empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. *Psicologia USP*, *18* (2), p.99-133.

Careta, D.S., Motta, I.F (2005). A consideração de aspectos ambientais na análise do procedimento de Desenhos-Histórias. *Mudanças*; 13(2): 320-342, jul-dez.

Carvalho, A. M. (2000). Fatores contextuais na emergência do comportamento de cuidado entre crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *13*(1), 81-88. https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000100010

Carvalho, M. C (2011) Por que as crianças gostam de áreas fechadas?. In: Rossetti-Ferreira...[et al.] *Os fazeres na Educação infantil* – São Paulo: Cortez: Ribeirão Preto

Carvalho, M. C, Meneghini, R. (2011) Estruturando a sala: interações na creche mudam dependendo da área espacial. In: Rossetti-Ferreira [et al.] *Os fazeres na Educação infantil* – São Paulo: Cortez: Ribeirão Preto

Carvalho, A.M.A. (1988). Algumas reflexões sobre o uso da categoria "interação social". In *Anais da XVIII Reunião Annual de Psicologia* (SPRP), 111-116. Ribeirão Preto, Brasil.

Carvalho, A. M. A., Império-Hamburger, A., Pedrosa, M. I. (1996) Interação, regulação e correlação no contexto do desenvolvimento humano: discussão conceitual e exemplos empíricos. SP: *Publicações*, IFUSP/ P n.1196, p.1-34.

Carvalho, C; & Vectore, C. (2008). Um olhar sobre o abrigamento: a importância dos vínculos em contexto de abrigo. In: *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e* Educacional *(ABRAPEE). 12*(2), 441-449

Cavalcante, L.I.C., Magalhães, C.M.C., Pontes, F.A.R (2007) Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. *Aletheia*; (25): 20-34, jan.-jun. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942007000100003&lng=pt&tlng=pt.

Cavalcante, L. I. C. (2008). *Ecologia do cuidado: interações entre a criança, o ambiente, os adultos e seus pares em instituição de Abrigo.* Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Teoria de Pesquisa do Comportamento, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

Cavalcante, L. I. C., Costa Silva, S. S., Magalhães, C. M. C. (2010) Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes. *Revista mal-estar e subjetividade*; *10*(4): 1147-1172, dez. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482010000400005&lng=pt&tlng=.

Cavalcante, L. I. C., Costa, L. N., Magalhães, C. M. C. (2012). Comportamento de cuidado entre irmãos em instituição de abrigo. *Psicol. Reflexão e crít*ica. *25*(1): 165-173.

Cavalcante, L. I. C., Magalhães, C. M. C., Reis, D. C. (2014). Análise comparativa do perfil de crianças em acolhimento institucional nos anos de 2004 e 2009. *Psico* (Porto Alegre); *45*(1): 90-99.

Carreño, C.M. & Avilla, S.C. (2002). El vínculo de apego entre hermanos: un estúdio exploratório com niños colombianos de estrato bajo. *Suma psicológica* 9, 107-132.

Carrilho, M. R. (2010). O cuidado como ser e o cuidado como agir. *ex æquo*, n.º 21, pp. 107-114.Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874556020100001000008&lng=pt&tlng=pt.

Castro, C., Czermak, R (2008). O olhar da psicologia no abrigo: uma cartografia. *Psicologia & Sociedade*, 01 December.Vol.*20*(3), pp.360-366

Cintra, A.L., Souza, M (2010) Institucionalização de crianças: leituras sobre a produção da exclusão infantil, da instituição de acolhimento e da prática de atendimento. *Revista subjetividades.* v.10. n.3.

Cohn, J. F., Tronick, E. Z. (1987) Mother-infant face-to-face interaction: the sequence of dyadic states at 3, 6, e 9 months. *Developmental Psychology*, Washington, v. *23*, n. 1, p. 68-77.

Conselho Nacional de Justiça (Cadastro Nacional de crianças acolhidas – CNCA, 2019), recuperado em http://www.cnj.jus.br/sistemas/infancia-e-juventude/20545-cadastro-nacional-de-criancas-acolhidas-cnca.

Costa, C. A. & Amorim, K.S (2018). A co-construção do fluxo locomotor em processos interativos bebê-bebê. *Psicologia em Pesquisa.* Vol 12, nº 3, p. 1-11.

Costa, C. A. & Amorim, K.S (2015). Abreviação em relações de bebês com seus pares de idade. Psicologia: *Teoria e Pesquisa* (UnB. Impresso), v.31,p. 15-23.

Costa, N. M. S (2016). *O desenvolvimento da locomoção em interações bebê-bebê no contexto de creche.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – Universidade de São Paulo: Ribeirão Preto. Brasil.

Coutinho, M. J., Sani, A. I. (2010). Casa abrigo: a solução ou o problema? *Psicologia: teoria e. pesquisa*; *26(*4): 633-641, out.-dez. 2010.

Chen, et. al. (2012).Psychological well-being of the institutionalized and community-residing oldest old in China: the role of children. *Soc Sci Med*; *75*(10): 1874-82.

Cruz, E. J. S. da; Dias, G. B., Pedroso, J. S. (2014). Estudo do "Ages and Stages Questionnaires" com cuidadores de crianças institucionalizadas. *Psico* USF; *19*(3): 411-420.

Cruz, E. J. S; Cavalcante, L. I. C; Pedroso, J. S. (2014). Inventário do Conhecimento do Desenvolvimento Infantil: estudo com mães de crianças em acolhimento institucional. *Revista da SPAGESP*; *15*(1): 49-63.

Disconsi, A. M., Cavedon, B. Z., Greff, B. P.,Chassot, C. Seibel; Galvão, C., Leães, M. L., Carvalho, M. G. (2013). Acompanhamento terapêutico: andanças pelo dentro e o fora da instituição. *Psicologia & Sociedade*; Vol. *25*(spe2): 65-72.

Duarte, A. V. M. (2014). Transtorno de apego reativo em crianças institucionalizadas. *História da Educação*, 01 May. Vol.*18*(43), pp.163-182

Falcone, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *1*(1), 23-32. Recuperado https://doi.org/10.31505/rbtcc.v1i1.267

Ferreira, A. B. H (2010). *Dicionário Aurélio da língua Portuguesa*. Editora: Positivo.

Ferreira, L. D. I. P. M. (2013). *Expressões emocionais de desprazer no primeiro ano de vida: manifestações e processos de transformação*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ribeirão Preto, SP. Brasil.

Fiamenghi J. G. A., Melani, R. H., Carvalho, S. G. (2012) Transtorno de apego reativo em crianças institucionalizadas. *Psicologia Argumento*; *30*(70): 431-439, jul.-set. tab.

Figueiró, M. E. S. S., Campos, H. R. (2013). Abandono e acolhimento institucional: estudo de caso sobre maioridade e desinstitucionalização. *Psicologia Argumento 31*(72): 113-125, jan.-mar.

Fonseca, S.C (2012) A interiorização da assistência à infância durante a primeira república: de São Paulo a Ribeirão Preto. *Educação em Revista*, 01 March 2012, Vol.*28*(1), pp.79-108.

Galheigo, S. M. (2003). O abrigo para crianças e adolescentes: considerações acerca do papel do terapeuta ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP***,** *14*(2), 85-94. Recuperado https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i2p85-94

Guedes, C. F; Scarcelli, I. R. (2014). Acolhimento institucional na assistência à infância: o cotidiano em questão. *Psicologia e Sociedade* (Online); vol. *26*(spe): 58-67.

Galvão, I. (2008). *Henri Wallon*: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Golin, G; Benetti, S. P. C; Donelli, T.M.S (2011). Um estudo sobre o acolhimento precoce inspirado no método Bick. *Psicologia em estudo.* [online]. Maringá. vol.16, n.4, pp. 561-569.

Groark, C. J., & McCall, R. B. (2011) Implementing changes in institutions to improve young children's development. *Infant Mental Health Journal*, *32*(5), 209-525

Haber, S. (2008) Une solicitude sans affects, Heidegger et la question du Fürsorge. In les affections sociales, dir: Frèdèric Brahami, Presses Universitaires de Franche – Comtè, p.243-268

Heidegger, M (2005). *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback (15ª ed) Universidade São Francisco: Vozes.

Hesbeen, W. (1997) *Prendre soin à l'hôpital: inscrire le soin infirmier dans une perpective soignante*. InterEdition: Masson.

Hoffman, M. L. (1984). Interaction of affect and cognition in empathy. In C. Izard, J. Kagan, & R. Zajonc (Eds.), *Emotions, cognition, and behavior* (pp. 103-131). New York: Cambridge University Press.

Inwood (2002), M. *Dicionário Heidegger*. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Júnior, M. K., Rocha, J. F. T. (2006). Educação no asilo dos expostos da Santa Casa em São Paulo: 1896-1950. *Cadernos de Pesquisa*, 01 December, Vol.*36* (129), pp.597-617

Justo, A. R., Carvalho, J. C. N, & Kristensen, C. H. (2014). Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, *15*(2), 510-523. Recuperado em 30 de janeiro de 2019, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000200014&lng=pt&tlng=pt.

Kaye, K., Fogel, A. (1980) The temporal structure of face-to-face communication between mothers and infants. *Developmental Psychology*, Washington, v. 16, p. 454-464.

Krznaric, R. (2015). *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo.* Tradução: de Maria Luisa X. A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar.

Lea E; Marlow A., Bramble M., Andrews S. Crisp E.,Eccleston C., Mason R., Robinson A. (2014). Learning opportunities in a residential aged care facility: the role of supported placements for first-year nursing students. *J Nurs Educ*; *53*(7): 410-4. Jul 1.

Lei n° 8.242, de 12 de outubro de 1991. (1991). Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Recuperado http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8242.htm

Lei n° 8.742, 07 de dezembro de 1993. (1993). Dispõe sobre organização da Assistência Social. Recuperado http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742compilado.htm*Lei nº*

10.869, 13 de maio de 2004 (2004). Alteração da Lei nº 10.683 (2003, de 28 de maio). Recuperado http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.869.htm

Lei n° 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Recuperado http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm

Lei n° 12.010, de 03 de agosto de 2009. (2009). Dispõe sobre Adoção. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm

Lima, S. C.C. (2012). O trabalho do cuidado: uma análise psicodinâmica. *Revista Psicologia, organizações e trabalho,* 12(2): 203-216. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198466572012000200006&lng=pt&tlng=.

Lordelo, E. R & Carvalho, A. M. A (1998). Creche como contexto de desenvolvimento: parcerias adulto – criança e criança – criança. *Temas em Psicologia*, 6 (2), 117-124. Recuperado em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1998000200004&lng=pt.

Lordelo, E. R., Carvalho, A. M. A (1999). Um estudo naturalístico do comportamento de cuidado entre crianças pré-escolares. *Biotemas* (UFSC), Florianópolis, SC, v. *12*, n. 1, p. 7-30.

Luvizaro, N. A., Galheigo, S. M (2011). Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo. *Revista De Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, *22*(2), 191-199. Recuperado em https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i2p191-199

Magalhães, C. M. C., Costa, L. N., Cavalcante, L. I. C. (2011). *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano.* [online]. 2011, vol.21, n.3, pp. 818-831.

Magalhães, M.J., Morais, Castro, Y. R. (2011) Organização e funcionamento duma casa de abrigo de solidariedade social. *Psicologia & Sociedade*. (Impr.); *23*(3): 598-607.

Malfitano, A. P. S., Silva, T.V (2014). Abrigo como medida de proteção para crianças e adolescentes: um levantamento bibliográfico PÓS-ECA . *Revista Terapia Ocupacional da USP*, 01 September.Vol.25(1), pp.94-100, recuperado https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v25i1p94-100

Magiolino, L. L. S (2010). *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski.* Tese (doutorado). Campinas, SP. Brasil.

Mattar, C. M (2005). *A Noção de cuidado em Heidegger e o estado estético em Kierkegaard: uma reflexão sobre os modos de relacionamento contemporâneo a luz da Psicologia fenomenológica-existencial*. Monografia de especialização em Instituto de Psicologia fenomenológica existencial. Rio de Janeiro. Brasil.

Mendes, D.M. L. F; Moura, M. L S (2009). Expressões faciais de emoção em bebê: importância e evidencias. *Estudos e pesquisas em Psicologia*. UERJ, *9*(2), 307-327. Recuperado http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a04.pdf

Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark & Manhães, A. C (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, *11* (3), 523-532.

Moura, G. G. A. & Amorim, K.S. (2018). Interações de bebês em acolhimento familiar e institucional: dois estudos exploratórios. *Psicologia em Estudo*, 23, 1-18.

Moura, G. G. (2017). *Interações e relações de bebês em contextos de acolhimento familiar e institucional* (Tese de Doutorado). FFCLRP. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Brasil.

Moura, G. G. A., & Amorim, K.S. (2013). A (in)visibilidade dos bebês na discussão sobre acolhimento institucional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, *18*(2), 235-245. Recuperado http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722013000200005.

Moura, G. G (2012). *Quem não pega, não se apega: o acolhimento institucional de bebês e as (im)possibilidades de construção de vínculos afetivos.* Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ribeirão Preto, SP. Brasil.

Nascimento, M. L. (2012) Abrigo, pobreza e negligência: percursos e judicialização. *Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte*, v.24, n. especial, p.39-44.

Nascimento, M. L., Coutinho, A. P. C., Sá, D. A. (2010) Análises de produções escritas sobre abrigos para crianças e adolescentes. *Pesquisa e práticas psicossociais*. São João del-Rei, *5*(1): 104-111, jan.-jul.

Nascimento, M. L., Lacaz, A. S., Travassos, M. (2010) Descompassos entre a lei e o cotidiano nos abrigos: percursos do ECA. *Aletheia*; (31): 16-25.

Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS (NOB-RH/SUAS) (2007). Recuperado http://www.assistenciasocial.al.gov.br/sala-de-imprensa/arquivos/NOB-RH.pdf*Norma Operacional Básica (NOB-SUAS)* (2005). Recuperado http://www.assistenciasocial.al. gov.br/sala-de-imprensa/arquivos/NOB-SUAS.pdf

Nogueira, P. C, Costa, L. F. (2005). A criança, a mãe social e o abrigo: limites e possibilidades. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*; *15*(3): 36-48, dez.

Nogueira, L., Bellini, L.M (2006). Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua? *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis. Out-Dez; *15*(4): 610-6.

Oliva, P.P. (2004). O desvendamento do real numa instituição de abrigo para crianças e adolescentes. *Revista Virtual Textos e Contextos*, *3* (1), 1-13.

Oliveira, A. P. G., Milnitsky-Sapiro, C. (2007). Políticas públicas para adolescentes em vulnerabilidade social: abrigo e provisoriedade. *Psicologia: ciência e profissão*, *27*(4), 623-635. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932007001200005&lng=pt&tlng=pt.

Orionte, I., Sousa, S.M.G (2005). O significado do abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista*, *11*(17), 29-46. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682005000100003&lng=pt&tlng=pt.

Orionte, I., Souza, S. M. G (2007).Viver em abrigo: com a palavra, a criança. *Pesquisa e práticas psicossociais*; *2*(1): 106-116, mar.-ago.

Pagliuso, L., Bairrão, J. F.M H. (2011). A etnopsicologia e o trabalho institucional em uma unidade de abrigo. *Revista da SPAGESP* [Internet]. 2011 Jun [citado 2019 Fev 26] 12(1):43-55. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677297020110001000006&lng=pt.

Pierotti, M., Levy, L., & Zornig, S. (2010). O manhês: costurando laços. Estilos Da Clínica. *Revista Sobre a Infância Com Problemas*, *15*(2), 420-433. Recuperado em https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v15i2p420-433

Pintasilgo, M.L. (n.d) (No date – nenhuma data). Os valores deste milénio – Base do manifesto 2000. Lisboa, *Arquivo MLP*, 0208.002, 34 fls

Pinto Júnior, A. A., Koehler, S. M. F. (2000). Violência doméstica: o uso de técnicas projetivas como instrumento diagnóstico em crianças vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Revista da vetor editora*; *1*(2): 22-27, abr.

Pinto, A. C. B, Lima, E. O, Costa, A. B. C. (2009). Um espaço para ser: sociopsicodrama em um abrigo para crianças. *Revista Brasileira de Psicodrama*, *17*(1), 137-154. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100010&lng=pt&tlng=pt.

Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006). Recuperado http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional_direitocriancas.pdf

Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (2004). Recuperado http://bibspi.planejamento.gov.br/bitstream/handle/123456789/1034/PNAS2004.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Prada, C. G., Weber, L. N. D. (2006). O abrigo: análise de relatos de crianças vítimas de violência doméstica que vivem em instituições. *Revista de Psicologia da UNESP*; *5*(1): 1-12.

Prada, C.G., Williams, L.C.A., Weber, L. N. D (2007) Abrigos para crianças vítimas de violência doméstica: funcionamento relatado pelas crianças e pelos dirigentes. *Psicologia: teoria e prática*, *9*(2), 14-25. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872007000200002&lng=pt&tlng=pt.

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Retirado do site: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf, acessado dia 17/09/14.

Rios, D.R (2010). *Grande dicionário unificado da língua portuguesa*. São Paulo: DCL.

Rodrigues, L. A (2007). *A constituição de sujeitos da linguagem, em bebês com e sem deficiência auditiva.* Iniciação Científica. (Graduando em Psicologia e Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Ribeirão Preto. Brasil.

Rosa, E.M, Nascimento, C.R.R., Matos, J.R (2012). O processo de desligamento de adolescentes em acolhimento institucional. *Estudos de Psicologia* (Natal), 01 December, Vol.*17*(3), pp.361-368

Rossetti-Ferreira, M.C., Amorim, K. S., Silva, A.P.S., & Carvalho, A. M. A. (2004). *Redes de significação e o estudo do desenvolvimento humano*. São Paulo, SP: Artmed.

Rossetti-Ferreira, M.C, Amorim, K., Silva, A.P.S, & Oliveira, Z.M.R. (2008). Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. *Caderno de pesquisa*, *38(*133), 147-170.

Rossetti-Ferreira, M. C., et al (2011). *Os fazeres na Educação infantil*. São Paulo: Cortez: Ribeirão Preto.

Rotondaro, D. P. (2002). Os desafios constantes de uma psicóloga no abrigo. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online] vol.22, n.3, pp.8-13. http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000300003.

Salina-Brandão, A., Williams, L. C. A. (2009). O abrigo como fator de risco ou proteção: avaliação institucional e indicadores de qualidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica; 22*(3): 334-352. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000300003.

Santana, J. P., Doninelli, T. M., Frosi, R. V., Koller, S. H (2004) Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia e Sociedade* (Impr.); *16*(2): 59-70, maio-ago.

Santos, K. D., Motta, I. F. (2014) O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. *Estudos de psicologia* (Campinas); *31*(4): 517-525. http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2014000400006.

Siqueira, A. C. (2006). *Instituições de abrigo, família e redes de apoio social e afetivo em transições ecológicas na adolescência*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil.

Siqueira, A. C., Dell'Aglio, D. D (2006) O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*. (Impr.); *18*(1): 71-80. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100010.

Siqueira, A.C., Kraemer, M.B., Dell'Aglio, D (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. *Revista interamericana de psicología Interamerican journal of psychology*, Vol.*40*(2), pp.149-158

Siqueira, A.C., Tubino, C., Schwarz, C., Dell'Aglio, D. D (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *61*(1), 176-190. Recuperado em 26 de fevereiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672009000100017&lng=pt&tlng=pt.

Siqueira, A. C., Zoltowski, A. P, Giordani, J.P., Otero, T.M., Dell'Aglio, D. D. (2010). Processo de reinserção familiar: estudo de casos de adolescentes que viveram em instituição de abrigo *Estudos de psicologia.* (Natal); *15*(1): 7-15. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2010000100002.

Siqueira, A. C., Massignan, L. T., Dell'Aglio, D. D. (2011). Reinserção familiar de adolescentes: processos malsucedidos. *Paidéia* (Ribeirão Preto); *21*(50): 383-391. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300011

Souza, C. M. L. & Batista, C. G. (2008). Interação entre crianças com necessidades especiais em contexto lúdico: possibilidades de desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *21*(3), 383-391. https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000300006

Tomás, D. N., Vectore, C. (2012). Perfil mediacional de mães sociais atuantes em instituição de acolhimento. *Psicologia: Ciência e Profissão* (Impresso), v. 32, p. 576-587. http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000300005.

Trivellato, A. J, Carvalho, C.,Vectore, C. (2013). Escuta afetiva: possibilidades de uso em contextos de acolhimento infantil. *Psicologia Escolar e. Educacional*. [online].vol.17, n.2, pp. 299-307.

Tinoco, V., & Franco, M. H. P. (2011). O luto em instituições de abrigamento de crianças. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *28*(4), 427-434. https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400003

Vasconcelos, Q. A., Yunes, M. A. M., Garcia, N. M. (2009). Um estudo ecológico sobre as interações da família com o abrigo. *Paidéia* (Ribeirão Preto); *19*(43): 221-229, maio-ago.

Waldow, V. R., Borges, R. F (2011). Cuidar e humanizar: relações e significados. In: *Acta Paul Enferm*;*24*(3):414-8.

Yin, R. K. (2001) *Estudo de caso*: *Planejamento e métodos.* Tradução: Daniel Grasse. 2ª edição. Porto Alegre. Bookman.

Zanella (et al) (2006). Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em Psicologia. *Interações*. XII (22), 11-38.

Zeller A., Müller M., Needham I., Dassen T., Kok G., Halfens RJ (2014) Dealing with aggressive behaviour in nursing homes: caregivers' use of recommended measures.*J Clin Nurs*; *23*(17-18): 2542-53,Sep.

APÊNDICE

Roteiro de Entrevistas (Funcionários da Casa de Acolhimento)

1. IDENTIFICAÇÃO
Nome: (iniciais)
Idade:
Escolaridade/profissão:
Estado civil:

2.Há quanto tempo você trabalha na instituição de acolhimento? Conte-me sobre sua história nesta instituição (Como e por quê veio trabalhar aqui?)
3. Qual é a sua função? Como é trabalhar nesta função?
- Como você percebe o trabalho? O que você sente realizando-o?
4. Como são as relações de trabalho na instituição?
- Como são as relações dos funcionários e as crianças ?
- Como são as relações das crianças com as outras crianças?
- Na sua opinião, o que provoca mais conflitos nas relações dentro da instituição?
5. Como você percebe que deve ser o vínculo com as crianças que estão acolhidas? Fale um pouco sobre isso.
6. Você trabalha diretamente com bebês? Como é realizar essa função? Fale-me das dificuldades e facilidades desse trabalho.
- Quais os critérios de contratação para alguém trabalhar com bebês nesta instituição?
- Qual é a rotina dos bebês?
7. Os bebês interagem com outros bebês? E com outras crianças? O que pensa dessas iterações?
- As crianças interagem?
- Quais os momentos?
- Os bebês interagem?
- As crianças brigam? por quais motivos?
- Elas são carinhosas ou cuidam umas das outras?
- Os adultos possibilitam momentos de brincadeiras e/ou outras interações?

ANEXOS

ANEXO A - Autorização Judicial

AUTORIZAÇÃO JUDICIAL

Excelentíssimo Juíz

Considerando a escassa produção científica e a necessidade de ampliação de pesquisas e disseminações de conhecimentos que possibilitem compreender melhor o desenvolvimento de bebês em situação de acolhimento institucional, por meio deste pedido, solicita-se autorização judicial para a realização da pesquisa intitulada: *Possibilidades comunicativas e emocionais na interação de bebês com outras crianças, em contexto de acolhimento*", com o objetivo de investigar melhor nas interações entre crianças, o desenvolvimento de recursos comunicativos e das expressões emocionais que constroem por meio das trocas sociais. Este trabalho esta sendo realizado sob a orientação da professora Dra. Kátia de Souza Amorim, do Programa de pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Ciências e Letras, USP, de Ribeirão Preto. A pesquisa requer a utilização de imagens das crianças, que deverão ser videogravadas, transcritas para posterior análise, obedecendo aos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando aos aspectos éticos conforme a resolução CNS 466/12 (do Conselho Nacional de Saúde) e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8.069/90).

Em razão do cunho científico do trabalho, bem como para que por meio dele se obtenha melhoria no atendimento das crianças inseridas na rede de atendimento, AUTORIZO a pesquisa, devendo ser observado com rigor o direito ao respeito (art. 17 do ECA) e direito à privacidade (art. 110, V, ECA) das crianças envolvidas, sob as penas da Lei.

13/01/2016

Juíz da Vara da Infância e Juventude
RG
CPF

Cíntia Carvalho (Pesquisadora)
RG:

Kátia de Souza Amorim (orientadora)

ANEXO B - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

FFCLRP

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa
Campus de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/13/-dgfs

Ribeirão Preto, 26 de fevereiro de 2016

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado **"Possibilidades comunicativas e emocionais, na interação de bebês com outras crianças, em contexto de acolhimento institucional"** foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 152ª Reunião Ordinária, realizada em 25.02.2016, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE n.º49131215.7.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue, via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Marina Rezende Bazon
Coordenadora

À Senhora
Cíntia Carvalho
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP/USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3315-9101
Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 23 - casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Homepage: http://www.ffclrp.usp.br - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br